

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

PASTORAL DA JUVENTUDE EM SANTA CATARINA  
E A GESTAÇÃO DE MILITANTES DO MOVIMENTO POPULAR

NORMÉLIO PEDRO WEBER



Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final pelo Interador e Membros da Banca Examinadora, composta pelos professores:

Prof<sup>a</sup> Ilse Scherer-Warren, Dra.  
Orientadora

Prof<sup>a</sup> Maria Helena Tomazini, Dra.

Prof. Paulo José Krischke, Dr.

Florianópolis, abril de 1993.



01802806

78968

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

PASTORAL DA JUVENTUDE EM SANTA CATARINA E A GESTAÇÃO  
DE MILITANTES DO MOVIMENTO POPULAR

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Normélio Pedro Weber

Florianópolis, fevereiro de 1990



À minha esposa Ana Maria e  
aos meus filhos Amanda Elisa  
e Daniel Felipe que se viram  
privados de bons momentos de  
lazer e convívio para que  
esse trabalho chegasse a  
bom termo.

"Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só. Sonho que se sonha junto é realidade".

(Raul Seixas)

## AGRADECIMENTOS

- À orientadora Ilse, pela dedicação, presteza e disponibilidade em auxiliar-me a direcionar este trabalho no sentido de lhe dar a consistência necessária.

- Aos militantes da Pastoral da Juventude, pela acolhida, pela disposição em contribuir com as informações, opiniões sem as quais este trabalho não teria sido viável.

- Aos colegas de curso e aos professores, pelo enriquecimento que a convivência nos deu.

- Aos meus colegas e alunos da UNIVALI, pelo incentivo e pelo auxílio que me prestaram.

- À todas as pessoas que colaboram para que esse trabalho saísse à contento; à Shirlei pela datilografia, aos familiares pelo incentivo, ao reitor da UNIVALI Dr. Edson e ao Sidney pela força que sempre me deram.

## RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre a Pastoral da Juventude em Santa Catarina, seu significado político, suas contradições, sua relação com a hierarquia da Igreja e seu papel no contexto dos processos sociais vividos pela sociedade catarinense.

A Pastoral da Juventude é uma das pastorais que centra esforços no campo político e social, na busca da instauração de uma nova ordem social mais justa, humana e fraterna. Enfrenta, no entanto, dilemas sérios por causa das limitações que lhe são impostas pelo misticismo, dogmatismo e autoritarismo da hierarquia. A Pastoral da Juventude acaba desempenhando um papel significativo na constituição de um imaginário social, da utopia de uma sociedade justa e fraterna.

A pesquisa tenta mostrar a Pastoral da Juventude como um movimento eclesial e que, portanto, participa da ambigüidade do discurso da mesma. Um movimento que busca superar esse discurso na direção de um comprometimento maior com as transformações sociais, mas que se descobre não como um espaço de realização de um projeto político próprio, mas sim, como um espaço significativo de formação de quadros, de preparação de militantes que irão atuar em outras instâncias ou organismos intermediários entre a sociedade e o Estado.

Além de fazer uma análise bibliográfica sobre o papel da Igreja nos processos sociais e nos movimentos sociais em geral, o autor faz uma retrospectiva histórica sobre a Pastoral da Juventude em Santa Catarina, bem como uma análise sobre o

projeto político da Pastoral da Juventude, sobre o seu papel na gestação, difusão e generalização de uma utopia; sobre os seus antagonismos internos e conflitos com a hierarquia, e, finalmente, sobre a sua especificidade no contexto dos novos movimentos sociais.

## ABSTRACT

This work is a study of Youth Pastoralism in Santa Catarina, its political meaning, contradictions, relations with the Church hierarchy and its function in the social context lived by the catarinense community.

Youth Pastoralism is a kind of pastoralism that acts in the social and political field, aiming at the establishment of a new social order, which is just, human and more fraternal.

However, it faces serious problems caused by limitations that are imposed by mysticism, dogmatism and authoritarianism inherent in the hierarchy of the church.

Youth Pastoralism, in the final analysis, represents a significant role in the constitution of an imaginary society, a just and fraternal utopia.

This study also aims to show Youth Pastoralism as an ecclesiastic movement, which thus itself participates in the ambiguity of the discourse of the church. The movement tries to overcome this ambiguity through a more ample engagement with social transformations. However, this is not done through an autonomous political project. Instead, it takes action by setting up task forces and the preparation of militants ready to act in other movements or in organisms which intermediate between society and state.

In addition to a bibliographic analysis of the church's role in social processes and movements in general, the au-

thor makes a historical review of Youth Pastoralism in Santa Catarina, as well as an analysis focussed on the political projects of Youth Pastoralism and its work in the preparation, diffusion and generalization of a utopia. He discusses internal antagonism and conflicts with the hierarchy, and finally shows its specific function in the context of a new social movement.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	I
AGRADECIMENTOS .....	VI
RESUMO .....	V
ABSTRACT .....	VII
SUMÁRIO .....	IX
INTRODUÇÃO .....	01
1 - CONFORMISMO E RESISTÊNCIA NO DISCURSO RELIGIOSO .....	07
1.1 - <u>A Religião e a obtenção do consenso para a conquista de uma hegemonia</u> .....	08
1.2 - <u>A Interação: Religião X Estrutura Social</u> .....	11
1.3 - <u>A Igreja e os Profetas</u> .....	14
1.4 - <u>A Serviço da Conservação ou da Mudança?</u> .....	16
1.5 - <u>A Religião e a Conservação</u> .....	19
1.6 - <u>A Religião e a Mudança</u> .....	23
2 - OS LIMITES E CONTRADIÇÕES DOS MOVIMENTOS SOCIAIS LIGADOS À IGREJA .....	26
2.1 - <u>Os Movimentos Sociais Ligados à Igreja, quanto Movimentos de Iniciação</u> .....	34
3 - A PASTORAL DA JUVENTUDE EM SANTA CATARINA .....	42
3.1 - <u>Histórico</u> .....	43
3.1.1 - Período Anterior a 1966 .....	43
3.1.2 - Período de 1966-1978 .....	46
3.1.3 - A partir de 1978 - A Pastoral Orgânica.	49
3.1.3.1 - Articulação .....	51
3.1.3.2 - Projeto de Sociedade .....	53
3.1.3.3 - A Militância .....	54
3.1.3.4 - Basismo .....	56
3.2 - <u>A Contestação do Autoritarismo</u> .....	58
4 - PASTORAL DA JUVENTUDE, LIMITES E POSSIBILIDADES .....	66
4.1 - <u>Projeto Político e Capacidade de Mobilização</u> ..	68
4.2 - <u>A Utopia, A Mística, O Simbólico</u> .....	87
4.3 - <u>Antagonismos e Contradições</u> .....	105



4.4 - <u>Terminalidade e/ou Continuidade</u> (Uma tentativa. de caracterização) .....	121
CONCLUSÕES .....	132
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	137
ANEXOS .....	141
ANEXO I - Questionário de Pesquisa .....	142
ANEXO II - Roteiros de Entrevistas .....	146

## INTRODUÇÃO

A intenção de realizar uma pesquisa enfocando o papel da Igreja nas mentalidades e na formação ideológica da população e, especificamente, da população jovem, deve-se, em grande parte, ao fato de eu ter vivido durante dez (10) anos em escolas de formação clerical e, depois disso, ter militado durante três (03) anos na Pastoral da Juventude. Isso significa dizer que, passei toda a década de setenta e os primeiros anos da de oitenta envolvido nos debates que agitaram a Igreja e a sociedade latinoamericana nesse período. Foi um tempo histórico rico em contradições e conflitos. Conflitos esses que atingem no cerne, questões como a linha doutrinária e pastoral a ser assumida pela Igreja e, sobretudo, o sentido da inserção política e do papel político a ser representado pela Igreja naquele momento.

O período também é muito rico em função da irrupção dos Novos Movimentos Sociais, pelo raiar da Teologia da Libertação que, por sua vez, provocam o aparecimento de facções antagônicas no interior mesmo da Igreja Católica. O resultado disso são debates acalorados que agitaram os meios científicos, eclesiais e populares nesse período singular na história do Brasil e de outros países latino-americanos.

A idéia de trabalhar com o tema Pastoral da Juventude nasceu nos debates que se estabeleceram no transcurso da disciplina de Teoria dos Movimentos Sociais ocasião em que o projeto começou a se delinear mais claramente.

Pretendo com o presente trabalho, contribuir com o

debate travado, à nível sociológico, sobre o papel da Igreja no contexto dos Movimentos Sociais e, mais especificamente, sobre o sentido e o papel da Pastoral da Juventude neste contexto.

Através do estudo empírico, das prática e debates realizados no interior da Pastoral da Juventude de Santa Catarina, pretendo explicitar, considerando o papel desempenhado pela Igreja Católica no contexto social, o sentido, a razão de ser, o papel político e a importância da Pastoral da Juventude nos processos sociais; suas contradições internas, seus conflitos e a sua especificidade no contexto dos Novos Movimentos Sociais e no movimento geral da sociedade em sua busca de melhores condições de sobrevivência.

= Descrição da Pesquisa:

A idéia da presente pesquisa originou-se de um paper escrito como trabalho final para a disciplina, Teoria dos Movimentos Sociais. Este fazia um apanhado histórico dos Movimentos de Juventude Católica no Brasil, do significado da Pastoral da Juventude no contexto dos Novos Movimentos Sociais e da Ação Pastoral nos processos sociais e políticos modernos.

A temática que me propus a pesquisar, me é bastante familiar uma vez que minha formação pessoal e intelectual deu-se em seminários de formação clerical e, posteriormente, cheguei a coordenar a Pastoral da Juventude na Região de Itajaí.

Essa proximidade e familiaridade com o tema trouxe, como é de se supôr, algumas facilidades na consecução do projeto, mas também, trouxe várias e sérias dificuldades para um

trabalho que se pretende científico.

Em termos de facilidade, o conhecimento da linguagem própria, do peso e da valorização dada a cada conceito no discurso do grupo pesquisado, foi de uma relevância ímpar na compreensão daquilo que estava em debate, do que se estava dizendo bem como daquilo que o discurso estava ocultando ou ignorando. Para uma pesquisa de cunho qualitativo penso que esse fato foi, muito importante porque permitiu a participação do pesquisador nos debates que se realizavam. Apropriado dos códigos tornou-se possível questionar aquilo que os pesquisados não revelavam, aquilo que eles escondiam.

Não bastasse isso, o fato de ter sido membro dos quadros da Pastoral da Juventude dava aos pesquisados a certeza de que estavam lidando com um deles e não com um estranho. Isso trouxe duas vantagens: primeiramente, facilitou o acesso aos grupos, às reuniões, aos encontros. Não sofri qualquer tipo de restrição. Muito pelo contrário, em toda as regiões pesquisadas, a solicitude em me prestar as informações e facilitar o meu trabalho foi uma marca positiva. Em segundo lugar, a minha presença não provocava a tendência, normal nessas ocasiões, de camuflar os antagonismos e conflitos. Não havia aquele medo de que se falasse o que não se queria que fosse dito. Não havia a preocupação de que havia um estranho presente que poderia levar uma imagem ruim e divulgar essa mesma imagem. A sinceridade nos depoimentos, com toda a certeza, é bem maior nessas circunstâncias.

Mas, essa proximidade e familiaridade que foi tão benéfica, também trouxe em seu bojo alguns problemas que foram fatores altamente complicadores.

O primeiro desses fatores complicadores é justamente aquele do militante-pesquisador estar voltando para casa e se sentir de fato, um militante e, ao invés de fazer pesquisa, assumir o discurso da população objeto da pesquisa, envolver-se a tal ponto de só visualizar o lado positivo, o ideal. Ou seja, foi necessário muito policiamento metodológico para não se cair na idealização do discurso ou na ignorância de aspectos ou mesmo da totalidade dos fatos reais em nome de um ideal tipo previamente formulado. Esse dilema foi enfrentado durante todo o transcurso da pesquisa e, principalmente, na fase de redação.

O outro problema sério foi o fato de que como o pesquisador já conhecia bem o movimento-alvo, de saber das suas deficiências e ter em mente o que acreditava ser o ideal para a Pastoral da Juventude trazia a todo o momento a tendência de valorar dados da pesquisa. De acentuar e conferir maior ou menor importância a respostas e dados em função daquilo que pensa deveria ser o papel correto da Pastoral da Juventude.

= A Estrutura do Trabalho:

Quanto à estrutura do trabalho, ele está constituído de quatro partes distintas. Nas duas primeiras partes a intenção é estabelecer parâmetros teóricos. É um trabalho bibliográfico discutindo, na primeira parte, a relação entre religião e sociedade. Cotejando Otto Maduro com Eder Sader, Luiz Alberto Gomes de Souza, Pierre Sanchiz, Henrique Dussel e outros, procura discutir o papel da religião, mormente da Igreja Católica, nos processos históricos e na dialética da sociedade, principalmente a questão da conservação ou da mudança.

Já na segunda parte, o foco centra-se no papel da Igreja com relação aos Novos Movimentos Sociais. Ou seja, discuto as contradições advindas de uma Igreja que patrocina e dá cobertura a movimentos sociais mas ao mesmo tempo lhe impõe limites bastante sérios.

A terceira parte aborda a questão histórica dos movimentos da Juventude Católica nas últimas décadas. Seu movimento interno e seu papel social especificamente no decorrer do período de governo autoritário pós-64.

A quarta parte trata da pesquisa de campo em si. Em linhas gerais discuto o significado político da Pastoral da Juventude, as diferentes linhas teórico-metodológicas, o relacionamento com a hierarquia e a sua específica razão de ser.

No campo utilizei três procedimentos metodológicos distintos: a entrevista, o questionário e a observação participada em reuniões e encontros.

Através das entrevistas procurei buscar a opinião de lideranças, ex-lideranças e assessores da Pastoral da Juventude. As entrevistas visaram extrair reflexões com maior profundidade, uma discussão ampliada sobre as questões mais significativas para a Pastoral da Juventude. Em outros termos, através das entrevistas pretendi uma contribuição mais qualitativa dos meus pesquisados.

Em termos de amostragem, esses entrevistados são oriundos de todo o Estado. Especificamente das Dioceses de Florianópolis, Joaçaba, Chapecó, Caçador, Rio do Sul e Lages.

Com os questionários, por sua vez, busquei os elemen-

tos mais quantitativos para a pesquisa. Eles foram aplicados em grupos de jovens que se reúnem semanalmente. As questões averiguadas são mais superficiais em termos de conteúdo mas cujas informações tornam-se significativas como dados de comprovação e sustentação das interpretações feitas a partir da observação e das entrevistas. Os questionários, em termos de amostragem, foram colhidos na região Oeste do Estado onde os grupos estão compostos predominantemente por jovens originários do meio rural, trabalhadores agrícolas na maioria, portanto. Esta opção deve-se ao fato de ser essa a região do Estado onde o movimento possui maior influência.

O terceiro procedimento foi a participação em reuniões de grupos nas Dioceses de Florianópolis e de Chapecó, e em encontros de lideranças, assessores e coordenadores à nível de todo Estado.

Além disso, muitas das informações foram colhidas em um conjunto de documentos, basicamente relatórios de reuniões e encontros nacionais e regionais de assessores da Pastoral da Juventude, no período entre 1979 e 1989.

A pesquisa de campo foi realizada no primeiro semestre de 1989.

## 1 - CONFORMISMO E RESISTÊNCIA NO DISCURSO RELIGIOSO

Existe diversos e diferentes pontos de vista com relação ao papel que desempenha a religião no complexo social. Duas posições contrastantes e até mesmo mutuamente excludentes sobressaem a diversas outras concepções intermediárias.

A posição mais estruturalista propõe que a estrutura social determina e define o papel da religião. A religião é condicionada, para esses teóricos, pela estrutura social e, em consequência, conformada a ela.

Otto Maduro é um dos teóricos mais proeminentes que defende esse posicionamento. É por essa razão que neste trabalho ele aparece, no contraponto que pretende estabelecer, como o defensor desse ponto de vista.

Por outro lado, existem pensadores como Eder Sader, João Carlos Petrini, Luis Alberto Gomes de Souza e diversos outros que defendem posições contrárias àquela. Para eles, a religião tem um papel bem mais significativo no sentido de ser capaz de influir decisivamente nas estruturas da sociedade.

Os conflitos sociais e a ação religiosa (crenças e as práticas) se dão no interior de uma sociedade de classes e interação entre si influenciando-se reciprocamente. A ação religiosa tanto pode ser um monumental instrumento de manutenção da dominação de classes imperante como pode servir como ponto de partida para uma ação visando uma outra ordem social pela gestão de uma nova cosmovisão, diferente daquela que está dominante.

É necessário lembrar, também, de que a influência da



religião é tanto mais significativa sobre a vida e a ação de grupos, indivíduos e sociedades quanto maior for a dependência deste em relação às forças sobrenaturais e quanto mais influente for a prática e crença religiosa no seus cotidianos.

Para Otto Maduro, toda a ação religiosa se dá no seio de uma sociedade em conflito e é uma atuação realizada por indivíduos e grupos objetivamente situados na estrutura de classes dessa sociedade. Ela se dá no interior mesmo do conflito de classes. "É uma ação atravessada, limitada e orientada por tais conflitos"<sup>(1)</sup>. Ainda, segundo este ponto de vista, o sistema que os atores religiosos vivem e pregam varia de acordo com as condições sociais objetivas dos mesmos. Em outros termos, a situação de classe social à qual o indivíduo ou grupo (atores e discípulos) estão adscritos ou na qual se encontra pelos condicionantes estruturais objetivamente dados, delimita e orienta a visão de mundo e as práticas religiosas do grupo. Isso significa dizer que a ação dos grupos e indivíduos está condicionada (não determinada) pela realidade (social, econômica e política) concreta em que se encontram inseridos. Mas, "uma classe social, é uma realidade móvel e mutante, multiforme e heterogênea"<sup>(2)</sup>. Razão pela qual não é estática, mas provisória. Essa dinamicidade das classes sociais provoca inadequações na cosmovisão, na atuação de indivíduos e grupos. As transformações provocadas pela dinâmica conflitiva das classes sociais impõe essas limitações e orientações às religiões obrigando-as a se transformarem sob pena de extinguirem-se. É por esse viés que se torna mais simples compreender a afirmação de Leonardo Boff em entrevista no Programa Canal Livre quando afirmava que ou a Igreja Católica na América Latina mudava a sua ação e o seu discurso, ou seria abandonada pelos fiéis.

### 1.1 - A Religião e a Obtenção do Consenso para a Conquista de uma Hegemonia

Segundo Max Weber, a legitimação da dominação se dá precisamente pelo sentido que faz para os agentes sociais implicados.

Nesse sentido, a atribuição de significado é fundamental para que se consiga junto aos dominados o consenso que venha a justificar e tornar "natural" a dominação.

Os grupos dominantes necessitam, pois, da religião para criarem esse consenso que é conseguido via atribuição de significados, via mundo simbólico.

Todo bloco de classes ou classe isolada que é dominante ou que está em vias de tornar-se dominante está sumamente interessada em exercer a coerção, em impôr-se pelo poder que possui, mas, está muito mais interessada em conseguir junto ao conjunto da sociedade e, mais especificamente, junto às camadas subalternas, o consenso ao seu domínio. Ou seja, pretende que o seu poder, a sua visão de mundo, os seus valores, a sua dominação, sejam aceitos tacitamente como naturais, corretos e universais.

É exatamente nesse aspecto, da gestação de um consenso tácito da dominação como inevitável, natural, boa (por causa do conceito "ordem" necessária) e generosa, que a religião pode ser,

---

(1) MADURO, Otto. Religião e Luta de Classes. Vozes, Petrópolis, 1981, p. 99.

(2) IDEM. Pág. 101.

como realmente tem sido, um aliado indispensável das camadas dominantes da sociedade. A religião, pregando a aceitação da realidade como fruto da vontade de Deus, seria, sem dúvida, um portentoso aliado para eternizar a dominação social do grupo hegemônico.

É nesse sentido que Gramsci<sup>(3)</sup>, ao abordar a questão do bloco histórico, afirma que a classe se mostra objetivamente interessada em implantar a sua hegemonia, isto é, quer de novo um consenso em torno do seu domínio. Touraine<sup>(4)</sup> por sua vez, demonstra que toda a classe dominante tem interesse em tornar-se classe dirigente. Tornar-se classe dirigente significa ter o maciço apoio de todas as classes para o modo de gerir e conduzir a sociedade.

A busca desse consenso obriga as classes dominantes a comprometer boa parte do seu poder material para conseguí-lo. Mas isso só não basta. As camadas dominantes necessitam, além disso lutara para aprofundar o seu poder simbólico para muito além do seu poder material (econômico, político, militar). Esse poder simbólico reside precisamente no moral, educacional, artístico e eminentemente, no religioso.

As classes dominantes tendem a submeter, pois, o campo religioso à dinâmica da dominação de classe com a finalidade de consolidar a sua dominação e instaurar a sua hegemonia.

Mas esse processo, lembra Maduro<sup>(5)</sup>, não depende da

---

(3) SOUZA, Luiz A.G. de. A JUC: Os Estudantes Católicos e a Política. Petrópolis, Vozes, 1984, p. 33.

(4) IDEM. Pág. 45.

(5) MADURO, Otto. Op. Cit.

consciência nem dos desejos ou intenções explícitas daqueles que fazem o discurso das classes dominantes mas é tanto mais eficaz quanto menos consciência explícitas houver do processo que se está realizando. Ou seja, quanto menos consciência esses atores sociais tiverem do seu papel, quanto mais estiverem convencidos de que o que estão fazendo é melhor para todos, quanto mais acreditarem que estão certos, quanto mais exercerem o papel de inocentes úteis, tanto mais eficazes serão no cumprimento da sua tarefa.

Isso significa dizer que a adesão dos indivíduos, ou melhor dos atores sociais, normalmente não é intencional e consciente e que é muito mais eficiente exatamente pelo fato de eles serem inocentes úteis. Melhor, por acreditarem que a cosmovisão que difundem é a verdade pronta, acabada e inquestionável, e não uma visão parcial a partir dos interesses do grupo dominante.

Por mais coeso que seja o bloco hegemônico, sempre persiste uma certa resistência dos dominados. Resistência, essa que nem sempre se manifesta necessariamente na forma de rebelião coletiva, consciente e organizada, mas muitas vezes, sob a forma de busca de compensação. Ela é subjetiva mas pode ser despertada pela constituição de um outro mundo simbólico, de uma nova utopia.

A classe dominada está constantemente em busca de conseguir o máximo de autonomia possível. Isso por sua vez, se acha diretamente em conflito com o interesse da classe dominante em conseguir estabelecer a própria hegemonia.

Isso faz, também, com que o ator religioso que atua no seio das classes subalternas vai sentir-se, de certa forma,

limitado na sua tarefa de condicionar a sua visão de mundo, no sentido que interessa aos dominantes. Isso se dá, por causa do interesse dos dominados em conseguir uma certa autonomia.

## 1.2 - A Serviço da Conservação ou da Mudança?

O discurso religioso está, pois carregado de um potencial que tanto pode provocar uma grande mobilidade social bem como um imobilismo crasso nos movimentos da sociedade. Ele tanto pode deflagrar movimentos sociais e ações de mudanças, como pode servir para alienar e tornar passivos os agentes sociais.

João Carlos Petrini<sup>(6)</sup> em sua obra: CEBs, um novo sujeito popular, traz à tona uma citação de Berger: "a religião aparece na história como uma força que pode manter o mundo e também sacudi-lo."

Isto é, ela tem potencial de contestar a ordem estabelecida e inventar uma utopia que por sua vez, pode conduzir, os homens a uma revolução social. Ao mesmo tempo, contém em si um potencial alienador capaz de tornar opaca a realidade.

Ele exemplifica isso com a prática da festa popular no interior. Ela serve para fazer esquecer o cotidiano e fugir dele mas, ao mesmo tempo, está carregada de um potencial de contestação mantendo vivo o desejo de outro estilo de vida, alimentando a imaginação de uma ordem radicalmente diferente, de abundância e gratuidade.

São as pessoas humanas que produzem suas relações sociais com ações limitadas por uma determinada cosmovisão que compartilham. Toda a visão do mundo, no entanto, realiza a abertu-

ra para certas possibilidades e efetua a exclusão de outras. Cada tipo de cosmovisão limita e orienta as possibilidades de produção, reprodução e transformações das relações sociais.

Um dos aspectos fundamentais de toda a religião, é, exatamente, proporcionar uma determinada cosmovisão a seus adeptos que lhes permita situar-se, orientar-se e atuar em seu meio ambiente sócio-cultural. A religião limita e orienta a conduta dos grupos de crentes.

As religiões podem influir na produção, reprodução e transformação das relações sociais, portanto.

Os funcionalistas não entendem dessa forma. Para eles a religião desempenha geralmente as mesmas funções sociais: a coesão social, a sacralização da estrutura social e assim por diante. Isto é, convergem para a manutenção do equilíbrio harmônico interno de cada sociedade. A religião tenderia, no entender da escola funcionalista, em prol da manutenção do equilíbrio harmonioso de cada sociedade.

Parece-nos, no entanto, pouco sustentável que a religião em todo o tempo e toda a parte se funde em um mesmo conjunto estático de funções sociais. Essa postura funcionalista é, pelo menos, preconceituosa. Isso seria a negação da dinamicidade da sociedade desde que se aceite que a religião muda com a sociedade. As religiões podem variar conforme a história, a estrutura e a conjuntura de cada sociedade e de cada sistema religioso particular, bem como a única maneira cientificamente válida de estabelecer as funções sociais da religião é pesquisá-la no

---

(6) PETRINI, João Carlos. CEBs: Um Novo Sujeito Popular. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, p. 40.

seu contexto social concreto. A generalização proposta pela escola funcionalista é, no mínimo, problemática.

As funções que a Igreja Católica executou, por exemplo durante os anos de instalação do Estado autoritário/militar no Brasil são contrárias às que desempenhou no período de desestabilização do mesmo regime. Da mesma forma como a função desempenhada pela religião católica na Diocese de Chapecó/SC é bem diversa àquela que ela desempenha na Diocese de Joaçaba no mesmo Estado.

Isso significa dizer que as funções desempenhadas pela religião num determinado contexto social são variáveis ao mesmo tempo que o grau de influência da religião sobre a sociedade também é variável. Por exemplo, um discurso emitido pela Igreja Católica pode deflagrar, em certas circunstâncias e locais, uma guerra civil ou um golpe de Estado, esse mesmo discurso, em outro país e até mesmo no próprio país mas em outras circunstâncias pode merecer o mínimo de atenção.

Não podemos esquecer, entretanto, que toda a religião tende a uma totalização da experiência individual e coletiva. Organiza as experiências dos grupos e pessoas em referência a forças sobrenaturais. É por isso que comunidades onde a religião desempenha papel central, o peso da religião tem importância decisiva na conduta coletiva.

As classes dominantes têm interesse e condições materiais para usar a religião no sentido de ampliar a sua dominação e conquistar e ampliar a sua hegemonia.

Como se dá isso?

Quando uma classe é hegemônica, procura atrair o maior

apoio possível para sustentar e conservar essa hegemonia, buscam alianças com os setores quantitativa e qualitativamente mais influentes na sociedade. A religião pode ser uma aliada fabulosa uma vez que produza discursos que legitimem, sacralizem e apresentem como desejada por Deus a organização social pretendida pelas classes dominantes. Mas, também, pode ser uma grande aliada dos grupos ou movimentos que ameaçam a posição dominante da referida classe quando, através das práticas e dos discursos, desqualificam, dessacralizam e apresentam como não querida por Deus essa mesma organização.

### 1.3 - A Religião e a Conservação

No mínimo, o que as classes dominantes esperam da religião é que ela não produza práticas ou discursos que favoreçam a luta das classes subalternas.

De que maneira o clero pode colaborar com as classes hegemônicas?

Um clero compenetrado, identificado e endividado com as classes dominantes tenderá a desqualificar e dessacralizar qualquer prática ou discurso que dêem sinais de estarem opostos aos interesses das classes dominantes na sociedade.

Como isso se dá?

Produzindo um discurso religioso alheio aos conflitos fundamentais da sociedade concreta. Um discurso que negue a legitimidade da luta contra essa divisão social. Que não responsabilize as classes dominantes pela pobreza, analfabetismo, etc. , que considere as classes dominantes como as únicas capazes de



resolver os problemas da sociedade, que aceite a realidade como "natural", que promova a aceitação da ordem econômica e social como "normal". Que apresente os detentores do poder como depositários de autoridade sagrada e os dominados como pessoas que devem aceitar a condição subalterna em troca da recompensa ulterior. Que condene a luta de classes ou a apresente como inexistente, e, até mesmo, pela sua ausência em momentos significativos do movimento popular.

Mas não é só através da inculcação de um conjunto de conceitos referenciais e práticas adequados aos interesses dos dominantes que um sistema religioso desempenha a função conservadora.

Outra forma é a de promover a expropriação dos meios de produção religiosa. Uma população que auto-produza o seu sistema religioso (indígenas e negros, por exemplo) em função de suas condições objetivas de vida sempre cria obstáculos à dominação. É em função disso que o dominador tende a despojar essas populações da própria produção de sua visão de mundo e levar até ela uma outra, que está mais adequada aos seus interesses e que seja elaborada, produzida e divulgada por um pequeno corpo de funcionários (clero) mais fácil de ser captado e controlado.

Todos os processos de conversão religiosa que a história registra dão conta desse fato: a tal conversão não é uma conversão a um determinado sistema religioso ou crença e sim a uma determinada visão de mundo, a um determinado conjunto de valores que interessa ao novo dominante. A conversão dos povos bárbaros é, por exemplo, na realidade e via religião, uma conversão aos valores e à cosmovisão do Ocidente Cristão. A conversão dos povos indígenas latino americanos nos séculos da colonização, a

conversão dos povos africanos no final do século XIX dão conta dessa realidade: a conversão é uma conversão a uma determinada cosmovisão que interessa ao dominador, a um determinado conjunto de valores que venha a contribuir para a satisfação dos interesses do grupo que se impõe.

É procedente a afirmação de que um sistema religioso quando se organiza e dá origem a uma Igreja, exerce na sociedade de classes uma função conservadora.

Uma Igreja conta com um público de massa estabilizado e multi-classista. A tendência da Igreja será sempre conservar o seu público, reproduzindo laços que os unem cada vez mais e, na medida em que é multi-classista e abriga conflitos internos, tende a produzir um discurso ambíguo para satisfazer a todos.

No dizer de Maduro<sup>(7)</sup>:

"toda a Igreja tende a produzir um discurso religioso unitário e ambíguo, e que tem como uma das principais e inevitáveis funções conservadoras ocultar, deslocar e superar simbolicamente, na transcendência, os conflitos sociais inerentes a toda a sociedade de classes."

Essa função conservadora é sempre mais eficaz enquanto permanecer em estado não consciente para os atores religiosos e seu público. É por essa razão que, por exemplo, a reflexão sobre o papel histórico desempenhado pela Igreja Católica no correr dos tempos é muito perigosa na visão da hierarquia e merece condenações tipo o silêncio imposto à Frei Leonardo Boff. A consciência desse fato pode fazer com que muitos membros do clero se nequem a continuar com o discurso anterior, por exemplo. Nos

---

(7) IBIDEM. Pág., 184.

movimentos sociais mais recentes e, especialmente, na Pastoral da Juventude, essa reflexão tem sido a chave para a mudança de postura e para todo um questionamento e a um conflito com a hierarquia da Igreja.

A Igreja ainda contribui para a conservação social por sua luta e vontade de manter-se dominante em relação a outras Igrejas ou seitas e pela sua estrutura hierárquica e centralizada.

#### 1.4 - A Religião e a Mudança

Procuramos deixar claro, anteriormente, que a religião exerce uma função conservadora na sociedade. Temos que mostrar agora que isso não se dá necessariamente. Ou seja, que as religiões podem desempenhar papéis que auxiliam a luta das classes subalternas na luta pela autonomia e contra a dominação.

O fato de a religião vir a desempenhar um papel significativo para uma possível mudança de ordem social depende também, da consciência e intencionalidade dos atores religiosos. No entanto, depende também das condições sociais concretas. Isto é, as condições sociais concretas condicionam, de certa forma, o discurso religioso. A Teologia da Libertação, por exemplo, nasceu porque tornou-se impossível, para um bom número de membros do clero, continuar com o discurso tradicional numa realidade objetiva tão contundente como a da América Latina.

As classes subalternas para transformar as suas condições de existência, dependem da capacidade de desenvolver uma visão de mundo diversa da das classes dominantes. Especialmente se tiverem uma visão predominantemente religiosa do mundo. Isto é,

se elas se orientam e se situam no mundo por essa visão religiosa. Para os grupos sociais com essa visão, a capacidade de transformar a sua condição social depende de sua capacidade de construir uma nova visão religiosa do mundo, diferente da dominante. Necessita construir um novo mundo simbólico.

Mas não é só a nível de cosmovisão que a Igreja pode contribuir com a estratégia de construção da autonomia das classes subalternas. Ela pode, por exemplo, contribuir com a formação da consciência de classe, no sentido de classes dominadas, e subalternas, dessacralizando as classes dominantes e apresentando a luta contra a dominação como querida por Deus. Pode, também contribuir para melhorar o nível e até mesmo para ajudar na organização das classes subalternas através de reuniões e encontros periódicos e, até mesmo, ao nível da mobilização dessas classes sobretudo quando existem conflitos declarados entre um sistema religioso comum às classes dominantes e outro exclusivo das subalternas.

Maduro<sup>(8)</sup> observa que, em grande parte, o potencial "revolucionário" dos movimentos sociais na América Latina deve-se ao fato de sacerdotes terem se tornado uma espécie de intelectuais orgânicos dos setores subalternos. O funcionário (religioso) é solicitado por esses grupos para sistematizar, exprimir e dar respostas às aspirações e necessidades das mesmas. No geral, esse grupo minoritário do clero, que em momentos de crises sociais, de enfraquecimento dos laços entre Igreja e os grupos dominantes e de desenvolvimento dos movimentos sociais, assumem esse papel de intelectuais orgânicos fazem-no condicionados pelas exigências e as condições objetivas de vida nos setores subalternos da sociedade em questão. As transformações teológicas

que daí surgem originam uma cosmovisão que causa grande impacto. É o caso da Teologia de Libertação.

No pensamento de Procópio Camargo<sup>(9)</sup>, a religião pode ser um elemento de ruptura, de mudança social, na medida em que o conceito de Deus e os conceitos conexos de sua perfeição e da nossa perfectibilidade servem de estímulo, de desafio para que a criatura oprimida lute contra a miséria real.

Da mesma forma, Pierre Sanchiz<sup>(10)</sup>, acredita que a utopia do reino de Deus, da construção de uma sociedade fraterna é, de fato, um projeto político para a construção de uma nova sociedade.

---

(8) IBIDEM. Pág., 184.

(9) CEBRAP. Novos Estudos. nº 17, maio de 1987.

(10) SANCHIZ, Pierre. Igreja e Questão Agrária: um posfácio. In: PAIVA, Vanilde (org.). Igreja e Questão Agrária. São Paulo, Loyola, 1985.

## 2 - OS LIMITES E CONTRADIÇÕES DOS MOVIMENTOS SOCIAIS LIGADOS À IGREJA

A Igreja Católica, através de um de seus segmentos, enquanto gestadora de um discurso que origina e desenvolve movimentos sociais, ao mesmo tempo em que anima e deflagra os movimentos, também se presta ao papel de inibir os avanços que estes poderiam vir a fazer. Neste capítulo pretendo analisar essas contradições e limites vividos pelos movimentos sociais patrocinados pela Igreja.

Analisando o aparelho religioso pela ótica gramsciana, Pedro A. Ribeiro de Oliveira, concebe o papel da religião, como sendo o de construção e/ou solidificação de uma hegemonia:

"Um aparelho de hegemonia funciona na medida em que veicula representações, isto é, na medida em que as idéias e práticas simbólicas que ele produz ou sistematiza são transmitidas e incorporadas à consciência e à prática dos atores sociais. Veiculando representações religiosas, o aparelho age sobre a consciência, a vontade, os sentimentos de indivíduos e grupos, de modo a guiar os seus comportamentos. Por isso ele é um aparelho de hegemonia: exerce uma direção intelectual e moral sobre grupos sociais, atuando pela adesão da vontade, e não pela força e pela repressão física".(1)

Isso significa dizer que o aparelho religioso, uma Igreja, através dos seus intelectuais e demais funcionários pode provocar práticas sociais, a nível do simbólico, que provoquem avanços significativos no processo de organização popular em busca de mudança social, mas ao mesmo tempo, pode ser um freio

---

(1) OLIVEIRA, Pedro A.R. de. Religião e Dominação de Classe. Vozes, Petrópolis, 1985, p. 296.

às iniciativas e avanços dos movimentos sociais por ela deflagrados uma vez que os valores gestados podem vir a conflitar com as necessidades e estratégias da luta encetada. Essas representações do real, a nível de mentalidade, podem gerar uma potencialidade transformadora uma vez que gesta valores de uma possível sociedade melhor, mais justa, mais fraterna. Mas ao mesmo tempo pode originar representações que consagrem o que está posto no cotidiano das pessoas como inevitável, como "mal" necessário, como etapa de purificação.

Estar sob o controle ideológico/doutrinal de uma Igreja é, por si só, uma limitação séria para esses movimentos sociais ligados a ela. A Igreja encontra-se comprometida com a necessidade de manter e acrescentar prosélitos, tem necessidades materiais a serem supridas, status quo a ser garantido e um corpo doutrinal a ser mantido na "ortodoxia". Manter a sua autoridade e pseudo neutralidade impede a Igreja de se comprometer mais decididamente com as lutas populares pela mudança efetiva das relações sociais de produção e reprodução da vida, pois isso pode significar a perda do seu status que, uma vez que pode indispor-la com as elites, suas aliadas históricas, e pode até mesmo comprometer a autoridade da hierarquia, ciosa do seu poder.

O resultado disso são um discurso e uma prática ambíguas que provocam avanços e recuos e impõem sérias limitações à movimentos que deflagram.

Em *Classes Populares nos Caminhos da História*, Luiz Alberto Gomez de Souza trata dessa ambiguidade no interior do discurso e da prática da Igreja Católica no Brasil Contemporâneo lembrando que ela tem tido um papel decisivo seja para for-

talecer a hegemonia das classes dominantes ou, ao contrário, para torná-la cada vez mais precária. Segundo esse autor, nas últimas décadas houve um esforço para modernizar a instituição católica e "pô-la em dia com o mundo urbano e capitalista das classes dominantes e de suas aliadas históricas, as classes médias" (2).

Assim os movimentos da Ação Católica nos anos 30 e 40 bem como as várias transformações do Vaticano II se destinavam a melhor adaptar a Igreja a

"uma modernidade da qual estava defasada, já que sua história se ligava tanto às classes tradicionais da aristocracia rural quanto às populares, mas pouco tinha a ver com os novos atores que tentavam exercer a dominação e a direção da sociedade. (...)

Setores avançados na Igreja das últimas décadas nada mais eram do que adaptadores da instituição ao mundo moderno(...)

Há aí um progressismo ambíguo, radicalmente diferente daquele que rejeita e quer superar o mundo moderno.(...) Assim houve, na década de 50, setores da Igreja do Brasil interessados numa pastoral do desenvolvimento que pareciam estar na vanguarda. Logo depois eles seriam os maiores adversários da Teologia da Libertação e da nova pastoral popular" (3).

Exemplo crasso desse dualismo na prática da Igreja Católica no Brasil ocorreu por ocasião do golpe militar de 1964 quando alguns membros do clero e associações de leigos posicionaram-se ao lado dos reprimidos, encarcerados e exilados enquanto boa parte da Igreja caminhava nas Marchas da Família com Deus pela Liberdade que preparavam e festejavam o advento da

---

(2) SOUZA, Luiz Alberto G. de. Classes Populares e Igreja nos Caminhos da História. Petrópolis, Vozes, 1982, p. 149.

(3) IDEM



ditadura.

Durante os anos do autoritarismo, os lugares do culto foram tornando-se um espaço protegido onde ao mesmo tempo se rezava, o povo ia falando dos seus problemas, da vida concreta e sofrida. Esse espaço, é claro, existia em função do poder e do prestígio da instituição. Ali, aos poucos, os assim chamados agentes pastorais vão se comprometendo com as classes populares e suas lutas e descobrindo as responsabilidades de possíveis "intelectuais orgânicos) dos setores populares. Assim surgem as CEBs, a Pastoral da Terra, do índio, do operário e, também, da juventude.

Eder Sader<sup>(4)</sup> chama a nossa atenção para o fato de que a Igreja Católica ou alguns setores intelectuais dentro dela, criam, nesse período e em função da realidade concreta, produzem uma nova matriz discursiva capaz de aglutinar os anseios de setores populares através da constituição de um mundo simbólico que irá direcionar esses anseios e dar origem a novos sujeitos históricos coletivos.

Nas décadas de 60 e 70, a repressão e a injustiça institucionalizadas levaram setores da Igreja a refletir sobre essas questões à luz, por exemplo, da mística dos primeiros cristãos perseguidos em Roma. A crítica das injustiças e à pobreza crônica é fundada sobre a doutrina católica do direito natural do ser humano, filho de Deus. Mas, segundo Sader<sup>(5)</sup>, o momento decisivo da instauração do novo discurso se dá com a declaração

---

(4) SADER, Eder. Quando Novos Personagens entram em Cena. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

(5) IDEM

de Medellín<sup>(6)</sup> que gesta um mundo simbólico, um tipo ideal de sociedade sem exploração, sem pobreza, sem materialismo e onde o homem seja respeitado pela sua dignidade de filho de Deus.

Medellin redireciona uma série de conceitos teológicos e que terão um simbolismo significativo para os movimentos ligados à Igreja e a sua utopia social, a nível de código para interpretar os processos sociais vividos pelos diferentes grupos.

Povo de Deus<sup>(7)</sup>, por exemplo, ganha o significado de clérigos e leigos reunidos em uma comunidade que se forma em torno da Palavra de Deus quando antes se dizia respeito muito mais à instituição, à hierarquia. Implícito está, agora, o reconhecimento da religiosidade popular.

Salvação<sup>(8)</sup> passa a significar a conquista de condições de vida mais humanas e não apenas a recompensa em outra vida pelas boas obras praticadas nesta. Implícito está que, para muitos não é imperativo mudar a estrutura da sociedade.

Já com relação à família permanece o velho discurso: a norma do recato, da obediência à "lei divina", mantendo assim a Igreja como pilar da ordem social.

Com respeito ao pecado, ele é predominantemente social, mas a sua origem é pessoal. Medellín vê a injustiça, a pobreza e a miséria como pecado, como fatos coletivos mas cuja

---

(6) N.B.: A conferência de Medellín visava adequar as decisões do Concílio Vaticano II à situação real e concreta vivida pelos povos da América Latina.

(7) e (8) Leia-se: BOFF, Leonardo. Igreja Carisma e Poder. Petrópolis, Vozes, 3. ed., 1982, p. 204.

origem e base é o egoísmo das pessoas.

"A originalidade da mensagem cristã não consiste tanto na afirmação da necessidade de uma mudança de estruturas, quanto na insistência que devemos pôr na conversão do homem!" (9)

Isso equivale a dizer que a mudança da sociedade se dará pela via subjetiva, ou seja, a conversão do homem a novos valores. O que significa dizer que o egoísmo dos indivíduos é o responsável pelo desequilíbrio social. É necessário ressaltar, no entanto, que há aqui uma controvérsia muito grande. Muitos teólogos que incorporam referenciais marxistas na sua análise, discordam frontalmente dessa posição. Este é, contudo, o conteúdo dos sermões: convertem o homem para mudar a sociedade.

A idéia de que a salvação se dará através de comunidades sendo a Eucaristia o centro, o local da partilha, da comunhão, é, no entanto, carregado de intenso significado na direção da constituição dos novos sujeitos coletivos populares de que fala Eder Sader no seu Quando Novos Personagens Entram em Cena<sup>(10)</sup>. Essa posição indica que o lugar da salvação é a comunidade que nada mais é de que o sujeito coletivo formado pelas comunidades que vai buscar a solução para os problemas mais imediatos, bem como os estruturais. É ali que se constitui e se elabora uma identidade bem como "se organizam práticas através das quais seus membros pretendem defender interesses e expressar suas vontades, constituindo-se nessas lutas enquanto sujeitos coletivos"<sup>(10)</sup>.

---

(9) Bispos da América Latina, Conclusões de Medellin, Ed. Paulinas, 1984, p. 10.

(10) SADER, Eder. Op. cit. Págs. 145-55 e 11.

Transparece muito nitidamente no discurso de Medellín toda a ambiguidade e dualidade do discurso eclesial. Percebe-se claramente o espírito conciliatório entre os grupos ou a ala mais profética ou radical com a ala mais moderada (VIDE título 4.3). Entre aquela que pretende instituir uma nova ordem social e aquela que identifica como causa de todos os males, o egoísmo subjetivo. Constata-se a existência de um problema mais amplo, social, estrutural derivado do sistema capitalista de produção mas em diversos trechos afirma-se que a conversão religiosa é a solução mais adequada e competente para o problema. Sempre é importante lembrar que este discurso e esta postura não é homogênea. Para muitos, há a necessidade de uma ação que leve a superação de ordem vigente. Uma ação que leve a superação até mesmo do sistema capitalista.

Apesar de as comunidades e movimentos que surgem a partir de Medellín criarem um espírito crítico e uma certa autonomia, esta não se dá de forma absoluta porque está vinculada ultimamente à hierarquia. É esta que prepara e fornece os agentes pastorais e assessores que exercem tanto o papel de intelectuais orgânicos quanto o de polícia doutrinal no sentido de manter a unidade, a ortodoxia, a coesão e evitar cismas e rupturas. Sendo que esta última função é exercida predominantemente pelos agentes religiosos.

É nesse sentido que Gomez de Souza cita o estudioso Thomas Bruneau, segundo o qual há no catolicismo brasileiro "uma grande correlação entre a reação da Igreja em direção à mudança social e as ameaças de natureza política à geração de exercício da influência".<sup>(11)</sup>

---

(11) SOUZA, L.A.G. de. A JUC: Os Estudantes Católicos e a Política. Petrópolis, Vozes, 1984.

A afirmação de Gramsci, citada pelo mesmo autor, vem a colaborar com essa perspectiva:

"a força das religiões e, principalmente, da Igreja Católica consistiu e consiste em que elas sentem fortemente a necessidade da união doutrinal de toda a massa religiosa e lutam para que as camadas intelectualmente superiores não se separem das inferiores".<sup>(12)</sup>

É o zelo pela continuidade do poder e da influência que também foi possível perceber na entrevista do Teólogo Frei Leonardo Boff a um programa Cnal Livre da Televisão Bandeirante quando afirmou que ou a Igreja fazia a opção pelos pobres, pela Teologia da Libertação, ou perderia sua influência e seus adeptos na América Latina.

A imputação do silêncio ao próprio Frei Leonardo e a D. Pedro Casaldáliga são provas evidentes de que a hierarquia mantém-se vigilante e impõe limites ao próprio discurso teológico bem como às práticas mais agressivas e comprometidas com a causa dos pobres. A Igreja (entendida por hierarquia) não aprecia exercer o papel de vanguarda, sem dúvida. A hierarquia sempre se posicionou como esteio moral da sociedade e enquanto tal prefere servir de retaguarda, de aguardar os acontecimentos, de servir de ponto de apoio e não de sair decididamente na frente.

Contudo, há um novo modo de pensar, após Medellin, que gera ações diferenciadas. A maioria dos movimentos surgidos dentro e em torno da Igreja expressam as suas demandas não mais como pedidos de favor mas como clamor por justiça, o que significa a consciência de que há direitos que foram negados.

---

(12) IDEM. Pág. 3.

Na verdade, o objetivo principal bem como as ações e as práticas das comunidades e movimentos patrocinados pela Igreja nem sempre intentam a instauração de uma nova estrutura social mas, geralmente, a gestação de novos valores e novos sentidos nas ações humanas e que visam, em última instância, a promoção dos indivíduos conclui Eder Sader. E acrescenta:

"Usando as categorias do discurso religioso - a verdade e a justiça, a Palavra de Deus e o Povo de Deus, o Pecado e a Libertação - os discursos pastorais aplicaram-nas a temas profanos, da experiência cotidiana de seus membros. Constituíram-se assim sujeitos imbuídos de fé numa luta terrena pela justiça social".<sup>(13)</sup>

Visa, pois, em última instância, na maioria das vezes e dos casos, mais humanidade, mais equilíbrio, paz sem contudo ameaçar o sistema vigente. Em alguns casos, porém, pode até mesmo fundamentar lutas radicais pela transformação social. Existe essa potencialidade latente.

## 2.1 - Os Movimentos Sociais Ligados à Igreja, enquanto Movimentos de Iniciação

Andrés Opazo qualifica a importância da Igreja nos movimentos sociais, especialmente na América Central, como uma prática teórica. Segundo ele, o movimento religioso

---

(13) SADER, Eder. Op. cit. Pág. 167.

"produz permanentemente a interiorização de certos conteúdos de consciência, de certas representações sobre o social, e em geral sobre o sentido da vida, de caráter totalizador e altamente convincentes, de onde se desprendem certos valores que atingem profundamente o social, proporcionando elementos de julgamento sobre a ordem em vigor".(14)

Isso implica em se dizer que há uma introjeção de significados, dá-se uma visão do real/social, as pessoas envolvidas no movimento adquirem conceitos que lhes permitem uma melhor decodificação, uma determinada leitura do real. Isso por sua vez, tem potencialidade para gestar uma ação com uma "dimensão gnosiológica e uma dimensão ética".

O mesmo Opazo percebe que o movimento religioso não possui uma base social específica mas uma composição múltipla. Isso explica o fato de não possuir uma ação própria, específica mas a sua inserção em reivindicações de movimentos específicos. A mensagem religiosa é genérica, vai na direção de ajudar a conquistar os direitos das populações oprimidas, independentemente do tipo ou da intensidade da opressão ou do grupo oprimido. É uma mensagem de libertação sem maiores preocupações com a prática libertadora.

A esse respeito, para Paulo Krischke a presença da Igreja para a convocação e início de um movimento específico é significativo um vez que

"ajuda a superar a heterogeneidade social e cultural do bairro, pois transcende entre os moradores as suas diferenças

---

(14) OPAZO, Andrés. "El movimiento religioso en Centroamérica: 1970 - 1983", In: \_\_\_\_\_. Daniel Camacho j Rafael Menjivar (org.), Movimientos Populares em Centroamérica, S.José, C.R.: EDUCA, 1985, p. 143-99.

particulares, interesse de classe e outros, às vezes contraditórios".<sup>(15)</sup>

Já Ana Maria Doimo entende a religiosidade como um componente cultural, elemento de aglutinação e de motivação à participação e unificação, por consequência.<sup>(16)</sup>

Por não existir, portanto, na proposta religiosa que é difusa, um corpo teórico fechado, a análise religiosa do social é superficial e leva a uma tomada de consciência e até de uma postura crítica perante o real mas não é um projeto prático delineado e especificado. Não há uma estratégia política definida nas minúcias, razão pela qual consegue ser uma impressionante força aglutinadora das mais diversas tendências.

Outro componente que também contribui para que a proposta religiosa atinja essa força aglutinadora, e Doimo bem o assinala, é a dimensão "sagrada" da Instituição Igreja. Isso reveste as questões com uma força superior concedendo aos movimentos a ela ligados um respeitável espaço bem protegido de movimentação.

Com relação ao esclarecimento da questão das ambiguidades e contradições que aparecem nas relações entre a Igreja e os movimentos sociais, penso que Doimo, teve uma contribuição muito significativa. Ela, de certa forma, contesta as posturas céticas como a de Roberto Romano segundo a qual a mudança de postura da Igreja nada mais é do que uma renovação dos "instrumentos de domínio"<sup>(17)</sup>. Ela estaria fazendo a crítica ao Estado

---

(15) In: KRISCHKE, Paulo e MAINWARING, Scott. A Igreja nas Ba-  
em Tempo de Transição. Porto Alegre, L&PM, 1986,  
p. 189.



não para substituí-lo mas sim para reafirmar-se diante dele e para assegurar a adesão e o seu controle sobre as camadas oprimidas da sociedade numa postura claramente proselitista, de manutenção do seu "status quo" e do seu poder no contexto do Estado e da sociedade.

A autora em questão (Doimo) não nega, na realidade, que haja essa preocupação na hierarquia mas atenta para o fato de que, apesar disso, "as mesmas estratégias que preservam a Igreja foram úteis do ponto de vista do avanço dos movimentos sociais". (18)

Isso é, essa postura produziu ou possibilitou avanços dos movimentos sociais e isso, por si só, já é muito importante. A autora lembra também, e isso é muito significativo, porque é muito forte na Pastoral da Juventude, que essa postura conduz a uma reflexão para dentro da própria Igreja. A instituição é questionada e criticada provocando um processo antagônico no interior da estrutura eclesial e que pode vir a ser o elemento de transformação da própria instituição.

---

(16) DOIMO, Ana Maria. Os rumos dos Movimentos Sociais nos Caminhos da Religiosidade. In: KRISCHKE, Paulo e MAINWARING, Scott. A Igreja nas Bases em Tempo de Transição. Porto Alegre, L&PM/CEDE, 1986, p. 102.

(17) IDEM. Pág. 117.

A relação entre Igreja e Movimentos Sociais é, de fato, contraditória. A instituição está realmente preocupada com a sua aceitação entre as camadas empobrecidas da população impressionantemente majoritária, em reafirmar-se como muito poderosa diante do Estado, mas ao mesmo tempo, oferece um espaço de atuação e organização aos movimentos e contribui significativamente com a reflexão sobre a situação real e concreta dos seus membros gestando consciência e posturas políticas. Ela ajuda as pessoas, os fiéis a perceberem a sua situação de explorados e oprimidos, mas se estes ficarem restritos a apenas isso, nada acontece. Razão esta pela qual os militantes iniciados nos movimentos ligados à Igreja irão atuar mesmo, de fato, na esfera pública e privada, em movimentos mais importantes no sistema produtivo da sociedade.

Eder Sader, ao analisar essa dualidade ou dicotomia presente nos movimentos de base religiosa, registra o fato de como os intérpretes e militantes desses movimentos falam com insistência do "cotidiano" como lugar de resistência, "base de onde se gesta um projeto autônomo das classes subalternas", que contrasta "com as manifestações de conformismo, da vida repetida, da reiteração não crítica de uma opressão silenciosa", e convoca-nos a ver o cotidiano em sua ambiguidade, como local de "conformismo e resistência expresso numa consciência fragmentada da cultura popular".<sup>(19)</sup>

---

(18) IBIDEM. Pág. 118.

(19) SADER, Eder. Op. cit. Pág. 141.

Há momentos na práxis da Pastoral da Juventude e das demais pastorais em que dá a impressão de estarmos lidando com uma forte tendência messiânica. O sagrado quase sempre representa a legitimação das reivindicações. São grupos de pessoas, em geral, da mesma posição social, negativamente privilegiados. No dizer de Max Weber, "camadas sociais páreas"<sup>(20)</sup>. Mas há também pessoas oriundas dos setores intermediários da sociedade inconformados com a degradação da vida humana e desejosos da instauração de uma nova ordem social.

Esses grupos, privados de algum direito, desvalorizados de sua dignidade acabam por atribuir-se, em função da sua fé, uma missão especial que lhes é conferida por Deus, pelo sagrado. Podem não conseguir aquilo porque lutam, mas serão, com toda a certeza, recompensados pelo seu esforço, mesmo não exitoso, em uma vida ulterior. A recompensa virá e isso os anima a lutar. Se não neste mundo com a construção do "Paraíso Terrestre", mas com toda a certeza no outro, mundo. A "Providência" não os abandonará.

"Toda a necessidade de salvação é expressão de uma indigência, e por isso a opressão econômica ou social é fonte eficaz do seu nascimento, embora de nenhum modo exclusivo".<sup>(21)</sup>

A resolução dos problemas sociais e políticos passa sempre pela vontade divina. É a vocação. Todos se sentem chamados a realizar a tarefa da qual a divindade os incumbiu. Con-

---

(20) In: QUEIROZ, Maria Isaura.

(21) IDEM. Pág.

funde-se nesse tipo de movimentos de caráter messiânico, a esfera do sagrado e a esfera do profano, do político e do social. A crença serve como tomada de consciência dos conflitos sócio-políticos. É por demais importante para esse tipo de movimento a crença de que o mundo será um dia completamente transformado, anulando-se todas as injustiças, sofrimentos e opressões, desaparecendo a doença e a morte. Ou seja, a possibilidade do "Paráíso Terrestre" é a grande fonte de alento para um movimento pouco racional e que se inspira na utopia e na finalidade do seu Deus. Não crêem apenas na parusia mas professam-se confiantes na possibilidade de o movimento histórico ter fim, de haver um ponto de chegada nesta terra.

Esses tipos de movimentos são, sempre, movimentos sociais iniciais. Servem de ponto de partida, são criadores mas que nunca conseguem levar até o fim o seu projeto de transformação em função dos limites impostos pelo seu caráter próprio: o sagrado, o transcendental, a fé.

Nesse sentido, as pastorais são sempre, enquanto movimentos sociais, movimentos iniciais, muito eficientes para a deflagração da ação e da reflexão crítica. Mas, incapazes de levar a cabo o seu projeto pela sua pouca consistência racional e pela tremenda carga mística que abarcam. O mesmo sagrado que serve de estímulo para as lutas sócio-políticas, também oferece respaldo para o conformismo, a conservação. Da mesma forma como uma ala da Igreja pretende a sacramentalização da vida, do cotidiano, outro setor apresenta o sagrado como transcendental, como distante do real para estabelecer uma experiência mística com a divindade.

Não podemos, contudo, discordar de Pierre Sanchiz<sup>(22)</sup> quando este afirma que a "sociedade fraterna", que os movimentos eclesiais e as pastorais pretendem implantar, seja um projeto político de sociedade. Utópico, é certo, mas não deixa de ser um projeto. A utopia e o mito que, segundo Sanchiz, se expressam no simbolismo, são alimentos, são imagens socialmente motoras, impulsionadoras, e o sagrado pode servir de legitimação, da ação política desses movimentos. E, nesse sentido, a religiosidade exerce, de fato, um papel de mola propulsora e de retroalimentação dos movimentos sociais. Provocam o movimento, dão a ele consistência e, principalmente, perseverança diante dos obstáculos e percalços.

---

(22) SANCHIZ, Pierre. In: Vanilde Paiva (org.). Igreja e Questão Agrária. São Paulo, Loyola, 1985, p. 274-9.

### 3 - A PASTORAL DA JUVENTUDE EM SANTA CATARINA

O golpe de 1964 acontece num momento em que os jovens do mundo inteiro, do Brasil e também de Santa Catarina se encontram no centro de vários movimentos políticos. A década de 1960 tem a marca de forte presença da juventude nos movimentos sociais.

A participação da juventude no governo populista-reformista de João Goulart, fez dela um dos centros de preocupação do Estado autoritário. Em outras palavras, a juventude, a universitária especialmente, é vítima favorita da repressão e da violência do Estado de Segurança Nacional especialmente por terem sido eles que lideraram os primeiros movimentos de contestação ao Estado implantado em 1964.

O movimento de juventude em Santa Catarina sofreu todo o impacto resultante disso. Teve suas vítimas até mesmo em pleno processo de "abertura", como por ocasião da visita do Presidente Figueiredo, os estudantes foram responsabilizados e alguns líderes presos com a acusação de terem provocado os tumultos registrados na ocasião.

Apesar de ter se constituído nos primeiros anos do Estado Militar Autoritário a principal força de contestação ao regime, enquanto movimento social, os movimentos de juventude têm tido, no Brasil, importância secundária.

Ao turbilhão provocado pelo AI-5, pouca coisa sobreviveu a nível de movimento popular. Dentre todos os movimentos de juventude a pastoral de juventude vai paulatinamente ocupar

um espaço importante nos espaços que a Igreja abre, para a reivindicação e contestação. A Igreja é praticamente o único espaço que se apresenta imune a repressão.

A Pastoral da Juventude, patrocinada pela Igreja, parece ser o único movimento de jovens a ocupar um papel significativo no interior do movimento popular nas duas últimas décadas. Nesse período ela passou por grandes transformações internas e encaminhou-se para além das sacristias e Igrejas, numa preocupação com o social, com a justiça, com o pobre, com a transformação da sociedade. Essa transformação acontece num processo de choques de idéias e procedimentos entre diferentes alas e posturas no interior do movimento e no interior da própria Igreja Latinoamericana.

Na medida em que a própria Igreja sofre um grave conflito interno entre alas mais progressistas e as conservadoras na medida em que a própria hierarquia da Igreja apoia o golpe num primeiro momento e, posteriormente, a Teologia da Libertação, aparece como a grande e nova força que influencia movimentos populares, a Pastoral da Juventude está sujeita a toda essa dinâmica interna da Igreja. Passa pois por momentos de puro espiritualismo e outros de maior concentração.

### 3.1 - Histórico

#### 3.1.1 - Período Anterior a 1966

Em Santa Catarina como de resto em todo o país os Movimentos da Juventude Católica, são das poucas organizações populares que sobrevivem à repressão e isso se deve ao caráter próprio desse movimento que em distintos momentos possui dife-

rentes características e posturas diante do global da sociedade.

A partir de 1930, o movimento de jovens no Brasil é marcado pela presença da Ação Católica. Especialmente no período pós-concílio Vaticano II, década de 60, é através da Ação Católica que os leigos no Brasil conquistam espaços dentro da Igreja e em consequência disso, iniciou-se o processo de uma fé socialmente comprometida. Isto é, fé e compromisso social passam a andar juntos.

Quem coloca de forma especial em evidência essa dimensão de compromisso social decorrente da fé são exatamente os movimentos de jovens: JAC (Juventude Agrária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica), JIC (Juventude Independente Católica), JOC (Juventude Operária Católica) e JUC (Juventude Universitária Católica). Deles todos, o único movimento que conseguiu perpassar o turbilhão autoritário (1964) foi a JOC. A JOC sobreviveu porque era "mais sensível aos problemas pessoais e à evangelização"<sup>(1)</sup>, por isso continuo com o apoio da Igreja e não perturbou o "Estado". A hierarquia da Igreja pretende demonstrar que é possível ser cristão e operário ao mesmo tempo. A JOC não incomodava nem ao Estado nem à hierarquia da Igreja.

Em Santa Catarina a JOC não teve expressão significativa. Aliás, apesar de ter sobrevivido à 1968, pouco ou nada representou para os movimentos populares ou para um avanço maior da sociedade civil em busca de democratização.

---

(1) SOUZA, L.A.G. de. JUC: Os Estudantes Católicos e a Política.  
Vozes, p. 253.



Os movimentos de Ação Católica eram movimentos específicos, isto é, visavam objetivos específicos, visavam resolver problemas específicos à sua situação concreta. Partiam de uma análise da realidade. Esta perpassava por um julgamento a partir das verdades evangélicas e culminava numa ação a nível muito mais reivindicatória do que de construção de uma nova sociedade.

Cada movimento, dentro de sua especificidade ( a JUC e JEC com os estudantes, a JOC com os jovens operários, etc.) , reivindicava, na realidade, melhorias para a sua situação específica, sem contestar o Estado ou o Sistema em geral.

O acontecimento de 1964 veio a colocar em xeque esses movimentos. A Igreja enquanto instituição oficial, apoiava o golpe e os Movimentos, a princípio, permaneceram apreensivos. Passado algum tempo, mais especificamente, com a chegada do ano de 1966, os movimentos de Ação Católica passam a contestar o Estado autoritário e seus métodos. Como não podia deixar de ser, por possuírem e estarem mais próximos das informações, os estudantes, a JUC e a JEC, percebem mais cedo e mais claro a nova situação criada a qual passam a contestar, junto com outros Movimentos. A repressão não tarda. A JUC contesta com veemência a atitude colaboracionista da Igreja, o que provoca o rompimento com a CNBB. A JUC, lideranças e militantes de outros movimentos como a JIC, a JEC e a JAC, optam por desligar-se da Igreja e criar a Ação Popular, um movimento dirigido contra o Estado autoritário, objetivando a transformação e democratização do mesmo.

A repressão do Estado autoritário e os desentendimentos com a hierarquia provocaram, pois, o fim dos Movimentos de

Ação Católica, com exceção da JOC que conseguiu sobreviver, cooptada no entanto. Isto é, foi susceptível aos apelos da Igreja no sentido de aceitar com paciência e moderação a exploração a que estavam submetidos. Foram doutrinados a aceitar a ordem estabelecida como a ordem "natural" e necessária das coisas. Isto é tornado possível pela presença muito efetiva e intensa do clero junto à JOC e pela desinformação e má informação de que são vítimas.

A Ação Popular, conjuntamente com a UNE, tem participação decisiva nos movimentos de 68 que conduziram aquilo que, Moreira Alves chama de "fim do segundo ciclo de liberalização"<sup>(2)</sup>, caracterizado pela decretação do AI-5, que desencadeou o mais violento movimento repressor do período.

### 3.1.2 - Período de 1966-1978

Em resposta à nova situação política, a repressão a todo e qualquer movimento de contestação, o aniquilamento pelo uso da violência, trouxe à luz um novo tipo de movimento de jovens com posturas de não confrontação com o Estado. Esse novo movimento juvenil ficaria sob o domínio total e controle absoluto da Igreja e manter-se-ia alheio à qualquer participação política, à qualquer confrontação com o Estado. Permaneceria nos limites da instrução religiosa e da preocupação com a fé e conversão pessoal.

O movimento que surge então e se difunde pelos país é o Encontrismo, inspirado no movimento de adultos, chamado Cursinho de Cristandade.

Os encontros são um movimento que se abstém totalmente de qualquer preocupação social. Difunde-se uma fé ingênua e sem comprometimento. Não possui nenhum reflexo sobre o político, bem como não propõe qualquer projeto de transformação da sociedade. Sua preocupação é com o espiritual e o pessoal. A esfera política e social não deve ser tratada ali pois pertence a outros setores, a outros extratos da sociedade.

Os participantes do movimento originam-se de classes melhor abastadas e são preponderantemente urbanos. Estes jovens estão acomodados à sua situação social e não vêem nenhuma necessidade de transformação das estruturas. É um movimento conservador e não contesta o autoritarismo do Estado de Segurança Nacional. Não contesta, e, conseqüentemente, não representa nenhum perigo aos donos do poder e ao Estado, não sendo assim vítima da repressão generalizada da época.

A linha doutrinária do movimento de Encontro é espiritualista e personalista. O mal não está na sociedade, ele está no interior dos homens. É fruto da revolta interior que, por sua vez, advém da não aceitação das coisas por causa do egoísmo que faz com que cada um só queira as coisas para si. Neste caso, a solução para todos os males é a conversão pessoal. Esta é a forma de erradicação do mal. A metodologia do impacto emocional é a que melhor se adapta para provocar um processo de conversão. O pecado, o mal, têm origem no egoísmo individual. O objetivo maior é, pois, a conversão do indivíduo.

---

(2) MOREIRA ALVES, Maria Helena. Estado e Oposição no Brasil (64-84). Petrópolis, Vozes, 1985.

O movimento é dirigido por adultos oriundos do movimento de cursilho que visavam, além do mais, a aceitação pacífica por parte dos jovens, das estruturas autoritárias da família, da Igreja e do Estado. Era um processo de cooptação. Os jovens eram "domados", para inserir-se na sociedade e aceitá-la como fruto positivo e irremediável do devenir histórico. "É assim sempre foi assim e não vai mudar". Contestar as estruturas é um mal. É fruto da revolta pessoal, de um mal estar interior, de desequilíbrio e falta de fé. Um dos objetivos principais era eliminar o conflito de gerações através da aceitação resignada das limitações paternas cuja autoridade não pode e não deve ser questionada, mas aceita porque foi sempre assim, porque assim é melhor. Ser bom implica em aceitar a estrutura autoritária da família porque ela é uma instituição divina indispensável para a formação de homens corretos e bons. Esse tipo de pastoral de Juventude ainda sobrevive em Santa Catarina e de tempos em tempos passa por momentos de intensa revitalização. Isso se dá porque uma grande parcela do clero catarinense é altamente conservador. Reflete, outrossim, uma característica da sociedade catarinense. A religiosidade é extremamente fundamentalista e conservadora e essa pastoral vai de encontro aquilo que os pais pensam e pretendem do movimento: tornar seus filhos mais dóceis e religiosos. "Esses não se metem na política e nessas bandernas de protestos e greve".

Para vencer a oposição e descrença comum aos jovens com relação à religião, usava-se a figura de um Deus mais próximo dos jovens, não distante e nem autoritário. A imagem de Jesus Cristo é trabalhada como o "amigão", um "cara legal", um filósofo, um ídolo ao estilo dos artistas idolatrados na época. A emotividade, enquanto metodologia, era o aspecto mais impor-

tante e gestou um movimento alienado e alienante. Surgiram em Santa Catarina, à época, casas especialmente preparadas para servirem de local onde nos fins de semana realizavam-se os encontros de três dias ao final dos quais, o termômetro para medir a eficácia era a quantidade de lágrimas derramadas. Elas eram o sinal de conversão do indivíduo. Ficaram famosos como locais desses encontros: Nova Trento, Nereu Ramos em Jaraguá do Sul, e o convento do Morro das Pedras em Florianópolis, entre outros.

Mudanças profundas começam a acontecer a partir do final da década de 70 quando o Estado autoritário já se está desgastando e entrando em crise.

### 3.1.3 - A partir de 1978 - A Pastoral Orgânica

Com a Conferência de Medellín acontece no interior da Igreja Católica da América Latina o início de uma profunda revisão de posturas e atualização da doutrina. Medellín, em 1969, propunha-se a adaptar as resoluções do Vaticano II para a situação concreta da América Latina. Nasceu a partir daí a Teologia da Libertação, que promove uma retomada das idéias e da vivência de Jesus Cristo em sua passagem pela Palestina. A nível doutrinário, a principal novidade é uma visão do mundo e da história a partir do social. O pecado deixa de ser predominantemente pessoal para ser primordialmente social. O pobre é a preocupação principal e o autoritarismo passa a ser contestado, o que conduz, naturalmente, a uma crítica da própria hierarquia da Igreja.

Os novos ventos gerados por Medellín, bem como o flo-

rescer dos novos movimentos sociais, invadem e perpassam a Igreja e a conduzem a assumir posturas mais abertas, mais democráticas e mais comprometidas com o povo. A década de 70 é marcada por essa dinâmica, que vai gerar uma nova pastoral de juventude, permeada pela Teologia da Libertação. No interior do movimento os grupos mais comprometidos, mais ligados a certos setores progressistas do clero, provocam uma dinâmica interna. Desencadeia-se um processo antagônico entre os grupos do encounterismo tradicional e os novos grupos, mais comprometidos com a realidade concreta da América Latina. Membros do clero progressista assumem, contanto, o papel de intelectuais desse movimento na qualidade de assessores tentando evitar com isso um afastamento das diretrizes da Igreja.

A Conferência de Puebla, em 1979, foi uma confirmação de que a fé é compromisso social, que a Teologia da Libertação tem razão de ser, na medida em que a realidade latinoamericana, é contundente. A pobreza e a opressão são drásticas. Além disso, Puebla faz uma opção preferencial pelos jovens e pelos pobres.

Em todas as paróquias surgem novos grupos, que passam a articular-se e formar uma nova pastoral, chamada Pastoral Orgânica. Os grupões de amigos, da "oba! oba!" são substituídos por pequenos grupos, enraizados em suas bases concretas nos bairros e vilas. Ali sentem os problemas concretos de pessoas com que vivem, percebem a pobreza, o desprezo, a opressão, e a partir de sua situação concreta, passam a refletir e procurar alternativas.

Essa mudança é bastante tardia em Santa Catarina. Os

movimentos tradicionais, o EMAÚS especialmente, resistem muito à mudança do marco doutrinal. Somente a partir do início da década de 1980 em algumas dioceses e em função da presença de alguns padres que aderiam à Teologia da Libertação, começam a aparecer sinais de mudança aqui e acolá. Quase sempre são grupos tradicionais que redirecionam lentamente o foco de sua reflexão. A vanguarda é exercida, em Santa Catarina, pela pastoral de Tubarão, Rio do Sul e Itajaí. Isso se deve, principalmente à presença ali de assessores, padres, adeptos à Teologia da Libertação. Os casais adultos que dirigiam o movimento são relegados paulatinamente a um segundo plano e posteriormente alijados do movimento. O fato de os próprios jovens assumirem a coordenação do movimento é muito importante para a redefinição dos rumos do mesmo.

A metodologia da reflexão agora volta a ser o VER-JULGAR-AGIR. Consiste em observar a realidade, compará-la e relacioná-la a fatos ou textos bíblicos para, a partir disso, decidir-se por um processo de transformação na prática. Isso tudo não significa, no entanto, que os velhos grupos desapareceram e nem que a nova modalidade do movimento alcance logo a hegemonia. O EMAÚS, o TLC e outros movimentos do gênero ainda sobrevivem por muito tempo em Santa Catarina.

### 3.1.3.1 - Articulação

A partir do final do ano de 1978, mais especificamente a partir do primeiro Encontro dos Assessores e Líderes de Grupos do Bloco Sul (São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul), realizado em Florianópolis, em novembro de 1978 surge a preocupação de uma maior articulação. Ou seja, sente-se

a necessidade de criar uma unidade de orientação e de ação além de um maior congrassamento para que o Movimento alcance uma expressão nacional e se torne significativo no contexto político nacional. Os grupos articulam-se, criando uma coordenação paroquial. Da junção de diversas paróquias, surge a organização comarcal e das diversas comarcas, a coordenação diocesana. As diversas dioceses dão origem aos blocos regionais, e a partir desses, chega-se a uma pastoral nacional. Esse tipo de articulação tem origem em Santa Catarina e fica configurado a partir de 1983.

Essa articulação possibilita a interiorização e periferização do movimento ao mesmo tempo que promove um maior grau de organização que possibilita uma unidade de idéias e ação.

Especificamente em Santa Catarina isso dá origem ao Movimento Juvenil em áreas rurais que é onde atingirão maior influência concreta.

Os assessores formam o grupo intelectual que fixa diretrizes, revê a "caminhada"<sup>(3)</sup> nessa nova organização. Há, no entanto, uma forte tendência basista. As bases do movimento determinam os passos e os projetos que a nível teórico são melhor elaborados pelos assessores. Estes, por outro lado, preocupam-se também em manter a unidade do movimento e que as tarefas e lutas assumidas estejam em função da fé e que o trabalho seja eclesial. Trata-se de zelar para que os avanços não se dêem pa-

---

(3) Obs.: Caminhada é um termo muito comum na pastoral da juventude e vem a significar um processo evolutivo porque passa o movimento e/ou os indivíduos que dele participam.



ra além do controle da Igreja, para que os avanços teóricos não conduzam a uma negação ou contestação das verdades doutrinárias da Igreja.

A transformação da sociedade como tarefa e compromisso derivado da fé aparece com uma frequência incisiva, é o elemento de reflexão fundamental na nova fase do movimento.

### 3.1.3.2 - Projeto de Sociedade

A constatação que os jovens voltam a fazer é a de que a sociedade tal como aí está, "não presta". É injusta. A pobreza é revoltante e o autoritarismo do Estado, dos países, de hierarquia, é injustificável. A reflexão leva à conclusão de que a sociedade capitalista, o capitalismo, é a causa da miséria e de suas sequelas.

A Pastoral da Juventude propõe-se a construir uma nova sociedade, a libertação dos oprimidos, a defesa dos direitos humanos.

A carta de Bogotá, fruto da reunião da Pastoral da Juventude Latinoamericana, afirma que a juventude tem a missão de construir uma sociedade justa. O processo será lento e a transformação deverá ser pela via pacífica.

A nova sociedade não terá classes e nem discriminação; o poder será exercido como um serviço.

A questão que se coloca então é: Como construir essa nova sociedade?

O fato de contestar o capitalismo, poderia induzir-

-nos a concluir que a pastoral da juventude propõe uma sociedade socialista. Parece-nos, entretanto, não ser por aí que vão as aspirações da pastoral da juventude. Uma sociedade mais socializada sim, mas o socialismo tal como tem existido realmente, tenho a impressão que não.

Justiça, direitos humanos, paz, amor, são os valores proclamados não significando, porém, que isso passe por um Estado Socialista.

Enquanto movimento social, a Pastoral da Juventude se confessa impotente para levar a cabo tal projeto. A reunião dos assessores em Brasília (23 a 31/03/85) considera o fato de que a juventude é uma idade de transição e aconselha a militância aos jovens que mais avançaram no processo de conscientização. Os assessores pretendem que aqueles jovens mais conscientes, os mais comprometidos as lideranças, engagem-se numa ação mais concreta para a transformação da realidade. Isto é, reconhecem que a tarefa específica da Pastoral da Juventude, não consiste em vanguardear concretamente a transformação da sociedade, mas em fornecer a outros movimentos indivíduos teoricamente bem preparados, conscientes, para levar avante a vanguardear o processo.

### 3.1.3.3 - A Militância

O 6º Encontro Nacional de Brasília (01 a 06 de dezembro/85), por sua vez, distingue dois níveis ou dois momentos distintos na Pastoral da Juventude. No primeiro momento, desenvolve-se predominantemente a consciência crítica dentro dos grupos e num segundo momento, os indivíduos conscientizados pas

sam à luta, tornando-se militantes na construção da nova sociedade.

Essa militância, entretanto, dá-se no que chamam de organismos intermediários, que nada mais são do que os novos movimentos sociais que eles julgam mais capazes para realizar a transformação: As CEBs, Associações de Bairro, Sem-Terra e Ecológicas, etc.<sup>(4)</sup>

Percebe-se em Santa Catarina que os grupos de jovens são, em geral, os elementos mais atuantes nesses organismos. No Oeste, são eles que imprimem grande dinamismo ao Movimento dos Sem-Terra e movimento contra as barragens do Rio Uruguai. Nos centros mais industriais como Criciúma, Tubarão, Itajaí, Brusque e Joinville atuam na oposição sindical e em partidos políticos de esquerda mais identificados com o movimento social.

Outro fator marcante é que denota a presença da Pastoral da Juventude de Santa Catarina como formador de lideranças está nas CEBs (Comunidades Eclesiais de Base). As CEBs das periferias das cidades bem como do meio rural são em grande parte liderados, fundados e dinamizados pelos grupos de jovens.

A Pastoral da Juventude vê-se limitada, portanto, a desenvolver nos jovens uma reflexão crítica que desenvolva uma consciência crítica sobre a realidade econômica, social e política. Tem, no dizer de Gramsci, de desenvolver uma nova concepção de mundo, capaz de tornar-se hegemônica.

---

(4) Relatório da Reunião da Comissão Nacional de Assesores da P.J. em Brasília, de 20 a 31/03/85, p. 2.

Não resta dúvida de que essa tarefa de conscientização da juventude foi relevante, principalmente na última década do Estado Autoritário, tendo em vista que os demais ambientes, frequentados pelos jovens não conduziam a isso.

Na escola não se refletia criticamente; os meios de comunicação só alienavam, os grêmios estudantis e sindicatos estavam cooptados.

Mais relevante talvez seja o fato de ter chegado através dos grupos de periferia e interior até os jovens mais pobres, mais oprimidos e mais desinformados. Serviu assim de força disseminadora da crítica ao modelo de desenvolvimento e ao regime autoritário implantado no país, sob os auspícios de um capitalismo selvagem.

Isso ocorre a partir de 1978, principalmente, passando contudo, por uma luta interna muito grande com a linha espiritualista que dominava a Pastoral de Juventude.

#### 3.1.3.4 - Basismo

A Pastoral de Juventude porta-se, portanto, como formadora de consciência, como processo alternativo de educação sobre a realidade social. Fornece aos jovens uma visão de realidade distinta da visão burguesa tradicional, levando-os a questionar e criticar os valores, que a sociedade lhes impõe, mas que anteriormente consideravam dados positivos, algo concreto, real e verdadeiro; fatos acabados que deveriam ser incorporados e assumidos para um melhor ajustamento social. A Pastoral fornece a esses jovens um novo referencial de reflexão, a partir da ótica da injustiça, da opressão, da pobreza, que torna o jovem

indignado com o que se passa. No entanto, por ser a juventude uma fase de transição e educação, a pastoral se julga incapaz de liderar o processo de transformação, e os jovens são encaminhados para que militem em setores mais decisivos e capazes de vanguardear as transformações.

A Pastoral de Juventude passou a ter uma articulação e organicidade bastante complexa e bem estruturada. A partir do início da década de 1980, porém, o basismo tomou conta da pastoral de juventude. Todos os trabalhos, toda a reflexão é feita a partir dos pequenos grupos, profundamente enraizados em seus locais de origem. Passa uma preocupação em solucionar os problemas mais imediatos e prementes da comunidade local, e nesse aspecto, a inserção dos jovens nos movimentos de bairro e Comunidades Eclesiais de Base tem sido a tendência predominante. As coordenações paroquial, comarcal, diocesana, regional, nacional, foram transformadas em espaços para trocas de experiências, revisão de "caminhada", definição de rumos e estimulação mútua para a luta nas bases. As coordenações não decidem. Articulam e referendam as decisões das bases. Em outras palavras, houve uma democratização do processo decisório e toda atividade concreta ficou centrada no próprio local ou bairro onde os jovens vivem. Ali é que eles irão atuar e tentarão transformar a sua realidade próxima.

Com relação à inserção do movimento na política partidária percebe-se uma tendência dos membros dos grupos a votarem e até mesmo a lançarem candidatos próprios em partidos de esquerda e nos mais comprometidos com as bases populares e com a maior coerência doutrinária.

O fato de lançar candidatos, ou candidato próprio em

1986 foi considerado um grande avanço e uma necessidade absoluta em função dos avanços do Movimento pela Pastoral da Juventude de Santa Catarina.

A hierarquia da Igreja em Santa Catarina não viu isso com bons olhos e tentou afastar a coordenação estadual do posto, por esse motivo. A hierarquia prefere uma política não partidária.

A participação política da Pastoral da Juventude tornou-se mais ativa em função dos abusos do Estado Autoritário.

Na medida em que esse novo movimento de juventude é contemporâneo do Estado Autoritário e na medida em que o autoritarismo sempre atormenta a população dessa faixa etária, a pastoral da juventude de Santa Catarina e do Brasil faz cântico com toda a população que pretende a superação desse Estado a caminho da democratização.

### 3.2 - A Contestação do Autoritarismo

Os jovens contestam o autoritarismo principalmente porque este está ligado ao tradicionalismo. O adulto (os pais), as autoridades políticas e religiosas personificam e universalizam os valores tradicionais que o jovem contesta, porque significam atraso, conservadorismo.

Em função do fato de estudarem, de possuírem melhores informações, os jovens sentem-se melhor preparados que os adultos, mas estes não lhes permitem a integração, a participação mais decisiva na política e nos postos de direção da sociedade, segundo eles. Dela tornam-se críticos. Percebem as con-

tradições dos valores tradicionais, das injustiças que são camufladas e vistas como "naturais". Passam a preocupar-se com a ordem mentirosa. O conflito de gerações é uma luta de idéias e estruturas. O velho considera-se dono da verdade final. É dogmático, enquanto o jovem, buscando conceitos coerentes, contesta as verdades tradicionais.

A autoridade se confunde com dominação e a dominação é abominável para muitos jovens.

Percebe-se na história da Pastoral da Juventude que ela simpatiza com um Cristo mais próximo, mais real, comprometido com a história do seu povo na luta contra a opressão externa do imperialismo e a dominação de classes internas. Comprometida com os mais pobres. Buscando libertação, pregando a paz, o amor e a concórdia. Jesus Cristo esteve do lado dos pobres abominou os fariseus e combateu o imperialismo romano. Daí a simpatia que a juventude nutre por ele e nele se inspira.

Deus é autoridade, é poder. Quando rezam, falam com o Cristo irmão, e não com o Deus que é Pai. Pai é autoridade a autoridade é dominação. Talvez por isso a Teologia da Libertação tenha conseguido maior sucesso entre os jovens. Ela propõe a transformação da sociedade terrena e não uma mera busca de recompensa celestial<sup>(5)</sup>.

Na contestação da autoridade, a Pastoral da Juventude é um dos elementos que vai acirrar as contradições internas no interior da Igreja Católica.

---

(5) SCHNEIDER, P. Atalábio. Fenomenologia da Juventude. P. 30.

A Pastoral da Juventude coloca-se na vanguarda da ala progressista e na oposição mais diametral à ala conservadora. Os intelectuais da libertação encontram respaldo na Pastoral da Juventude e ali colhem apoio e forma lideranças para labutar nas CEBs, Sindicatos e Partidos, na busca da construção de novos valores para gestar uma nova sociedade. Conjuntamente com a Pastoral da Terra, a Pastoral da Juventude é realmente a vanguarda progressista da Igreja em Santa Catarina. E nessas pastorais, que a Teologia da Libertação ocupa maior espaço e no Oeste, especialmente, as duas se confundem e se fundem com objetivos comuns.

A Pastoral da Juventude contesta a centralização do poder, o autoritarismo conservador da hierarquia católica. O acirramento desse processo conduz a uma dinâmica interna dentro do próprio movimento. A ala conservadora tenta cooptar os grupos de jovens, continuando a linha espiritualista e alienadora comum a característica do período de 1966 a 1976, dos movimentos de encontros, quando os adultos é que coordenavam o movimento, no sentido de corrigir os jovens e resolver os seus problemas pessoais, limitando seu espírito crítico e sua luta política.

Esse processo conduz a uma conotação de luta de classes, na medida em que esses grupos tradicionais agrupam jovens das elites, originários da burguesia, enquanto que os grupos novos, ligados à Teologia da Libertação, são integrados por jovens originados das camadas mais humildes, da periferia, operários ou funcionários de salário mínimo, que vêm fechar-se para eles as melhores opções de emprego e estudo. Os jovens que assumam uma militância percebem isso com certa clareza e isso os le



va a assumirem uma luta mais intensa e concreta nas CEBs, Sindicatos e Partidos.

Os grupos tradicionais encontram-se em fase de extinção, principalmente após a formação da pastoral orgânica, articulada nacionalmente. Apesar disso, em alguns lugares há uma reação relativa dos grupos espiritualistas. O Vaticano tem desenvolvido uma política de conservadorização do episcopado no Brasil. Os novos bispos que estão sendo nomeados são em sua maioria quase absoluta originários dos setores mais conservadores do clero. Isso tem reflexos sobre a Pastoral da Juventude. Na arquidiocese de Florianópolis, por exemplo, com a presença do Bispo Auxiliar, Dom Murilo, um dos fundadores da TLC (Treinamento de Liderança Cristã), EMAÚS, revigoravam um pouco os "encontros", não abalando, contudo, a hegemonia dos grupos alinhados com a linha progressista.

A contestação da autoridade poderia levar a Pastoral da Juventude pelos mesmos caminhos que levaram a JUC e JEC a criarem a Ação Popular fora do âmbito eclesial. Isso contudo não vem acontecendo em grande parte, pela presença de assessores, membros do clero, que, apesar de tudo, acreditam na via pacífica e no espaço protegido que a Igreja oferece. Estar ligado à Igreja dá certa segurança contra a repressão e muita credibilidade junto à massa popular. Por outro lado, o fato de encarar a luta como compromisso de fé, obriga a pastoral a fazer concessões à hierarquia. Esta procura evitar avanços mais radicais, e talvez em função do seu tradicional proselitismo. Parece-nos, no entanto, que a preocupação maior seja evitar a desestabilização da sua autoridade. Os assessores da Pastoral da Juventude, tal como os teóricos da libertação, estão sob constante vigilância,

para evitar uma ruptura bem plausível. Isso vem a confirmar as observações de Gramsci quando afirma que a Igreja usa da censura doutrinária e da disciplina para evitar que as alas mais progressistas avancem para além do permitido, isto é, para evitar a perda do controle sobre a globalidade dos seus membros garantindo com isso a unidade e a autoridade, evitando a "diáspora"<sup>(6)</sup>

Os jovens acusam a Igreja, como "instituição alienante, desatualizada, incoerente e capitalista e tradicionalista", de acordo com o jornal do CONJUSC (Congresso da Juventude de Santa Catarina) de 1985. De acordo com o mesmo jornal a opção pelos jovens ficou restrita ao papel. Isto é, não aconteceu na prática. Além disso, acusa a Igreja de não acreditar nos jovens. Talvez seja em função disso que os militantes decidem-se por agir mais a nível de Sindicatos e Partidos, onde se lhes abrem maiores espaços. Percebe-se que após alguns anos de militância na Pastoral de Juventude, os seus membros dela se afastam por desilusão quanto à possibilidade de um trabalho mais efetivo e mais concreto na busca da construção de um mundo melhor.

O fato é, no entanto, que a Igreja consegue manter, apesar de todas as contradições, a Pastoral da Juventude submetida sob seu controle doutrinal. Isto é, a juventude discute e critica a Igreja, mas continua ocupando e lutando nos espaços que a Igreja oferece, mesmo fazendo concessões.

Observa-se, pois, que a juventude pensa novos valores, uma nova sociedade, mas ao nível da práxis não possui grandes

---

(6) GRAMSCI, A. Concepção Dialética da História. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1986, p. 32.

espaços de luta dentro da pastoral e da Igreja e isso faz da Pastoral de Juventude um movimento de formação de consciência. Não é um movimento terminal, mas inicial. Inicia seus membros de luta por uma sociedade mais justa, mas não tem como levar a cabo o seu protesto.

Parece-nos ser exatamente por esse motivo que a Pastoral de Juventude foi o que sobreviveu durante os anos da repressão. Ela não representava um perigo real ao Estado Autoritário. Não colocava em risco a "Segurança Nacional". Ela estava sob o controle da Igreja e isso era uma garantia de que dali não surgiria a revolução. Além do mais, nada faziam de concreto. Não se pode negar, no entanto, que ela teve um papel relativamente importante na desestruturação e deslegitimação do Estado repressor em função da crítica da disseminação entre a opinião pública das arbitrariedades desse Estado.

A Pastoral de Juventude teve nos últimos anos um papel de relativa importância no processo político-social.

Relativa, porque, em nenhum momento ocupou a vanguarda, mas importante no sentido em que colaborou no desenvolvimento da consciência crítica entre os jovens que passam a militar em movimentos mais significativos dentro do processo de democratização do Estado e da sociedade brasileira. Em Santa Catarina é muito forte a participação dos jovens na área rural, na luta contra as barragens, no movimento dos Sem-Terras, nas comunidades de base, por exemplo.

A Pastoral da Juventude contesta o tipo de sociedade em que vivemos, mas por outro lado, não possui um claro projeto de nova sociedade. O capitalismo "não presta". Mas disso não

resulta que os jovens queiram o socialismo. Também não significa que a juventude esteja apenas preocupada com os seus problemas imediatos (estudo, emprego, etc). Aliás, grande parte dos grupos, em Santa Catarina particularmente, nem faz reflexão em geral por falta de elementos teóricos para isso. O objetivo é buscar melhorias para os mais pobres. Não existe a preocupação de um projeto mais global para o Estado.

De certa forma existe uma nova sociedade que se pretende construir, apesar de ser difícil perceber como será esta sociedade. O que é certo, no entanto, é que ela deve ser construída pacificamente e que todo o procedimento deve ser em função de um compromisso de fé.

A Pastoral da Juventude se confessa incapaz de realizar ela essa tarefa de construção da nova sociedade. Mas ela fornece aos demais movimentos militantes capazes de assumir a vanguarda na luta por uma nova sociedade por possuírem uma consciência crítica bem desenvolvida.

A Pastoral da Juventude, tem, pois, a tarefa de colaborar na gestação de novos valores, de uma nova concepção de mundo, capaz de tornar-se hegemônica entre a massa popular. Possibilitando com isso, a transformação da sociedade.

Por fim, creio que a conclusão à qual chegou Luís Alberto Gomes de Souza, em sua obra: A JUC: Os Estudantes Católicos e a Política, é muito correto. Para ele, "a grande capacidade de crítica, de mobilização e de protesto, logo esmorece se não encontra um movimento popular capaz de uma prática perseverante e eficaz a longo prazo. Sua função (dos movimentos de juventude) é, antes de mais nada, a de abrir caminhos e ante-

cipar questionamentos".

#### 4 - PASTORAL DA JUVENTUDE, LIMITES E POSSIBILIDADES

Os dados de campo desta pesquisa foram buscados, durante o primeiro semestre de 1989, junto aos grupos de jovens organizados sob o patrocínio da Igreja Católica em diversos municípios e dioceses do Estado.

Chamou-me muita atenção a pouca idade dos jovens que compareciam às reuniões semanais ou quinzenais. Essa primeira impressão acabou confirmando uma suspeita, posteriormente confirmada, de que a Pastoral da Juventude havia se transformado definitivamente em uma pastoral de iniciação.

Outra questão que me causou um certo impacto foi a ausência de religiosos e a sua substituição por leigos "melhor preparados"; jovens com uma idade maior ou mesmo casais que exerciam o papel de orientadores, espécie de intelectuais orgânicos e que eram denominados assessores.

O encontro estadual de assessores deu-me a convicção, de que a Pastoral da Juventude estava tentando entender-se a si mesma, clamar suas lutas e seus compromissos, encontrar o seu caminho próprio no contexto da Igreja e dos demais movimentos populares.

Usei basicamente três procedimentos metodológicos na busca das informações que serviram de base de análise. Os questionários aplicados basicamente na região Oeste do Estado, mais precisamente, nas dioceses de Chapecó, Joaçaba e Caçador tiveram como população alvo os jovens que frequentam e participam dos diferentes grupos de jovens.

As entrevistas visavam a obtenção de dados mais qualitativos e por isso foram dirigidos a três alvos distintos: as lideranças de grupos de jovens, aos assessores (religiosos ou não) e a ex-lideranças da Pastoral da Juventude.

O terceiro procedimento foi a observação participada em reuniões de grupos, encontros regionais, cursos e no encontro estadual de assessores.

Fazendo uso desses instrumentos e da experiência vivida anteriormente procurei desenvolver um trabalho que me possibilitasse extrair algumas conclusões sobre o papel político, os dilemas e a especificidade da Pastoral da Juventude enquanto um movimento social de caráter religioso.

#### 4.1 - Projeto Político e Capacidade de Mobilização

Afirmar que a Pastoral da Juventude possui um projeto político<sup>(1)</sup> claro, definido e assumido, enquanto ação conjunta seria um erro primário. Existem discordâncias profundas entre os militantes que se contradizem o tempo todo. Não há, de forma alguma, homogeneidade e nem ao menos, ao que parece, uma clara hegemonia daqueles que acreditam possuir a Pastoral da Juventude, um projeto político definido. E muitos ainda questionam se a Pastoral da Juventude deve ter realmente um projeto político.

O Padre Florisvaldo, assessor da Pastoral da Juventude do Brasil/Centro Oeste, afirma que o assunto deve ser mais debatido e clareado. "Fala-se na transformação da sociedade numa nova sociedade justa e fraterna. Mas só chegamos até aí. Agora a pergunta: que sociedade é essa? Está sem resposta. Ninguém ainda tem coragem de responder isso, ainda não. Existe, isso sim, uma utopia que influencia a prática".

Perguntado se era intenção da Igreja fazer dos jovens militantes políticos, o mesmo padre, afirmou que o setor juventude da CNBB tem essa intenção. "Que sejam militantes que vão priorizar em certos momentos uma ação dentro da estrutura da Igreja, a assessoria e pastorais, animação de CEBs ou então vão priorizar a ação política nos organismos intermediários, partidos políticos e as lutas populares". Ele concluiu colocando os dois parâmetros para ação desses militantes: devem ser "motivados pela fé e iluminados pelos critérios cristãos".

Por critérios cristãos entende-se que devem estar referendados ultimamente aos valores defendidos por Cristo: justiça, fraternidade e igualdade.



Em outros termos conclui-se que o setor do episcopado e clero que recebeu da CNBB a delegação de orientar e dirigir a Pastoral da Juventude, entende que esta tem por finalidade preparar militantes políticos que se distinguem dos demais militantes porque se orientam pelo vetor chamado cristão (critérios cristãos), que tenham embutido na sua luta as verdades da fé e que busquem a implantação de uma sociedade sem injustiça, mais fraterna e igual. Seu projeto é, pois, muito vago e não podemos esquecer que grande parte do clero, dos párocos e coadjutores que lidam diretamente nas paróquias, com o movimento, não possuem essa concepção e procuram excluir e marginalizar da Igreja o jovem que passa a esse nível da militância. Foi isso que concluiu um ex-militante da Pastoral da Juventude, Toninho: "A Igreja apóia o trabalho da gente até certo ponto: até quando questiona a autoridade dela. Dali em diante o trabalho é para desarticular, e desmobilizar e dizer que aquilo não é mais trabalho pastoral ou trabalho da Igreja. Eles incentivam a fazer mas não querem que tu faças".

Há, portanto, limites impostos aos militantes para além daqueles teóricos colocados pelo pessoal responsável pelo setor juventude da CNBB. Ou seja, além dos impulsos da fé e dos critérios cristãos, há outros de origem conjuntural.

Isso tudo nos faz concluir que enquanto projeto político a nova sociedade além de ser absolutamente vaga e indefinida não encontra um consenso mínimo na própria hierarquia da Igreja.

---

(1) N.B.: entende-se aqui por projeto político uma ação política racional, visando objetivos mais ou menos claros e definidos.

Talvez seja por isso que Paulo, o coordenador Estadual do movimento seja taxativo ao afirmar que a Pastoral da Juventude não tem um projeto político e se questiona: "será que deveria ter?". Para ele, a Pastoral da Juventude tem algumas coisas claras. "Quando a gente busca uma nova sociedade, a gente busca uma sociedade socialista, mas o projeto político quem deve ter é o partido político e não a pastoral. Ela pode até ajudar a construir um projeto".

Não é assim que pensa, no entanto, Elcio assessor da Pastoral da Juventude de Caçador. Para ele, "a sociedade justa e fraterna é o projeto da Pastoral da Juventude porque o reino de Deus também é uma política".

É aí que transparece a necessidade de se clarear o que é um projeto político. O que é condicionante para que uma práxis seja um projeto? Uma utopia poderia ser um projeto? O fato é que não existe consenso entre os militantes da Pastoral da Juventude mas eu acredito que na prática a tal "nova sociedade" caracteriza de fato um projeto político uma vez que suscita uma ação conjunta (mais ou menos organizada) uma busca de outra coisa que não se sabe bem o que venha a ser mas se atua, luta, para chegar lá, para ir construindo, sem ter certezas, mas muita esperança.

Esse projeto, a nova sociedade, não é claro, está muito distante, parece inatingível, mas a fé garante que ele é viável. É consenso entre os militantes que se há de chegar lá, que se vai conseguir, mas que é necessário começar já a lutar mesmo sabendo que nada se tem a buscar pois os frutos serão colhidos pelas gerações futuras. Essa certeza, no entanto, que se o jovem de hoje batalhar o do futuro terá um mundo mais feliz, pro

voca uma nova ação, uma busca, e isso caracteriza a existência de um projeto, utópico é certo, irracional talvez, mas um objetivo a ser alcançado.

Parece-nos, no entanto, que a Pastoral da Juventude não é tão importante pelo projeto que possui, pela sociedade que quer construir, mas sim pela análise que ela faz da atual sociedade. Pela reflexão crítica que ela realiza sobre as questões estruturais e conjunturais da sociedade e que vão fornecer aos seus membros uma consistente reflexão crítica sobre a sociedade em que vivemos concretamente e que os faz condená-la e torna-os propensos à militância. Os jovens tomam consciência de uma única certeza: essa sociedade que aí está é injusta, não presta, deve ser mudada. A sua ação e militância deve-se, nesse sentido, mais a conclusão de que o que temos não serve do que motivada por algo diferente que se queira construir. Entendo que o ponto de partida para a militância não é o projeto e sim a situação concreta de vida que os condicionantes estruturais e conjunturais nos impõem no momento.

Foi o que disse, entre outros, Maria Alice coordenadora da Pastoral da Juventude Estudantil de Pinhalzinho: "milito na Pastoral da Juventude porque senti uma realidade. Comecei, a visitar os bairros pobres e as favelas e indo a Minas Gerais vi tanta pobreza e pessoas revoltadas que eu também me revoltei porque eu era acomodada. Eu vi uma realidade diferente e tive vontade de mudá-la. Eu senti que a gente tem essa capacidade".

A reflexão do assessor da Pastoral da Juventude de Pinhalzinho, Alvisio também vai nessa direção. Segundo ele, "a Pastoral da Juventude não tem um projeto político. Está preocupada em transformar mas não tem um projeto claro". Isto é, exis

te uma realidade contundente, insuportável, que precisa ser modificada. Para onde isso os levará é um grande ponto de interrogação.

Projeto nos termos de queremos isto, isso e mais aqui e para chegar até aí precisamos estas, essas e aquelas estratégias, não existe. Existe, isso sim, a certeza de que algo se precisa começar a fazer para modificar o que está posto. Onde se pretende chegar ainda é uma incógnita. Tem-se a certeza de que o inverso do que temos, do que é dado, é possível. É distante, é difícil, mas possível se começarmos já a fazer alguma coisa. O que não se admite é que vendo o que se vê, comparando com o que Jesus Cristo pregou se possa ficar de braços cruzados, sem nada fazer.

Eis que para alguns militantes e assessores já é hora de começar a debater e clarear o tipo de sociedade que se pretende construir pois verificou-se que a absoluta maioria dos jovens do movimento que atingem a militância abandonam a Pastoral da Juventude e a própria Igreja para atuarem em outros organismos. Segundo padre Florisvaldo, muitos vêem a Pastoral da Juventude como "um estágio subdesenvolvido da consciência política" e quando atingem um certo grau de consciência partem para as lutas mais concretas. Mas não é só isso. Entre os ex-militantes fica claro a existência de dois motivos principais que os fizeram partir para outros movimentos. O primeiro é o autoritarismo e conservadorismo do clero e o segundo é justamente esse: a falta de clareza no projeto, falta de um ponto de chegada, de um objetivo claro que canalize as ações. Alguns poucos se atrevem a falar em construção do socialismo, mas também não sabem dizer que socialismo é esse. A maioria absoluta considera

o capitalismo uma etapa a ser vencida, no entanto, apenas isso.

Erasmu que lidera o movimento em Brusque afirma que a Igreja e a Pastoral da Juventude nada perdem com o fato de os militantes fazerem uma opção pelo partido, mas demonstra alguma preocupação pelo fato desses abandonarem a Pastoral da Juventude e a Igreja ao invés de atuarem nos dois espaços conjuntamente. Para ele, "o projeto dos cristãos, apesar de ser avançado, não é algo pronto, ele é um projeto que se baseia em princípios gerais, criados por Cristo. O que falta para os cristãos é discutir com mais clareza de que forma nós faremos esse reino acontecer nessa realidade que temos. O partido é um meio de se criar condições que aproximem a realização da boa nova. Mas não é só o socialismo que fará acontecer o reino. (...) Não é o papel da Igreja dizer qual é o sistema econômico que devemos adotar. O papel da Igreja é alertar para a prática da justiça, a vida, acima de tudo".

O fato incontestado é que o projeto político da Pastoral da Juventude não é claro e de fato é questionável se deveria ser uma vez que a grande força aglutinadora que a Igreja tem demonstrado se deve em grande parte justamente ao fato de não possuir uma proposta fechada e acabada de sociedade, razão pela qual tendências muitas vezes antagônicas, com propostas e projetos totalmente diversos conseguem militar e atuar dentro de um espaço eclesial. Isso fica claro, por exemplo, na questão da opção pelos partidos políticos.

Padre Edolar Pavanello da Gaspar, assessor da Pastoral da Juventude da diocese do Rio do Sul diz que "a gente tenta assumir propostas políticas que melhorem, que se sintonizem melhor com as reivindicações desse povo sofrido. Apoiar aquelas

propostas políticas que melhorem a vida do povo. Não assumimos nenhum partido apesar de a proposta do PT ser mais próxima das propostas da Pastoral da Juventude".

Nesse particular é muito sugestivo e esclarecedor o quadro de candidaturas de membros da Pastoral da Juventude às Câmaras de Vereadores na eleição de 1988. Segundo padre Florisvaldo, a CNBB e a Pastoral da Juventude nacional "vêm com alegria e como resultado positivo do seu trabalho" suas candidaturas. Mas há outros setores, segundo o mesmo, que vêm isso com suspeição. Se perguntam "se ele estava o tempo todo aí porque queria ser candidato, ou se ele é candidato porque estava aí".

Na soma global de que se tem conhecimento foram 89 candidatos ligados à Pastoral da Juventude. Significativo foi o fato de que foram candidatos pelos mais diversos partidos: PDS, PDC, PFL, PMDB e PT (a maioria). O quadro de candidatos foi o seguinte:

QUADRO DE MEMBROS DA PASTORAL DA JUVENTUDE CANDIDATOS  
A VEREADOR NA ELEIÇÃO DE 1988, EM SANTA CATARINA

DIOCESES	PARTIDO						T O T A L
	PDS	PDC	PMDB	PT	PFL		
= Tubarão	-	-	01	02	-	03	
= Joinville	-	-	-	04	01	05	
= Rio do Sul	02	-	-	11	02	15	
= Lages	01	-	02	05	01	09	
= Caçador	-	01	02	21	01	25	
= Joaçaba	01	-	-	03	-	04	
= Chapecó	-	-	-	28	-	28	

Desse total que concorreram foram eleitos um número considerados pelas lideranças da Pastoral da Juventude como bastante significativo. Quinze (15) no total.

QUADRO DE VEREADORES ELEITOS PELA PASTORAL DA  
JUVENTUDE EM 1988

DIOCESES	PARTIDO						T O T A L
	PDS	PDC	PMDB	PT	PFL		
= Tubarão	-	-	01	01	-	02	
= Joinville	-	-	-	-	-	-	
= Rio do Sul	-	-	-	-	01	01	
= Lages	-	-	01	-	-	01	
= Caçador	-	-	01	-	01	02	
= Joaçaba	-	-	-	01	-	01	
= Chapecó	-	-	-	08	-	08	

Foram eleitos 15 (quinze) vereadores ligados à Pastoral da Juventude o que denota que os militantes do movimento atuam dentro dos partidos de forma muito ativa e acreditam que essa é uma via importante para a construção da nova sociedade. É relevante como desses quinze eleitos, dez foram eleitos pelo PT, o que por si só denota que o partido é o preferido pelos membros do movimento. O que não significa, no entanto, que a pastoral direciona seus militantes para o PT. Há, porém, uma grande identidade entre o que propõe a Pastoral da Juventude e o projeto político do PT, onde a nova sociedade ganha contornos mais claros de um projeto de sociedade. Há uma profunda identidade entre as propostas do PT e das pastorais como é o caso, por exemplo, no tocante à reforma agrária, no que diz respeito à dívida externa, participação nos lucros e melhor distribuição

da renda. Essa identidade de propostas logicamente canaliza a ação político-partidária dos militantes da Pastoral da Juventude para as hastes do PT. O que salta aos olhos também é o fato de que, apesar da maioria estar no PT existiram até candidatos pelo PDS e PFL, partidos conservadores tradicionais, o que se deve certamente a questões conjunturais e locais dessa eleição de 88, quando em alguns lugares PDS e PFL representavam oposição ao que estava posto, uma vez serem as únicas siglas que concorriam em oposição ao PMDB que encarnava à época a situação, o governo, o poder. Representava o presente que se estava repudiando.

Questionados sobre o que pensavam do fato de lideranças da Pastoral da Juventude se candidatarem a cargos eletivos, os participantes de grupos assim se manifestaram:

1 - BOM .....	136 pessoas ..	73,91%
2 - RUIM .....	17 pessoas ..	9,23%
3 - INDIFERENTE .....	21 pessoas ..	11,41%

Isto significa que há uma aceitação de militância em partidos e que isso é visto pelos participantes de grupos da Pastoral da Juventude como um processo natural. Que isso deve acontecer normalmente, que a Pastoral da Juventude prepara para isso.

Uma outra questão que precisa ser considerada nesta análise a respeito do projeto político da Pastoral da Juventude é a questão se as pessoas que ingressam nos grupos e ali permanecem o fazem por causa do projeto, por causa das propostas da Pastoral da Juventude ou se é por um outro motivo qualquer.



Com essa intenção perguntamos aos jovens qual o motivo que os levava a participar de um grupo. Duzentos e sessenta e nove responderam e o resultado foi o seguinte:

OPÇÕES APRESENTADAS	Nº	%
1 - Amizade e lazer	39	14,49
2 - Melhoría da Vida Espiritual	79	29,36
3 - Ocupação de tempo vago	09	3,34
4 - Ajudar a melhorar o mundo	126	46,84
5 - Outro	15	5,57

Note-se que entre aqueles que ingressaram, a diferença entre os que o fizeram levados por um projeto e aqueles que o fizeram impulsionados pela busca de um maior cultivo espiritual fica em torno de 20% (vinte por cento); 29,36% (vinte e nove e trinta e seis por cento) busca uma melhoria da vida espiritual e 46,84% (quarenta e seis e oitenta e quatro por cento) buscam um espaço para ajudar a melhorar o mundo.

Nessa mesma direção fizemos uma outra pergunta sobre qual é, na opinião deles, a função da Pastoral da Juventude. O resultado foi este:

OPÇÕES APRESENTADAS	Nº	%
1 - Construção de uma sociedade melhor	161	65,71
2 - Cultivo espiritual	13	5,30
3 - Participação na ação política	65	26,53
4 - Outra	03	1,22

Há uma mudança significativa: os 46,84% (quarenta e seis vg oitenta e quatro por cento) da questão anterior, passaram a 65,71% (sessenta e cinco vg setenta e hum por cento) nesta. Isto significa dizer que a motivação inicial do jovem da Pastoral da Juventude não é tão acentuadamente a perspectiva de participar de um processo de mudança. Mas, dentro do grupo se dá um processo de conscientização e de iniciação que converte contingentes significativos à militância.

Resumindo, podemos auferir dessa consulta, que a juventude inicia a sua participação na Pastoral da Juventude por diversos motivos dentre os quais predomina a vontade de serem úteis e, em segundo lugar, aparece a vontade de um crescimento espiritual. A reflexão no grupo, no entanto, conduz a uma tomada de consciência de que se faz necessário um engajamento maior na luta por uma sociedade melhor.

É preciso lembrar também que dos jovens que responderam ao questionário, 29,89% (vinte e nove vg oitenta e nove por cento) apenas, já haviam participado de algum movimento e 53,26% (cinquenta e três vg vinte e seis por cento) nunca o tinham feito. Isto é, a maioria absoluta está em fase de iniciação<sup>(2)</sup>. São novos tanto em idade quanto em tempo de participação na Pastoral da Juventude.

---

(2) Esclarece-se melhor no capítulo 4.4

Quanto a capacidade de mobilização existe entre os assessores e lideranças<sup>(3)</sup> uma controvérsia bastante acentuada. Alguns acham que a Pastoral da Juventude pode até liderar um processo amplo de reforma social enquanto que outros descreêm dessa possibilidade.

Paulo é taxativo ao afirmar que não há essa possibilidade da Pastoral da Juventude liderar um processo de transformação da sociedade. Isso seria tarefa de outras esferas. Segundo ele, a Pastoral da Juventude vai "reforçar e fornecer quadros para isso".

Essa não é a opinião de Elcio (Caçador). Para ele, "a Pastoral da Juventude não é um organismo fora da juventude e a juventude é um grande número. Nós temos o poder de conscientizar a massa dos jovens para transformar a partir do projeto de Cristo. Não acredito que a transformação se dê nas estruturas econômicas ou produtivas mas pelo político. Pela conscientização da massa".

Santo de Luca (Concórdia) concorda de certa forma com Paulo ao afirmar que a Pastoral da Juventude participa do processo de transformação da sociedade juntamente com todas as outras pastorais e movimentos. "Ela é agente procurando saídas. De liderar é difícil. O número de jovens engajados na pastoral é muito pequeno e, desses, 90% estão no processo de iniciação. A maioria dos jovens da Pastoral da Juventude quando adquirem consciência do processo de transformação partem para outros organismos. Ela pode preparar, mas liderar não".

Padre Florisvaldo segue essa mesma reflexão dizendo que não há condições de se assumir o papel de vanguarda assumi-

do pelos movimentos de jovens na década de 60. Para ele, "a Pastoral da Juventude pode influir enquanto exerce o seu papel de formar lideranças e de militantes para atuarem nos organismos intermediários da sociedade".

Apesar de Adilio (Nova Erechim) achar também que a Pastoral da Juventude tem capacidade para liderar o processo de transformação, somos levados a concluir que está claro para a maioria, apesar de não ser consenso, que a Pastoral da Juventude não tem condições de exercer a vanguarda de um processo mais profundo de transformação. Isso em parte se deve ao pequeno número de militantes e, no nosso entender, porque a sua ação não se dá nos setores mais decisivos da vida nacional. Há consenso, no entanto, no fato de a Pastoral da Juventude ter nesse processo um papel a desempenhar: formar quadros e conseguir um consenso (consciência) em torno da necessidade disso vir a acontecer.

O ex-militante Toninho (Itajaí) vê a dificuldade da pastoral no fato de não levar em conta muitos aspectos da vida cotidiana, do político, do econômico. "Na pastoral a gente acredita ainda muito que as coisas vão se resolver por uma liderança que a gente ainda espera que venha (Messias). A gente ainda não se engaja muito. A gente fica muito preso à esfera da fé e esquece que tem outras forças que podem ajudar o projeto a se

---

(3) Consideram-se líderes da Pastoral da Juventude aqueles elementos que exercem a função, nos grupos, de organizar as atividades e dirigir as reuniões e encontros. Assessor é o elemento que exerce outras funções na Pastoral em geral, que possui um aprofundamento maior, uma militância, e que exerce na Pastoral da Juventude o papel de intelectual orgânico. Estes podem tanto ser leigos quanto religiosos.

concretizar". Ele é ainda mais contundente quanto analisa a questão da militância na Pastoral da Juventude. "A militância, na Pastoral fica muito a nível de assessoria, de ajuda na questão intelectual aos novos grupos mas não no dia-a-dia. Não há militância dentro da pastoral porque ela não é um instrumento de transformação, ela apenas ajuda a clarear essa transformação. Mas enquanto pastoral, não ajuda a transformar e isso se deve, em grande parte, porque se está sujeito a uma estrutura da Igreja". Isso é, ele acredita que os principais impecilhos são a própria hierarquia da Igreja e o messianismo de que muitas pessoas ainda estão imbuídas.

Lisboa<sup>(4)</sup> no paper: Da prática pastoral à militância política, defende uma especificidade para o projeto eclesial que, segundo ele, reside na fé. Ele condena o que chama de discurso pastoral genérico e citando Frei Beto afirma que se articulou um novo discurso no movimento popular que tornou-se uma espécie de ideologia pastoral que marginaliza as dimensões próprias da evangelização, da adesão a Jesus Cristo, que coloca a fé em um plano bem distante levando inclusive a muitos cristãos que se aprofundam na militância a abandonar a fé. E aí, para Armando, "acabamos por militar na Igreja como no movimento estudantil ou num partido político".

Ele exige que se faça uma diferença entre ação pastoral e ação política. A atuação política deveria ser apenas decorrência das exigências da fé e não deveria ser transformado numa nova ideologia política.

---

(4) LISBOA, Armando. Da Prática Pastoral à Militância Política. UFSC, Florianópolis, Mimeo, 1986.

O projeto do "Reino" é um projeto próprio com uma especificidade e diferente dos outros projetos porque deve brotar da fé.

Para a CNAPJ<sup>(\*)</sup>, os militantes da Pastoral da Juventude não são respeitados pelos militantes do partido, sindicato, movimento popular, etc., por não possuírem um projeto acabado e lembram: "Se é verdade que os cristãos têm dificuldades de pensar numa concretização histórica e nas características que devem estar presentes numa sociedade nova, também é verdade que não pode haver um projeto político pré-estabelecido em elucubrações teóricas, e às quais o processo histórico tenha que se encaixar por decreto. Ter um projeto político não significa ter um projeto acabado, como alguns têm. Para eles o projeto está pronto; só falta executá-lo, tomando o poder e aplicando-o. O projeto pode estar em construção, mas pelo menos os grandes limites e princípios devem estar claros. O discernimento conjunto no espaço pastoral vai clareando um projeto concreto, embora em construção"<sup>(5)</sup>.

Os mesmos assessores reconhecem que o ponto fraco da pastoral sempre foi o fato de o seu ponto forte residir no nível das utopias (idéias) e o ponto fraco no nível das mediações (projetos históricos). "Não enxergamos as mediações entre a situação que temos e a sociedade que queremos".

---

(\*) CNAPJ: Comissão Nacional de Assessores da Pastoral da Juventude.

(5) CNAPJ: Os Cristãos e a Militância Política. Petrópolis, Vozes, 1988.

Recomendam que esse projeto deve-se ir construindo a partir das experiências concretas e da reflexão acumulada na caminhada histórica. "As feições do novo vão depender, em boa parte, de quem entrar na luta", afirmam os assessores.

Para eles, as grandes linhas do projeto cristão precisam estar claras. Eles apresentam esses grandes princípios como sendo:

- "a) Abertura ao transcendente. Em termos concretos, garantia de liberdade religiosa;
- b) o bem comum acima da propriedade privada;
- c) o fator trabalho tem primazia sobre o capital;
- d) participação de todos e de cada um, como sujeito, na vida social;
- e) opção pelos pobres;
- f) preferência pelos meios pacíficos na solução dos conflitos sociais".<sup>(6)</sup>

Em conclusão poderíamos dizer que Toninho certamente tem razão quando afirma que a militância na Pastoral da Juventude se resume a uma ajuda na "questão intelectual". Que ela não atua no dia-a-dia. Ou melhor, que ela não possui um projeto político claramente definido, mas muito difuso e distante. E é esta uma das razões porque a Pastoral da Juventude é muito mais um estágio transitório, de formação de quadros para um projeto muito mais abrangente, distante, pouco visível, utópico, em resumo. É um estágio onde se descobre e se pensa o projeto. Onde

---

(6) IDEM

se toma consciência de sua necessidade e de sua possibilidade. Mas onde se percebe também que ele terá mais possibilidade de ser atingido militando em outras instâncias. O projeto não é da Pastoral da Juventude. É do conjunto dos movimentos sociais e pastorais ao nível do desejo, e que na Pastoral da Juventude ganha adeptos, universaliza o desejo, e nesse sentido, incita para a ação. Esta, no entanto, de modo mais concreto e palpável vai se dar fora da Pastoral da Juventude, em outros organismos da sociedade mas, em grande parte liderada e dirigida por elementos iniciados na Pastoral da Juventude.

Talvez seja nesse sentido que Sanchiz acredita ser o projeto do "Reino" realmente um projeto político. No sentido de uma utopia que retroalimenta ações e experiências de diferentes matizes. A idéia do "Reino", da sociedade justa e fraterna evocam uma caminhada, um processo, uma busca pelos mais variados e diferentes caminhos. O fato de ser o projeto ambíguo e difuso sempre foi muito bem utilizado pela Igreja no sentido de, em função disso, conseguir congregar as mais diferentes e, as vezes, até contraditórias tendências e aglutiná-las sob o seu controle. É o que explica, por exemplo, a Pastoral da Juventude ter candidatos em partidos que certamente nada têm a ver com o seu projeto da sociedade como são o caso do PDS e PFL. A força e a importância que a Igreja conseguiu no contexto político da América Latina reside no fato de sua extraordinária capacidade de mobilização, de ajuntar gente. É isso que lhe possibilitou, ser um espaço de socorro e de retaguarda para as mais diferentes lutas. Ela consegue isso justamente porque não possui um discurso unívoco mas porque consegue contemplar no seu discurso idéias, mentalidades discordantes e até mesmo contraditórias.



A Pastoral da Juventude ajuda a produzir e, principalmente, a reproduzir aquilo que Eder Sader chama de nova matriz discursiva.

"Nas lutas sociais os sujeitos envolvidos elaboram as suas representações sobre os acontecimentos e sobre si mesmas. (...) ... encontramos na sociedade agências que, embora estejam participando da cultura instituída expressam práticas de resistência e projetos de ruptura".<sup>(7)</sup>

Sader vê as CEBs como um desses locais onde se produz uma nova matriz discursiva. Atrever-me-ia até mesmo a dizer que nas CEBs esse discurso se difunde, ele é universalizado por agentes que já o assimilaram em outras instâncias e viram ação. Dentre as agências que articulam, elaboram e reproduzem esse discurso eu acredito que, pelo menos em Santa Catarina, a Pastoral da Juventude é uma delas, uma das principais. É perceptível com muita facilidade que nos mais significativos movimentos populares, sindicatos e partidos populares os elementos de liderança em sua maioria foram formados nos quadros da Pastoral da Juventude.

Em outras palavras, mais do que o espaço para a realização de um projeto político próprio, a Pastoral da Juventude reproduz a utopia ao nível de criação de uma vontade política de mudança, de criação do novo, de uma sociedade diferente e melhor do que esta que aí está. Ela ajuda a produzir e reproduzir

---

(7) SADER, Eder. Quando Novos Personagens Entram em Cena. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 142.

um projeto que vai tomar formas de ação em outros espaços sociais, em outros movimentos, em outros intermediários entre a sociedade e o Estado.

#### 4.2 - A Utopia, A Mística, O Simbólico

Pelo que acabamos de expôr fica claro que o projeto político da Pastoral da Juventude, como de resto, a grande maioria dos projetos políticos, se inscrevem nos quadros de uma utopia social, que aponta para uma mudança política como um grau muito elevado de incerteza no tocante ao resultado.

Scherer-Warren<sup>(1)</sup> entende que uma utopia implica e possui componentes que se complementam. Primeiro: "uma crítica profunda das atuais condições sociais". E, segundo: "um projeto de mudança, como contraposição e melhoramento da situação presente".

Na Pastoral da Juventude, ao meu ver, o primeiro dos componentes é o mais evidente, o mais forte e significativo. Já o segundo componente existe enquanto possibilidade, enquanto esperança. É distante, abstrato e difuso. A crítica, por si só, já manifesta a vontade de algo diferente, de outra coisa. Segundo a professora,

"o utopianismo tem sido, portanto, o ingrediente necessário que possibilita a indivíduos e movimento transcender as limitações da realidade presente, procurando e lutando por uma nova e melhor vida social. As utopias para superar a desigualdade político-social e a discriminação, tornam-se importantes forças políticas com a percepção que a desigualdade tem raízes sociais, isto é, que as condições sociais de vida são socialmente criadas"<sup>(2)</sup>.

---

(1) SCHERER-WARREN, Ilse. Redescobrimo a Nossa Dignidade: uma Avaliação da Utopia da Libertação na América Latina. Religião e Sociedade, ISER/CER, V. 15 (nº 2 - 3), 1988 (no prelo).

(2) IDEM. Pág. 02.

Isso aparece muito claro no discurso dos membros da Pastoral da Juventude que se assenta, por sua vez, sobre a utopia trazida à tona pela Teologia da Libertação, a utopia da Libertação. É ela que a partir de uma reinterpretação do Evangelho o interpreta a partir do condicionante histórico. As coisas que Cristo disse e ensinou são reexplicadas a partir das situações concretas de vida em que proferiu seus ensinamentos. Cristo não é apenas um Deus que afirmou verdades, mas, antes, é um homem histórico, contextualizado. A partir daí busca-se estabelecer relações entre aquelas situações e as em que vive a maioria da população hoje. Daí que a Teologia da Libertação recomenda que o trabalho pastoral promova uma reflexão a partir do social e não mais a partir do espiritual. Um trabalho pastoral voltado aos pobres com o objetivo de instrumentá-lo para a conscientização e a luta por uma realidade diferente.

A Teologia da Libertação elabora um discurso que à nível do simbólico pretende a superação das várias formas de opressão econômica, política, racial, sexual e etária no sentido material e a libertação da falta de consciência, coragem e da alienação no sentido espiritual. Ainda para Scherer-Warren, o que é novo e diferente nesse discurso é

"O valor dado à luta humana através dos movimentos sociais para a realização dessa utopia da libertação e não através da dependência da chegada de um Messias".

Além disso,

"significa que o ponto de partida é a libertação da pessoa humana, a descoberta da sua dignidade, a redefinição do seu status de cidadão, a libertação imediata de diversas formas de opressão"<sup>(3)</sup>.

O que na realidade se faz, a nível de Pastoral da Juventude, é a difusão e a generalização desse discurso, dessa reflexão para promover uma consciência crítica e a propensão para a ação visando a transformação da sociedade. Essa utopia é a razão de ser da Pastoral da Juventude, é o que anima os militantes à perseverança, à inserção posterior em movimentos de atuação mais concreta. Essa utopia acaba exercendo o papel de projeto. Serve de parâmetro, de termo de comparação entre aquilo que se gostaria de ter e aquilo se têm e que é o que aumenta, cada vez mais, o desejo de se ter o que não se tem agora, ainda. O "Reino de Deus" é o reino da felicidade. O reino onde a injustiça, a pobreza, a opressão foram banidos. Onde a libertação se realizou. Não é necessário esperar a morte para atingir esse reino. Ele é possível aqui e agora. Ele pode ser construído aqui na terra. Para isso é necessária a união, a formação de comunidades, a luta. O reino é a nova sociedade. Absolutamente diferente desta em que vivemos. Nela não há qualquer tipo de opressão, de marginalização. Todos são irmãos, todos são iguais pois todos possuem a mesma dignidade: são todos filhos de Deus. Essa é a utopia. É ela o alimento da ação. É o desejo que ela produz, é o simbolismo que dela provém que são a mola propulsora da ação das pastorais em geral, e a razão de ser da Pastoral da Juventude em particular.

O discurso utópico faz ou ajuda na percepção por parte das populações mais simples das suas carências. Isto é, imaginando o que poderiam ter e comparando com o que possuem, cria

---

(3) SCHERER-WARREN, Ilse. Op. cit, p. 13.

-se a consciência da falta. Compreende-se a injustiça da má distribuição dos bens o que faz crescer o desejo de libertação.

Perguntados se acreditavam ser possível construir o paraíso ainda aqui na terra, 72,82% (setenta e dois vg oitenta dois por cento) dos jovens que participam da Pastoral da Juventude e que foram questionados responderam que sim, enquanto 20,65% (vinte vg sessenta e cinco por cento) responderam que não. Isso significa que a utopia do Reino está presente de maneira muito forte. Quase 3/4 dos jovens questionados acreditam ser possível construir o céu ainda aqui na terra e essa crença é o principal alimento e estímulo para a militância.

Da mesma forma, perguntados sobre o que pensavam da Teologia da Libertação, eis o resultado:

OPÇÕES APRESENTADAS	Nº	%
1 - É só política	03	1,27
2 - Acha certo o Papa combatê-la	15	6,35
3 - Ajuda a refletir sobre a realidade	128	54,23
4 - Deveria tornar-se a Teologia oficial	31	13,13
5 - Está mais próxima do que Cristo queria	37	15,67
6 - Desune a Igreja	04	1,69
7 - É obra de quem quer mal à Igreja	01	0,42
8 - Outro	03	1,27

Se juntarmos os que acreditam que ela ajuda a refletir sobre a realidade, com aqueles que acreditam estar mais próximo do que Cristo queria e mais aqueles que gostariam que

ela se tornasse teologia oficial da Igreja, teríamos 83,03% (oitenta e três por cento) de aprovação para a Teologia da Libertação. Ou seja, eles professam a sua fé na possibilidade de libertação da opressão, da injustiça. Dirigem ou são dirigidos pelos símbolos que impregnam esse discurso religioso ou como Eder Sader, essa matriz discursiva.

Eder Sader, tratando da questão da atribuição de significado, do simbolismo, da constituição do imaginário na constituição de sujeitos coletivos que vão originar os novos movimentos sociais afirma que,

"recorrendo à linguagem enquanto estrutura dada, para poder expressar-se, o sujeito se insere na tradição de toda a sua cultura. Mas esse mesmo ato de expressar-se operando um novo arranjo das significações instituídas, ele suscita novos significados. Se pensarmos num sujeito coletivo, nós nos encontramos, em sua gênese, com um conjunto de necessidades, anseios, medos, motivações, suscitado pela trama das relações sociais nas quais se constitui. (...) Mas essas demandas de reprodução material e de reconhecimento simbólico encontram-se antes dos discursos, apenas em estado de existência virtual, existem sem forma nem atualidade. (...) É através dos discursos que tais demandas são nomeadas e objetivadas de formas específicas" (4).

O que Sader explicita é que as necessidades dos diferentes grupos sociais só passam a existir de fato a partir do momento em que passam a ter nome. A partir do momento em que as pessoas vão tomar consciência das suas carências e isso só virá a acontecer quando existir um discurso que lhes dê nomes. Um dis

---

(4) SADER, Éder. Quando Novos Personagens Entram em Cena. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 58.

curso que faça as pessoas perceberem o que, pela sua dignidade, deveriam possuir mas que delas estão privadas. A constituição de um imaginário a partir da elaboração desse discurso é que provoca o aparecimento e desenvolvimento de movimentos sociais.

A Pastoral da Juventude é, justamente, no universo dos movimentos sociais ligados à Igreja, aquele espaço de reprodução do discurso produzido na Teologia da Libertação. Um espaço de preparação de agentes que irão levar esse discurso e esse imaginário aos diferentes movimentos mais ou menos sob o âmbito eclesial. Ajuda assim a constituir novos sujeitos políticos articulados a partir de aspirações difusas e que a partir dessa "matriz discursiva" formam um imaginário comum e que os impulsiona à ação.

Atrevo-me, até mesmo a afirmar que a Pastoral da Juventude não chega nem mesmo a constituir um movimento etário uma vez que os seus postulados não dizem respeito (pelo menos as propostas políticas) especificamente aos problemas da sua idade, da juventude, mas sim da sociedade em geral.

É relevante que na temática debatida pela Pastoral da Juventude não se encontram no foco, questões como o mercado de trabalho para os jovens, o ensino público e gratuito, mas sim questões mais estruturais como a pobreza, a luta de classes, a questão do trabalho, da terra, do índio, as relações capital e trabalho, fé e política. Com respeito a questões próprias da faixa etária só aparecem temas de ordem pessoal, subjetivos e da sociabilidade como a sexualidade, afetividade e assim por diante. A questão ecológica, por exemplo, que sempre é muito forte entre os jovens, não aparece senão marginalmente e, geralmente, quando se está discutindo os malefícios do capitalis-



mo "selvagem". É por isso que pode-se supor que a Pastoral da Juventude é um espaço significativo de gestação e difusão de um imaginário social, da utopia da libertação, muito mais do que de uma ação objetiva para a superação de determinada ordem estabelecida.

Um dos instrumentos muito importante utilizado pela Pastoral da Juventude para fortalecer e animar a utopia da construção do "Reino" ainda nesta vida, é, sem dúvida, a música, o canto. O canto com letras de conteúdo sócio-político e com melodias e ritmos que invocam a marcha, luta, caminhada, além de servirem para a animação dos encontros, passeatas, caminhadas e celebrações, também são uma forma muito eficaz de subliminamente difundir e inculcar o imaginário da utopia, a esperança do advento da nova realidade.

Letras, como a da música PEREGRINO, por exemplo:

1 - Peregrino nas estradas de um mundo desigual  
 espoliado pelo lucro e ambição do capital,  
 do poder do latifúndio enxotado e sem lugar,  
 já não sei por onde andar,  
 na esperança eu me apego ao mutirão.

Ref.: Quero entoar um canto novo de alegria  
 ao raiar aquele dia da chegada em nosso chão  
 com meu povo celebrar a alvorada  
 minha gente libertada, lutar não foi em vão.

2 - Sei que Deus nunca esqueceu dos oprimidos o clamor,  
 e Jesus se fez do pobre solidário e servidor.  
 Os profetas não se calam denunciando a opressão  
 pois a terra é dos irmãos  
 e na mesa igual partilha deve haver.

3 - Pela força do amor o universo tem carinho,  
 e o clarão de suas estrelas ilumina o meu caminho,  
 nas torrentes da injustiça meu trabalho é comu-  
 nhão:

arrozais florescerão  
 e em seus frutos liberdade colherei.

que é cantado na Pastoral da Juventude em todos os cantos, se-  
 gue a estrutura do método de reflexão utilizado pelos grupos li-  
 gados à Igreja: o "ver-julgar-agir". A primeira estrofe relata  
 a situação da realidade: "Mundo desigual", "espoliação", "lu-  
 cro", "ambição do capital", "latifúndio". É o ver do método. O  
 constatar da realidade.

Na segunda estrofe está o julgar. Iluminar essa rea-  
 lidade comparando-a com o que está na revelação (Bíblia) e na  
 tradição (ensinamentos da Igreja): "Deus ouve o clamor do opri-  
 mido; Jesus foi solidário e serviçal; os profetas denunciaram a  
 opressão".

Na terceira, vem o convite para a ação. Não à ação  
 violenta mas pela força do amor, da união, da comunhão é que se  
 colherão os frutos da libertação.

O refrão é o ponto forte que se repete a cada estro-  
 fe e é a afirmação da utopia, a certeza expressa na esperança  
 da chegada do "novo dia", do "nosso chão", da "alvorada", da  
 "libertação", quando então se terá a certeza de que "lutar não  
 foi em vão".

O canto, a música, alimenta o desejo, fortalece o  
 simbólico e, sobretudo reforça no imaginário a possibilidade da  
 libertação total, da antecipação da parusia.

O músico Hoffmann é autor da afirmação: "onde cessa a fala, começa a música". Eu diria que o discurso produz um imaginário que a música reforça, anima, convence da sua possibilidade real de atualizar-se.

Poderíamos nesse sentido trazer à tona todo um cancionário que vai de músicas de protesto a canções que visam convencer o jovem de ficar na terra. De um "Prá não dizer que não falei das flores" de Geraldo Vandré, espécie de hino nacional da Pastoral da Juventude, a um "Pai Nosso dos Mártires" ou uma "Ave Maria dos Oprimidos". Todos seguindo a mesma estrutura metodológica e, principalmente, alimentando a mesma utopia: a possibilidade da libertação, do reino de Deus acontecer antes do fim dos tempos.

O documento de Medellín que apresenta as conclusões daquela conferência, e que é o passo inicial da elaboração desse discurso, da utopia da Libertação, já atenta para um fato sobre o qual Lisboa<sup>(5)</sup>, requer importância: o papel da fé, o significado da mística para os movimentos ligados à Igreja. A "Libertação" não é um mero projeto político como o dos partidos. Não é ideologia, é uma proposta advinda da fé. É uma luta por condições mais humanas de vida inspirada nos valores da fé, no amor, na caridade cristá e jamais no uso da violência, por exemplo. É isso que as conclusões de Medellín afirmam já na introdução do documento:

---

(5) LISBOA, Armando. Da Prática Pastoral à Militância Política. Mimeo, 1986.

"Assim como outrora Israel, o antigo povo, sentia a presença salvífica de Deus quando Ele o libertava da escravidão do Egito, quando o fazia atravessar o mar Vermelho e o conduzia à terra prometida, assim também nós: novo povo de Deus não podemos deixar de sentir seu passo que salva, quando se dá o "verdadeiro desenvolvimento" que é, para cada um e para todos, a passagem de condições menos humanas de vida para condições mais humanas. Menos humanas: as carências materiais dos que são privados do mínimo vital e as carências morais dos que são mutilados pelo egoísmo. Menos humanas: as estruturas opressoras que provenham dos abusos da posse do poder, das explorações dos trabalhadores ou da injustiça das transações. Mais humanas: a passagem da miséria para a posse do necessário, a vitória sobre as calamidades sociais, a ampliação dos conhecimentos, a aquisição da cultura. Mais humanas também: o aumento da consideração da dignidade dos demais, a orientação para o espírito da pobreza, a cooperação no bem comum, a vontade de Paz. Mais humanas ainda: o reconhecimento, por parte do homem, dos valores supremos e de Deus, que deles é fonte e fim. Mais humanas, finalmente, e em especial: a fé, dom de Deus acolhido pela boa vontade dos homens e a unidade na caridade de Cristo, que nos chama a todos a participar como filhos na vida de Deus vivo, Pai de todos os homens"(6).

O que os padres e bispos propõem é a construção de uma vida mais digna para a humanidade. Essa maior humanidade passa necessariamente pela superação da miséria absoluta e da violência social e política. Essa sociedade que se propõem a construir deve ser inspirada na vontade de Deus. A igualdade deve ser buscada na unidade e dignidade dos homens derivada do fato de serem todos filhos de Deus, e, portanto, iguais.

---

(6) Bispos da América Latina: Conclusões de Medellín, Ed. Paulinas, 1984, p. 06.

Considerando isso é que para Eder Sader identifica a noção de libertação do discurso das pastorais com o termo e a noção de revolução do discurso socialista. Os dois discursos pretendem refundar a vida social sobre os ideais de justiça levados a efeito por um povo que atua. Para Sader ambos os conceitos possuem características místicas e visam colocar o mundo de "ponta cabeça" promovendo um recomeço radical de tudo. Ele percebe, no entanto, que há uma distinção fundamental entre ambos. A idéia da revolução estaria apoiada em "acontecimentos empiricamente observados no passado e concretamente programados para o futuro". Já a idéia de libertação dos discursos pastorais estaria estabelecendo um outro tipo de relação com a realidade:

"Aparecendo mais deslocada de processos de mudanças institucionais, a libertação não permite sua operacionalidade através de alguma racionalidade estratégica. Por isso mesmo suas manifestações na experiência cotidiana (vistas como sinais em sua direção) não são tanto grandes processos coletivos que afetem as estruturas sociais quanto o "despertar de consciências" e o desencadear de práticas através das quais cada pequena coletividade se sinta "sujeito da própria história". Não tendo por objetivo central a instauração de uma nova estrutura, mas, antes que isso, a instauração de novos sentidos e valores nas ações humanas, a valorização prioritária é a que, se refere à promoção dos indivíduos que ocorre no seio das comunidades" (7).

Eder Sader consegue captar magistralmente a importância do aspecto místico na utopia das pastorais. A ausência de

---

(7) SADER, Eder. Op. cit., p. 164-5.

uma racionalidade estratégica salta aos olhos bem como o sentido mobilizador e de iniciação representado pelas pastorais.

Vale ressaltar aqui que os novos sentidos e valores de que fala Sader são aquilo que a Comissão Nacional de Assessores da Pastoral da Juventude e Padre Florisvaldo chamam de critérios cristãos e que, por sua vez são oriundos da fé. A libertação, ou o projeto de libertação não possui uma racionalidade estratégica ou política. É de inspiração mística. Provém da fé.

Armando Lisboa<sup>(8)</sup> cita Pablo Richard e Leonardo Boff para dizer que: a utopia cristã não é realizável concretamente uma vez que é transcendental e está relacionada ao "destino terminal do mundo", está além da existência histórica do mundo e é, "consciente ou inconscientemente" perseguido pelos homens.

Para Richard,

"esse futuro não é ilusório(...). Trata-se de um processo continuado de "antecipações" dessa utopia, que aos poucos vai rompendo com o reino das necessidades. (...) O projeto transcendental não está no final do caminho, mas acompanha o projeto histórico em cada etapa como sua transcendentalidade, seu horizonte utópico"<sup>(9)</sup>.

E que para Boff,

"ele se encontra em processo dentro da história sempre e lá onde se constroem a justiça e a fraternidade e onde os pobres são respeitados e feitos agentes de sua própria história. Portadores do Reino são todos os homens, instituições e práticas que se orientam pelos ideais éticos intencionados pelo Jesus histórico"<sup>(10)</sup>.

---

(8) LISBOA, Armando. Op. cit.

(9) RICHARD, Pablo. Cit. por LISBOA, A., op. cit. p. 02.

(10) BOFF, Leonardo. Cit. IDEM. Pág. 02-03.

Armando vê grandes dificuldades na articulação do discurso político e religioso nas pastorais. Para ele,

"as regras que comandam o discurso religioso não são as mesmas que comandam o político. O primeiro parte da esfera do sagrado, supõe a adesão de fé a uma revelação sobrenatural, fala sobretudo do que deve ser. O segundo brota da esfera do real dentro da racionalidade científica, fala sobretudo do que é e visa a transformação, da realidade" (11).

De certa maneira ele está concordando com Eder Sader, mas parece-me que está pretendendo estabelecer esferas diferenciadas de militância para salvaguardar o espaço específico do religioso e a não transformação desse discurso numa ideologia. Penso, no entanto, que o discurso religioso, embora talvez não tão científico quanto se possa pretender, provoca uma reflexão crítica sobre o real e também estimula, tanto quanto ou até mais do que os discursos científicos, ações revolucionárias. Da mesma forma fica difícil aceitar que a racionalidade científica comande a ação política uma vez que a utopia é um dos seus elementos mais fortes. Sou obrigado, entretanto, a concordar com ele quando afirma que o Evangelho, fonte originária do discurso religioso, contém princípios gerais de um projeto político e de convivência social que não se consegue esgotar nalgum regime social que sempre é transitório e imperfeito. É justamente por isso que o projeto místico é utópico e, enquanto tal, mobilizador, muito importante para a deflagração de movimentos, especialmente os de iniciação como é o caso da Pastoral da Juventude.

---

(11) LISBOA, Armando. Op. cit.

Entre os meus entrevistados há praticamente um consenso sobre a importância da "mística" para o funcionamento da Pastoral da Juventude. Sendo que por "mística" entendem os estudos bíblicos, a oração e a celebração. Sendo que esta última recebe uma valorização toda especial. A celebração, em geral, é a eucarística, ou seja, a missa. É o momento em que se celebram as conquistas, se perdoam os fracassos, a falta de coragem, a negligência e se busca um novo alento para continuar na luta. Alento, neste caso, é sinônimo de alimento. Na mesa eucarística o pão não é pão mas Jesus Cristo que está junto e se dá enquanto força espiritual, alimento da alma, força para continuar. Ao redor da mesa estão aqueles que estão juntos e que não deixam ninguém se sentir só na luta. A celebração é o momento da partilha das angústias, das vitórias, das dificuldades, e onde sob o envólucro da sacralidade se reafirma a certeza de que a comunhão universal é possível da forma que se está sentindo a sua possibilidade entre os que ali se encontram. O simbolismo desse momento alerta para a possibilidade do reino da partilha, da fraternidade, da justiça, da igualdade. Aquilo que ali se passa a nível de micro suscita o imaginário do mesmo vir a dar-se a nível universal. Além disso, o sentimento e a sensação que todos vivem da presença incontestante de Deus ali no meio deles, dá-lhes a certeza de que ele está com eles e que ele quer e deseja ardentemente que a caminhada, a luta continue e que o grande dia um dia chegará: o reino de Deus que é sinônimo de tudo aquilo que a celebração os fez sentir.

É por isso que um dos meus entrevistados, Padre Florivaldo, afirma que o projeto utópico da Pastoral da Juventude já é por si só, um projeto místico. Ele acha que ela (a mística) ajuda muito na "caminhada" da Pastoral da Juventude, porque



faz com que o projeto seja mais próximo do projeto de Deus e que isso é um grande estímulo.

No raciocínio do Padre Edolar, "hoje, mais do que nunca, sem uma mística, uma caminhada celebrativa da palavra de Deus, não se consegue nada, não acontecem avanços".

Santo de Luca (Concórdia) deixa bem claro que a celebração é o momento místico por excelência na Pastoral da Juventude. Para ele, "a mística é importante e ajuda. É o momento de se fortalecer, de encontrar respostas para um monte de questionamentos e ganhar forças para sair à luta de novo e continuar essa batalha. Porque chega um momento de desânimo, da incompreensão, de você não saber o caminho a tomar e com a mística, no encontro com Deus se busca a força".

Élcio (Caçador) afirma que a mística é necessária na Pastoral da Juventude porque o projeto de sociedade dela não é o projeto de Marx mas o projeto de Jesus Cristo. "Nós cristãos queremos uma sociedade nova a partir de Jesus Cristo. Aqui lo que para Jesus Cristo era a prática do dia-a-dia, para nós é a espiritualidade e é uma espiritualidade de compromisso, isto é, de transformar essas situações". O que Élcio defende é que o projeto político da Pastoral da Juventude é um projeto cristão e se inspira na prática de Jesus Cristo que para ele é a mística, o alimento para a ação. Perguntei-lhe se não via um antagonismo entre fé e luta para a transformação, a que ele me respondeu dizendo que em absoluto. A fé também transforma. Abre novas dimensões como se fortalece diante dos novos desafios. Quanto a necessidade do uso da violência, das armas, para se chegar à nova sociedade, assim se expressou: "diante da morte, Cristo mandou Pedro guardar a espada na bainha. E os bispos no

último documento falam: rejeitamos o uso da violência como ferramenta de transformação".

Toninho acha que a fé até ajuda nos trabalhos da Pastoral da Juventude mas desde que não seja uma fé desligada da vida. Desde que "tu tenha fé naquilo que acredita como ideal e não uma fé em que você acredita que venha acontecer depois. Fé na transformação via política em todas as esferas e não só pelo religioso". Isto é, ele acredita que é necessário juntar todas as lutas em todas as esferas, é preciso aceitar outros métodos e outras estratégias que não exclusivamente aqueles do discurso religioso. Ele acredita porém, que a idéia da parusia "aliena" muito mais do que coloca esperança. "Demora-se muito a perceber que se tem que atuar aqui". Isto é, a idéia da felicidade completa e total, na opinião de Toninho, provoca uma expectativa muito mais passiva do que ativa em relação à sua instauração. Ou seja, provocaria uma expectativa tipo messiânica ao invés de provocar para uma ação efetiva. É isso que ele quis dizer quando afirmou que a idéia da parusia é alienante.

Outro entrevistado que colocou alguma ressalva quanto ao papel da mística como elemento estimulador da ação, foi o assessor da Pastoral, Alvisio, de Pinhalzinho. "A mística bem conduzida poderia ajudar, mas, normalmente atrapalha. Porque ela em si, fanatiza. Deixa muito fechada. Poderia ajudar quando o jovem percebe o todo. Quando se vê o sagrado, só se vê o sagrado. A fé exige uma ação". Ele entendeu por mística a esfera do sagrado e nesse caso ele não considera a mística de qualquer utilidade porque desenraizaria o jovem do seu real. Tornaria o jovem um orante mas não um militante como ele deseja. Já com relação à idéia da parusia ele acredita que bem conduzida é um reforço importante porque "provoca a construir a felicidade a-

qui".

Em resumo e a partir do que está colocado, poderíamos dizer que a utopia do projeto é o elemento motivador para a ação porque a idéia da sociedade justa e fraterna ajuda a perceber as carências a que a maioria da população está submetida na sociedade real. Ajuda a descobrir as carências a partir do estabelecimento de um imaginário do que se deveria e/ou se poderia ter. Isto é um provocatório, uma convocatória para que se faça alguma coisa para se sair em "caminhada" da opressão, da pobreza, da injustiça em direção a libertação, das condições menos humanas para condições mais humanas de vida. Essa animação nas pastorais e, especificamente, na Pastoral da Juventude, é ainda mais significativa uma vez que aí existe ainda um outro elemento a colaborar, a mística. Este acrescenta ao projeto, à utopia, o alento advindo da consciência de que a nova sociedade é o desejo último e maior de Deus. Que esse projeto não é dos homens mas do próprio Deus que delegou aos seus fiéis, como missão, como conquista, como vocação a tarefa de levá-lo a cabo.

Não podemos esquecer, porém, que a mística é uma faca de dois gumes. Os entrevistados nesta pesquisa fizeram questão de dizer que a mística ajuda quando bem conduzida, bem entendida. Isso por si só já significa que ela pode também atrapalhar. Atrapalha quando as pessoas entendem a nova sociedade enquanto parusia, ou seja, enquanto algo que vai acontecer depois da morte independentemente da ação e vontades humanas. Neste caso, é fator de alienação porque faz das pessoas espécies de eremitas que rezam, fazem sacrifícios que agem, enfim, de modo a ser merecedor da recompensa ulterior. Faz as pessoas conformarem-se com toda a realidade de opressão, pobreza e injustiça

na expectativa da conquista, via expiação dos pecados e purificação da alma, da eternidade feliz. Parece-nos, no entanto, que essa visão da mística sobrevive apenas marginalmente em movimentos tradicionais e elitistas como o EMAÚS e TLC<sup>(12)</sup> que na Diocese de Florianópolis foram reavivados com a presença de Dom Murilo e com o crescimento do movimento carismático<sup>(13)</sup>.

---

(13) NB: Movimento Carismático é um movimento católico ligado ao culto ao Espírito Santo e que visa fazer frente, na qualidade de substitutivo, aos credos e seitas espíritistas e espiritualistas.

(12) Leia-se no próximo capítulo sobre o significado dos dois movimentos.

#### 4.3 - Antagonismos e Contradições

Existem fundamentalmente três tipos de contradições e antagonismos que afligem e se refletem, direta ou indiretamente, na Pastoral da Juventude.

Primeiramente, aquele que origina as discordâncias entre as diferentes alas e linhas pastorais no interior do episcopado (CNBB) e do clero em geral. Em segundo lugar estão aqueles que se manifestam na relação da Pastoral da Juventude com a hierarquia da Igreja e, finalmente, aqueles que se dão entre os diferentes movimentos de Juventude ligados à Igreja: Pastoral X Encontrismo<sup>(1)</sup>.

Scherer-Warren<sup>(2)</sup>, em texto já citado, trazendo à tona as contribuições de Krumwiede e Molineaux, estabelece a existência de três alas ou setores, ou ainda linhas doutrinárias no interior da hierarquia da Igreja. Os conservadores, que Krumwiede chama de conservadores e reacionários e Molineaux de Igreja tradicionalista, são aqueles que pretendem manter a estrutura hierárquica da Igreja e "tratam os problemas sociais através da caridade"; os moderados que Krumwiede chama de progressistas e Molineaux de Igreja modernizadora, visam a integração dos grupos sociais, a formação de grupos para auxiliar em programas de desenvolvimento comunitário e até aceitam a mudança social mas apenas dentro da estrutura capitalista; finalmente, os progressistas, que para Krumwiede são progressistas radicais e para Molineaux são a Igreja Profética, possuem uma posição mais revolucionária no sentido de uma opção pelos pobres com o objetivo de promover a luta pela mudança da estrutura social, pela implantação de uma nova ordem econômica e política.

Os moderados são, evidentemente, o grupo mais numeroso mas que nos últimos tempos têm sido bastante sensíveis às propostas mais progressistas principalmente no interior da CNBB. É esta inclusive a razão pela qual teve-se e ainda se tem a ilusão de que a maioria é progressista. O que na realidade se sucedeu nesses últimos tempos, foram vitórias do setor mais comprometido com a mudança social em função de pressões oriundas das bases, das comunidades, e em função da contundente situação social à que se encontra submetida a absoluta maioria da população, e para a qual o recurso da caridade já não serve mais nem como paliativo. Mesmo assim verifica-se, desde o início da gestão do Papa João Paulo II uma política bem definida e clara na substituição dos Bispos que se aposentam, na nomeação de novos bispos, na criação de novas Dioceses e na divisão de antigas, uma estratégia clara e visível de atingir a ala progressista no intento de tornar hegemônico o grupo conservador e reacionário. Um exemplo dessa estratégia foi o caso da divisão da Diocese de São Paulo, que teve o intento claro de diminuir a influência de D. Paulo Evaristo Arns. Ainda mais que os novos bispos irão atuar nas áreas periféricas, justamente aquelas onde os problemas sociais são mais intensos, e esses bispos não seguem a orientação de D. Paulo e sim são parte da estratégia de conservadorização da CNBB.

---

(1) N.B.: O encontrismo está baseado nos encontros de três dias, segue uma linha mais espiritualista. A pastoral compromete-se mais com o social e a sua ação visa um envolvimento com os movimentos sociais.

(2) SCHERER-WARREN, Ilse. Op. cit., p.

Mais do que isso, o último sínodo dos Bispos realizado em Roma, esta fundamentalmente preocupado com os seminários, com a formação dos futuros padres que são, sem dúvida, elementos chaves na continuidade ou ruptura de uma linha mais ou menos comprometida com transformação social. Afinal de contas, são geralmente eles que exercem o papel de intelectuais orgânicos dos movimentos sociais ligados à Igreja. O intento do sínodo era o de promover uma formação mais mística, mais religiosa e menos social para o futuro clero. Resumindo, pretende-se a conservadorização dos seminários.

Na visão, senso comum, das lideranças da Pastoral da Juventude, só existem dois grupos no interior do clero: os conservadores e os progressistas. Aqueles comprometidos com o povo pobre e aqueles comprometidos com as elites. Fala-se aqui e acolá no Bispo e no Padre que nem ajuda nem atrapalha. Mas, mesmo esse acaba sendo enquadrado como conservador. Há um consenso explícito de que a maioria da Igreja (hierarquia) é conservadora. Grande parte dos integrantes da Pastoral da Juventude vêem nisso um dos principais impecilhos na sua ação. É importante lembrar que a presença do clero no meio dos grupos é visto como fundamental. Para os militantes-assessores (leigos), porém, a maioria dos padres não possuem preparo suficiente e clareza teórica para auxiliar no processo e acabam só se preocupando com as celebrações e a aplicação dos Sacramentos. Tributa-se isso a uma formação muito exteriorotipada e abstrata nos Seminários. Nisso eles têm toda a razão. Nos Seminários, em geral, há uma preocupação com o preparo intelectual muito à nível de cultura genérica e clássica sem o devido enraizamento nas con-

dições reais e materiais da vida. Não existe uma preocupação com uma formação pastoral específica. Daí que os Seminários produzem um clero conhecedor das filosofias e da doutrina ortodoxa da Igreja mas sem uma prática e um conhecimento aprofundado das pastorais. Razão pela qual a maioria, depois de ordenados, iniciam o seu aprendizado de pastoral na e com a própria pastoral através das lideranças e militantes leigos. É essa também a razão porque alguns acabam rompendo com a doutrina que lhes foi ensinada e acabam por engajar-se de corpo e alma num trabalho pastoral mais comprometido socialmente. Eis pois, que os principais intelectuais orgânicos de origem clerical não se formam nos seminários mas na prática pastoral mesma porque essa exigiu deles uma reformulação dos princípios conceituais nos quais se formaram.

Existem dois agravantes para a questão da má formação do clero. O primeiro é o fato de que trabalham nos Seminários os padres mais idosos, mais cansados, de origem mais conservadora e que já não têm mais forças de acompanhar o trabalho pastoral desgastante nas Paróquias. Isso se deve também ao fato de que os mais jovens não aceitam esse trabalho, muito parado, nos Seminários. Por essa razão a mentalidade dos formadores, é conservadora e o resultado não poderia ser outro.

O segundo fator é justamente o da ação e orientação intencional partida de Roma no sentido de se fundamentar uma religiosidade mais tradicional e espiritualista nos Seminários.

O fato é que, para a Pastoral da Juventude, padre que só reza missa e aplica Sacramentos, faz parte da Igreja Conservadora. Progressista é quem está aí na luta, que vai junto, que dá vazão a criatividade deles, que se compromete com os pobres,



com o projeto de libertação dos pobres e oprimidos. Não há dúvidas de que estes são uma minoria.

É constatável que o moderado é considerado conservador. Mas eles admitem que existem conservadores mais liberais, ou seja, existem aqueles que não ajudam mas também não atrapalham.

Um dos meus entrevistados, Toninho, que viveu mais intensamente esses conflitos no interior da Igreja quando foi coordenador Estadual da Pastoral da Juventude, afirma que há conservadores que deram um jeito no discurso, mas não conseguem fazer o mesmo com a prática. Segundo ele, são conservadores que mudaram de estratégia. "Antes eles combatiam as coisas que a gente fazia e dizia. Agora, eles dizem a mesma coisa que a gente diz mas não admitem, não aceitam e ainda atrapalham a nossa prática. O sermão deles fala da injustiça, da opressão, mas eles nada fazem e nem permitem que a gente faça par mudar essa situação".

Em suma, é facilmente perceptível no atual momento, um movimento intencional em direção da conservadorização do clero e cujo resultado já se começou a sentir nas pastorais, primeiramente na retirada do clero e, posteriormente, num redirecionamento do discurso que deverá servir para o esvaziamento das lideranças e um desgaste da militância cuja tendência será, cada vez mais, canalizada para outros organismos intermediários entre o Estado e a sociedade civil.

O fato é que, na realidade, os moderados quando apoiaram os progressistas, quase sempre o fizeram pensando muito mais na Igreja enquanto instituição e muito pouco na Igreja en-

quanto "Povo de Deus", povo oprimido, necessitado de libertação. O que estou tentando dizer é que quando ocorreu a mudança ou a aceitação do discurso da Teologia da Libertação, o motivo principal era o de manter a influência da Igreja, garantindo a manutenção dos fiéis que caso contrário afastar-se-iam dela. Existe uma imensa ambiguidade no discurso e na prática da hierarquia com respeito a questão da manutenção e ampliação da influência. Por um lado ela teve que se comprometer mais com a realidade dos pobres e oprimidos da América Latina sob pena de estes a abandonarem. Com isso o discurso da Igreja ficou muito político e isso passou a desagradar enormemente a uma camada significativa e conformista da população e que passou a aceitar e aderir à pregação das Igrejas Pentecostais. Ganhou-se por um lado e perdeu-se por outro. Esse equilíbrio difícil vai ser solucionado, parcialmente, com um discurso que agrada a uns e a outros. Isto é, através de um discurso sumamente ambíguo. Ampliar e conservar prosélitos era o objetivo não confesso mas presente na maioria do episcopado moderado. Esse mesmo grupo produz um discurso ambíguo, isto é, mantém paralelamente o discurso e as práticas caritativas de apelo conformista e fatalista quanto à vida terrena, aventando sempre para a garantia da felicidade total depois da morte.

O refluxo que se verifica no momento atual é, em parte, motivado pela perda de influência junto às camadas mais favorecidas socialmente e junto às mais conformadas e impregnadas do messianismo (no sentido de espera do salvador) e, também, do avanço proselitista das seitas fundamentalistas justamente entre esses setores sociais.

Se de um lado é importante manter e ganhar adeptos en

tre os setores socialmente mais ativos, tornou-se sumamente importante, por outro lado, não perder para as Igrejas Pentecostais, o grande número de fiéis que nelas ingressaram porque "não aguentavam mais ouvir os padres só falar em política nas missas".

A manutenção da influência é, para a parcela moderada da hierarquia, uma questão de honra. Para mantê-la, consolidá-la e ampliá-la muda-se o discurso, faz-se o duplo discurso ou o discurso ambíguo. O importante é não desagradar ninguém.

Esses antagonismos no interior da casta clerical acabam influenciando diretamente sobre a Pastoral da Juventude porque não vai haver uma proposta uniforme. A orientação da CNBB não é acatada por todos, e diferentes Bispos e Padres orientam a sua ação pastoral, nas respectivas Dioceses e Paróquias, por caminhos distintos. Há Dioceses em que o Bispo não aceita a linha proposta pela comissão responsável pelo setor juventude da CNBB e imprimem outra orientação. Outras vezes são os Vigários que agem assim em suas Paróquias. O resultado disso é a existência de grupos de jovens com discursos e práticas antagônicas e conflituosas.

Existem fundamentalmente dois tipos de Movimentos de Jovens no contexto da Igreja Católica de Santa Catarina: o Encontrismo e a Pastoral. Os dois não apenas rivalizam mas se neguem mutuamente.

O encontrismo é remanescente do tipo de movimento que se desenvolveu durante o período mais autoritário do Estado Militar. Baseia-se na Metodologia dos cursilhos de cristandade.

Em termos teóricos, segue uma proposta espiritualista, de cultivo pessoal, da amizade, da convivência comunitária, sem maiores preocupações com a situação social de injustiça que é vista como produto do egoísmo. Não possui preocupações com a construção de uma sociedade baseada em outros valores e com novos sentidos para a vida. A preocupação central é a de promover a boa convivência no grupo, na família, na sociedade, enfim. Per passa a idéia de que não é necessário a mudança da sociedade. O importante é adaptar-se a ela.

A nível de práticas, são grupos que se preocupam em embelezar as celebrações litúrgicas com a finalidade de torná-las mais agradáveis e preparar algumas ações caritativas ao estilo dos clubes de serviço. Atividades tais como preparar o Natal dos velhinhos, campanha do agasalho, ruas de lazer para divertir crianças e assim por diante. São grupos que na sua maioria, na quase totalidade, são formados por jovens urbanos, dos centros de cidade e de origem social relativamente privilegiada.

Em algumas Dioceses de Santa Catarina, como Joaçaba, por exemplo, é a linha oficial da Pastoral da Juventude. Em Florianópolis há um esforço muito grande por parte dos Bispos e de um significativo contingente de Padres, para fazer-se o mesmo.

O encontrismo é um movimento que possui dois segmentos que praticamente só diferem pelo nome. São eles o EMAÚS e o TLC. O primeiro, EMAÚS, se inspira na passagem bíblica dos Atos dos Apóstolos (2) em que dois discípulos de Cristo, após a crucificação deste, encaminhavam-se tristemente e decepcionados para a sua casa que ficava na aldeia de Emaús, quando um terceiro indivíduo se aproximou e pôs-se a andar com eles e confortá-los.

Eles acabam por convidar o estranho para pernoitar com eles e somente foram reconhecê-lo na hora do jantar quando ele abençoou o pão. Era o próprio Cristo ressuscitado. Os dois fizeram o encontro com Cristo. Daí inclusive a origem do nome: encontrismo. O movimento pretende fazer os jovens encontrar Cristo e se converter a ele através de uma experiência mística.

Já o TLC (Treinamento de Liderança Cristã), segue a mesma metodologia da conversão e da experiência de Deus com o objetivo do aprofundamento na fé para que os futuros dirigentes da sociedade, os jovens de hoje, a façam com uma fé bem embasada o que evitaria a progressão do ateísmo e de outras seitas religiosas, crendices e bruxarias.

O momento forte, o momento mais importante na metodologia do encontrismo são os encontros ou retiros de três dias em que se utiliza a técnica do impacto emocional para provocar o jovem a uma conversão pessoal, a fazer o seu encontro com Cristo.

Os meus entrevistados não consideram o encontrismo como sendo uma pastoral. Indagados sobre o porquê disso, respondem como Santo de Luca (Concórdia): "eles não seguem uma linha, não possuem uma organização, não têm um projeto". Os militantes da Pastoral da Juventude entendem como sendo pastoral, um movimento que possui uma organicidade, um trabalho articulado e com objetivos definidos, o que, segundo os mesmos, o encontrismo não possui.

Já a linha de Pastoral segue a orientação do setor Juventude da CNBB e da comissão nacional de assessores da Pastoral da Juventude. Sua preocupação e atuação segue, à nível teó-

rico, os pressupostos expressos e definidos na "utopia da libertação" (que como já foi explanado, é, na verdade o projeto político da Pastoral da Juventude), com a perspectiva da transformação pacífica da sociedade, via reinvenção da mesma sobre outros sentidos e valores que não estes sobre os quais está assentada a sociedade que ora temos.

Na prática, a pastoral procura inserir-se e fortalecer o movimento popular, apoiar e participar de todas as ações promovidas por qualquer setor desse movimento popular (sem-terra, sindicatos, barragens, preservação ambiental, etc.), e, acima de tudo, criar espaços para a reflexão crítica sobre a realidade social através da formação de pequenos grupos, passeatas, caminhadas e celebrações.

As duas linhas se negam. Os membros do encontrismo não aceitam a pastoral porque a acusam de infiltração política e marxista na religião. Os militantes da Pastoral, por sua vez, nem ao menos admitem que o encontrismo realiza um trabalho de Igreja. Para eles, EMAÚS e TLC rezam e fazem filantropia, são acomodadas, aburguesados e não realizam uma ação pastoral.

A linha de pastoral começa a tornar-se forte em Santa Catarina por volta do ano de 1981. Começa a conquistar a hegemonia a partir de 1983. Essa hegemonia hoje está consolidada apesar de um retrocesso significativo em algumas regiões principalmente na Diocese de Florianópolis, onde a região de Itajaí já foi vanguarda e hoje encontra-se dominada pelo TLC.

Torna-se importante estabelecer aqui as razões e as circunstâncias que permitiram a hegemonização da linha de Pastoral no início da década.

Não há dúvidas de que duas questões conjunturais do período histórico que marca o início da década são de significativa importância. O processo de abertura política que admite atividades e atitudes contestatórias, é a primeira, e vem acompanhada pelo significativo crescimento reivindicatório advindo do fortalecimento dos Novos Movimentos Sociais, da luta pela terra, pela democratização do Estado, pela defesa dos Direitos Humanos.

A esses fatores de ordem conjuntural é necessário acrescentar os processos de mudança que se estão passando no interior da Igreja Católica com o nascimento da Teologia da Libertação que ganhou corpo a partir da discussão do documento preparatório da Conferência de Puebla e que se concretiza com o aparecimento aqui e acolá de sacerdotes e religiosos, adeptos da Teologia da Libertação, e, que, coincidentemente ou não, vão ser colocados na função de assessores da Pastoral da Juventude. Esses padres e religiosos são, sem dúvida, elementos chaves para a difusão da Teologia da Libertação e a consequente mudança de rumos da Pastoral da Juventude. Eles transformaram-se rapidamente nos intelectuais orgânicos do movimento. Poderíamos citar Pe. Assis de Itajaí, Frei Severino de Concórdia, Pe. de Criciúma, Pe. Fachini de Joinville, Jandir e Wilson de Rio do Sul para não se falar de Dom José Gomes Bispo de Chapecó, além de outros. A presença deles foi vital para a mudança da fisionomia da Pastoral da Juventude em Santa Catarina. Isso é constatável na afirmação de Santo de Luca: "as condições reais de existência, a exploração do trabalho, a concentração da propriedade da terra na região exigiam atitudes de rejeição e protesto. Mas se não fosse o Frei Severino a gente nem ao menos teria se dado conta disso". É aí que se torna clara a afirma-

ção, a tese de Sader<sup>(3)</sup> de que as carências passam a existir realmente a partir do momento em que são nominadas pelo discurso. Esses padres, através da matriz discursiva da Teologia da Libertação nomeiam as situações de opressão e isso irá provocar uma reação a nível de deflagração de um movimento com outra direção, de ações pastorais mais concretas e voltadas para o social.

Dos três conflitos enumerados, porém, o mais importante vivido pela Pastoral da Juventude é aquele no qual ela antagoniza com a própria hierarquia da Igreja. Praticamente não há região ou Diocese onde os militantes não se queixem da ação, do conservadorismo, do comprometimento do clero com as elites. Nesse particular, Paulo, o coordenador estadual da Pastoral da Juventude afirmou-me que o clero, os padres, em geral, preferem os grupos do encontrismo "porque eles fazem missas bonitas e não contestam e criticam as famílias mais ricas que são aquelas que dão as melhores prendas para as festas".

O fato é que a reflexão crítica que a Pastoral da Juventude faz em relação aos processos históricos, sobre as estruturas sócio-político-econômicas, proporciona aos seus militantes a aquisição de referenciais que os leva a questionar a própria estrutura de poder e os comprometimentos da hierarquia da Igreja, bem como o papel que ela desempenhou na história. É essa a fonte de toda a discórdia.

Para Toninho (Itajaí), basta a pastoral questionar a autoridade da hierarquia e o que antes era aceito como trabalho

---

(3) SADER, Eder. Quando Novos Personagens Entram em Cena. Op. Cit.



pastoral já não o é mais. Segundo ele, "a hierarquia não gosta de ser questionada em nada". Aliás, ele também entende que a maior dificuldade, o principal obstáculo para se levar avante os projetos da Pastoral da Juventude, é, justamente, a hierarquia da Igreja.

Perguntado sobre o relacionamento da Pastoral da Juventude com a hierarquia, o atual coordenador estadual assim se manifestou: "em geral o pessoal encontra dificuldades. Esperam muito o apoio da Igreja e este não vem. Por outro lado, a Pastoral da Juventude mudou muito em termos de qualidade. Daquela Pastoral da Juventude de oba, oba, dos encontros para uma Pastoral da Juventude de militância. Os conflitos se dão principalmente com esse pessoal que passa para a militância quando então começam a questionar a Igreja, entram no sindicato, no partido. A dificuldade básica é a da linha que a Pastoral da Juventude assume. E isso fica crucial principalmente em Joaçaba e Florianópolis".

Explicitando melhor, o que Paulo e Toninho afirmam é que na medida em que os membros de grupos de jovens passam a se apropriar de categorias de análise mais consistentes a respeito dos processos sociais e históricos, acabam descobrindo o papel que a Igreja exerceu e exerce na história, passando a partir daí a questionar de forma séria e contundente a ação e os compromissos da Igreja com os setores mais privilegiados da sociedade. Aí se dá o confronto. A crítica não é aceita pela maioria moderado-conservadora da hierarquia e o conflito fica instituído. Ele se dá primordialmente entre a hierarquia e aqueles adeptos da Pastoral da Juventude que já partiram para um nível ou algum tipo de militância, de maior atuação dentro da sociedade.

De um lado se encontra a hierarquia, o clero em geral, temeroso de perder o controle sobre a pastoral, e do outro lado estão os militantes que querem avançar e fazer o movimento avançar para além dos limites aceitáveis para a hierarquia da Igreja.

Na harmonização do conflito, ou melhor, com a missão de evitar a ruptura, é muito importante a presença do assessor religioso. Este, geralmente, é um defensor e aliado dos militantes mas, ao mesmo tempo, está ali colocado para preservar a "eclesialidade" da pastoral. Nesse sentido, ele exerce o duplo papel de, por um lado, deter avanços mais radicais por parte dos militantes, e, por outro lado, de tentar convencer seus colegas de clero da importância da pastoral e do fato de ela não representar o perigo que eles imaginam. Ele exerce, pois, um certo controle doutrinário sobre as lideranças do movimento, impedindo assim, avanços para além do permissível em se tratando, de um movimento eclesial.

"No fundo, o assessor tem o papel de garantir a eclesialidade da coisa e também garantir a unidade. A eclesialidade é um aspecto que é legítimo que o assessor faça. Vai depender de cada assessor até que ponto ele vai ser freio ou acelerador. Uma hora, tem que ser freio, outra, acelerador e assim por diante. Às vezes em função de coisas corriqueiras e outras vezes em função do projeto maior", afirmou-me o Pe. Florisvaldo. Mas ele ressaltou que uma das coisas que se tenta levar à prática é o protagonismo do jovem. Mas não nega que o assessor influencia muito nas decisões. Ele admite também que uma das tarefas dos assessores padre é o de ajudar a superar os conflitos com a hierarquia.

Não resta dúvidas de que há um claro limite para a ação pastoral e que a grande maioria dos militantes quando atinge esse limite, abandona a Pastoral da Juventude. A maioria deles abandona a Pastoral da Juventude para inserir-se em partidos, sindicatos e/ou outros movimentos populares de militância mais livre e mais radical. Mas há, também, um bom número que se desilude, se fecha sobre a sua vida particular e, até mesmo, há aqueles que aderem a seitas fundamentalistas totalmente voltadas para a espiritualidade mística. Há, em geral, uma grande desilusão sobre a realização de qualquer projeto mais audacioso e mais racional no espaço da Igreja e, conseqüentemente, na Pastoral da Juventude.

No encontro (curso) de Assessores da Pastoral da Juventude do Estado de Santa Catarina em Rio do Sul, um dos maiores problemas levantados pelos presentes foi justamente a falta de apoio do clero que estaria comprometido com a burguesia e, por isso, apoiando movimentos espirituais. O mediador do encontro, Pe. Florisvaldo, explicou que essas dificuldades com a hierarquia se devem à opção por um outro modelo de Igreja que não o "novo" e que isso é inevitável. É mais que tudo uma questão de discernimento em torno do apelo do Espírito Santo, hoje, justificou.

No questionário aplicado na pesquisa eu perguntava como os jovens dos grupos da Pastoral da Juventude, viam a Igreja (enquanto hierarquia). Das duzentos e vinte e seis respostas obtidas, o quadro resultante foi o seguinte:

OPÇÕES APRESENTADAS	Nº	%
1 - É aberta para os jovens	95	42,03
2 - Dá liberdade de ação ao grupo	69	30,53
3 - Atrapalha o grupo	02	0,88
4 - Só pensa em política	02	0,88
5 - É muito conservadora	48	21,23
6 - Outra	07	3,09

O resultado acima indica que os jovens dos grupos possuem uma boa imagem da Igreja. Somente 21,23% (vinte e um v g vinte e três por cento) taxaram-na de conservadora. Isso se deve ao fato de que eles não estão diretamente envolvidos nso con flitos. Estes se dão entre as lideranças, os assessores e a hie rarquia. Por outro lado, o contato desses jovens dá-se com os assessores e não com os vigários. São os assessores que, nesse caso, aparecem para eles como sendo a voz da Igreja.

#### 4.4 - Terminalidade e/ou Continuidade (Uma tentativa de caracterização)

O grande debate na Pastoral da Juventude é sobre a possibilidade de militar politicamente sem deixar a Pastoral. É necessário buscar-se respostas para algumas questões básicas: existe a possibilidade de se militar na Pastoral da Juventude? Que tipo de militância seria essa? Ou seria a Pastoral da Juventude apenas um processo de iniciação, de formação de militantes que militariam posteriormente em outras esferas e instâncias?

Após passar por distintas fases, depois de conseguir uma certa organicidade e articulação nacional, hoje, a Pastoral da Juventude está em busca de um avanço qualitativo em relação à sua prática anterior e de redefinição do seu papel.

A CNAPJ<sup>(1)</sup> em documento/relatório de 1988 levanta e discute uma série de problemas que o jovem mais engajado enfrenta quando passa para o nível da militância<sup>(2)</sup>. O primeiro deles seria o afastamento dos militantes de suas bases eclesiais. Um grande número de jovens ao passarem para a militância política, se afastam por sentirem que os limites que a ação dentro da Igreja lhes impõem são muito fortes. "A Pastoral da Juventude é como se alguém ajuntasse um indivíduo do chão, o pusesse sobre um cavalo, ensinasse a cavalgar mas aí segurasse as rédeas", afirmou um jovem que tentou definir o que acontece com o militante da Pastoral da Juventude. Uma outra afirmação corrente e comum nos meios da Pastoral da Juventude é a de que "a pastoral prepara a noiva mas não casa com ela". Fala-se ainda em "Pastoral-Vestibular. É exatamente isso que preocupa a Comissão Nacional

de Assessores, é isso que pretendem modificar. Pretende-se que a Pastoral de Juventude seja um espaço de luta permanente, um espaço de militância e não apenas de iniciação.

Um segundo desafio seria a tendência de, com o tempo e a reflexão, dar-se uma "absolutização da política". Neste caso estariam sendo relegados e abandonados outros filões temáticos importantes para quem faz pastoral como é o caso do cultivo da fé, da formação da personalidade, da afetividade e por aí afora.

O terceiro desafio seria a confusão teórica sobre a autonomia e a especificidade da esfera eclesial e da esfera política. Acreditam os Assessores que os militantes, muitas vezes, confundem o que é comum a uma ação política e aos deveres provenientes da fé. Eles não conseguem distinguir onde os dois se confundem e onde os dois se separam. Os assessores estão preocupados em distinguir ações políticas derivadas de uma fé comprometida, e ações simplesmente políticas das questões de fé propriamente ditas, da religiosidade, do cultivo pessoal. Ou seja, para eles, existem ações políticas derivadas de uma fé socialmente comprometida mas é necessário resguardar o espaço exclusivo da religiosidade subjetiva. Em outros termos, é importante manter a ambiguidade do discurso e da prática no sentido de agradar os mais amplos setores dos cristãos, ou da juventude cristã.

O quarto perigo ou desafio é o problema da cooptação das lideranças por aquilo que chamam de "tendências políticas",

---

(1) CNAPJ = Comissão Nacional de Assessores da PJ.

(2) CNAPJ. Os Cristãos e a Militância Política, Petrópolis, Vozes, 1988.

sobretudo as de matriz "marxista-leninista" e "marxista-trotskista". Acreditam os assessores que essas tendências infiltram-se na Pastoral da Juventude com a finalidade de cooptar as lideranças para os seus quadros, e, especialmente, por causa da facilidade que a Igreja tem de reunir gente, de ajuntar povo (que, ao meu ver, a Igreja consegue pela ambiguidade do seu discurso e que as tais tendências não conseguem fundamentalmente, por causa da sua ortodoxia e radicalidade doutrinal).

Um último desafio seria a "real ou alegada" ineficácia, no nível político, dos cristãos engajados nos organismos intermediários. Acreditam os assessores que muitos jovens abandonam a militância na Igreja por acharem que a participação dos cristãos nos movimentos sociais não são eficazes, não trazem o resultado que os jovens esperam e pretendem.

Pe. Jorge Boran (assessor nacional da Pastoral da Juventude) acredita que dentre todos, o desafio mais urgente é justamente o da cooptação dos militantes pelas "tendências políticas". Ele afirma que a maioria dos jovens tributa esse fato ao despreparo teórico dos assessores (religiosos e leigos) nas análises sociológico-políticas e por isso os representantes das "tendências" teriam facilidade em convencê-los a abandonar a pastoral e aderir à luta deles.

Não creio que seja essa cooptação o principal motivo para o afastamento do jovem militante da pastoral. Penso que as questões internas são muito mais importantes. Mas, também, tenho a certeza de que o despreparo dos orientadores é um elemento muito importante nessa análise. A reflexão sociológico-política é feita muito à nível de senso comum, de conceitos-chave. A complexidade das relações sociais, da interação do polí

tico com o econômico, com o cultural e o religioso não são bem compreendidas e explicitadas. A análise simplista evoca, em geral, um vanguardismo imediatista, uma urgência ativista e um basismo absolutizado à qual uma boa parte das lideranças não vê possibilidade de se realizar no âmbito eclesial e nem mesmo nos organismos intermediários como o movimento popular, partidos e sindicatos.

Penso, porém, que o grupo que abandona a Pastoral da Juventude por esse motivo (a cooptação pelas tendências políticas) é minoritário. A maioria dos que abandonam a Pastoral da Juventude não o fazem por causa do imediatismo ou do radicalismo da ação mas porque não existe espaço para a militância na Pastoral da Juventude. A maior parte sai porque, de fato, não acredita que a Pastoral da Juventude seja um espaço de militância política. Porque se sentem presos pela hierarquia que dificulta de todas as formas uma ação mais contundente. Eles se sentem montados no cavalo com as armas na mão mas sem as rédeas para fazer o cavalo andar para onde desejam. Alguém está segurando as rédeas. Fato é que a maioria abandona a militância na Pastoral da Juventude, mas se insere em outros movimentos que também nada possuem de imediatismo.

A maioria dos jovens ingressam na Pastoral da Juventude não com a intenção de militar politicamente. Mas esse desejo é despertado pela prática na Pastoral da Juventude. Contudo, não há condições, na prática, para a sua realização.

Torna-se necessário compreender, pois, o que a Comissão Nacional de Assesores entende por militante na Pastoral da Juventude.



"O novo militante é qualitativa-mente distinto do militante clássico: entre-ga-se de corpo e alma ao engajamento político. Tem, porém, da política uma concepção mais orgânica e integrada com todos os outros valores da vida humana. Por isso cultiva um relacionamento humano profundo com as pessoas, sua teoria está sendo sempre testada no chão da história e se abre para a dimensão transcendental e a gratuidade da vida. Trata-se do homem novo do qual fala São Paulo na espístola aos Efésios".<sup>(3)</sup>

Pretende-se um militante de acordo com os valores do Evangelho. Que não absolutize a política, que dê valor ao sobrenatural, que seja mais humano no seu relacionamento com os outros. Que permaneça na comunidade de fé. Que atue politicamente na sociedade mas que resguarde o espaço da reflexão e da mística. Que não se torne sectário, que continue convivendo socialmente.

Na prática, os ex-militantes afirmam que a militância que a Igreja quer é, na realidade, que os jovens que já atingiram um certo grau de maturidade política e na fé, assessorem os grupos e os jovens que estão na fase de iniciação e assim contribuam para a formação de novos quadros. O que se quer é que eles exerçam, de fato, o papel de intelectuais orgânicos do movimento.

Esses assessores (jovens e leigos), por sua vez, queixam-se da falta de tempo para a realização da reflexão, para o lazer. Estão envolvidos em um ativismo desenfreado. Além da sua militância nos assim chamados mecanismos intermediários (sindicatos, partidos, movimento popular) ainda são obrigados a asse-

---

(3) CNAPJ. Os Cristãos e a Militância Política. Petrópolis, Vozes, 1988, p. 16.

sorar os grupos. Na medida em que percebem que nos grupos se faz sempre a mesma coisa, um eterno repetir dos mesmos temas que se dá em função da grande rotatividade, acabam desestimulados e abandonam a Pastoral da Juventude de vez para ficar com os movimentos onde sempre acontecem novas ações, com outra motivação e que trazem resultados mais concretos.

A bem da verdade é preciso dizer que não existe uma militância política, na Pastoral da Juventude. O que há é membros da Pastoral da Juventude que nela exercem um papel de assessoria e que militam em movimentos populares.

Na medida em que o projeto da Pastoral da Juventude é o projeto utópico da libertação global da sociedade e não a libertação dos jovens, a militância não vai se dar dentro da pastoral. Acredito que o que a Comissão Nacional de Assessores pretende, quando fala em pastoral de militância, é assegurar-se de que aquele jovem da Pastoral da Juventude e que milita em outros organismos, o faça apoiado sempre nos valores do Evangelho, nos valores provenientes da fé cristão. Que ele não abandone os "critérios cristãos" para a instituição da nova sociedade. Que permaneça num espaço onde possa voltar para rediscutir a sua ação, reestudar estratégias, e, sobretudo, celebrar, com outros, as vitórias, os fracassos e assim sentir-se comunidade de fé e não desanimar da luta.

No encontro de assessores (Rio do Sul, 17 e 18 de junho de 1989), a questão central em discussão era o estabelecimento, a distinção de diferentes fases porque passa um grupo de jovens, e, a partir daí, propôr estratégias de ação adequadas às diferentes fases ou etapas.

Ao final do encontro concluiu-se que há quatro fases específicas. Três delas caracterizam os grupos de iniciação e, apenas o quarto, o da militância.

Conclui-se que os grupos podem ser classificados em quatro níveis:

1 - Nível de Infância: nessa fase pretende-se ampliar o autoconhecimento e o conhecimento mútuo. Estudar o jovem enquanto comportamentos, relacionamentos familiar, afetividade, bíblia e Jesus Cristo. Sugeriu-se a realização de jogos, gincanas e festas. Em suma, pretende-se ganhar o jovem para o grupo fazendo com se sintam bem, entre iguais, respeitados e com suas aspirações e curiosidades mais imediatas atendidas.

2 - Nível de Adolescente: sugere-se uma metodologia que parta do pessoal para um conhecimento superficial da sociedade (suas formas de organização), procurando entender a sociedade em que vivia Jesus Cristo e buscando compreender a posição deste diante daquela sociedade. Sair da esfera pessoal para o entendimento do grupo, da comunidade.

3 - Nível de Juventude: esta deveria ser a fase da descoberta e do desmascaramento da sociedade, quando então se estudariam a estrutura e o funcionamento da sociedade e onde se pretende capacitar o jovem (à nível teórico) para uma ação transformadora. Para isso a temática giraria em torno de temas como as estruturas sociais do tempo de Jesus Cristo. Jesus Cristo e o Império Romano; fé e política; classes sociais, sistemas econômicos, ideologia e mídia.

4 - Nível de Militância: nessa fase o objetivo é apro

fundar e confrontar a prática e a vida do militante para que assuma o seu compromisso cristão, bem como fortalecer a fé e a caminhada de cada militante através da celebração. A temática a ser estudada deveria focar metodologias de educação popular, correntes ideológicas, partidos políticos, doutrinas sociais, movimentos sociais e análises de conjuntura.

A partir dessas conclusões do encontro de Rio do Sul, bem como da observação sobre as dificuldades que os assessores ali reunidos encontraram para definir o papel do militante, levaram-me a concluir que a Pastoral da Juventude é, de fato, apenas um movimento de iniciação, uma escola de formação de consciência crítica e não um espaço de ação política efetiva.

Na última sessão de estudos do encontro supra mencionado, surgiu uma questão muito significativa. Em qual dessas fases a maioria dos presentes se sentia localizado. A quase totalidade deles sentia-se incluso no nível da juventude. Ou seja, quase ninguém (e o encontro era de assessores, portanto, pretensos militantes) sentia-se na fase da militância. A fase de juventude é considerada a última fase do período de iniciação. Isso nos leva a concluir que a Pastoral da Juventude é, realmente, fase de iniciação.

O próprio opúsculo da CNAPJ, Os Cristãos e a Militância Política, afirma que 90% (noventa por cento) dos grupos estão ainda na fase de iniciação. E desses, com toda a certeza em torno de 95% (noventa e cinco por cento) não chegarão a militar na Pastoral da Juventude. Ou seja, ao passarem para a militância, abandonam a Pastoral da Juventude pelos motivos já expostos.

Na entrevista que me concedeu, Pe. Florisvaldo afirmou: "fala-se de pastoral de iniciação e de pastoral de militância. Mas hoje verifica-se que 90 a 95% dos que se encontram na Pastoral da Juventude, encontram-se em fase de iniciação".

Santo de Luca (Concórdia) acha normal que a maioria dos membros da Pastoral da Juventude assumam uma militância em outros organismos. Ele até mesmo constata que muitos grupos morrem por causa disso. Mas, segundo ele, isso não é um mal uma vez que esses grupos morrem porque deram frutos, produziram militantes, formaram quadros para os movimentos sociais, partidos políticos e sindicatos. E, para esse entrevistado, isso significa que cumpriram a missão. Ou seja, ele admite e até mesmo justifica a Pastoral da Juventude como espaço de formação de militantes e não como instância própria de militância.

A partir dessa afirmação podemos até concluir que os grupos de jovens são contraditórios, são passageiros, como passageira é essa idade. Na verdade, porém, a maioria dos grupos sobrevive mas com uma rotatividade muito grande de adeptos a cada ano. Em consequência não há uma continuidade da reflexão mas um constante retorno aos mesmos temas e isso leva os mais antigos ou ao desânimo, ou à busca de outros espaços de maior avanço na reflexão e ação.

Um outro dado de observação nas reuniões e encontros de que participei em maio e junho de 1989 foi a faixa etária muito baixa entre os jovens e lideranças que atuam nos grupos de jovens. É um dado de observação, mas 90% (noventa por cento) desses jovens tinham entre quatorze e dezessete anos. Isso configura estudantes secundaristas. Iniciantes, portanto.

Os questionários revelam que apenas 28,8% (vinte e oito por cento) dos cento e oitenta e quatro que responderam, são sindicalizados apesar de 87,5% (oitenta e sete por cento) já trabalharem; 38,4% (trinta e oito por cento) já participaram do movimento grevista e 29,89% (vinte e nove por cento) já haviam participado de algum movimento popular.

O elevado número já economicamente ativo se deve ao fato de a maioria serem trabalhadores rurais (54,92%) onde o jovem participa do trabalho familiar desde muito cedo. Provavelmente o pai é sindicalizado o que explicaria o baixo índice de sindicalizados. Isso também se deve, creio, à baixa idade desses jovens e do fato de estarem ainda em fase de iniciação e isso deve explicar o baixo índice de militância.

Em conclusão, pelo que está posto, penso que estou autorizado a afirmar que a Pastoral da Juventude é realmente uma escola. Uma escola alternativa. Uma escola onde se forma a consciência crítica e se difunde a utopia da libertação. Uma escola alternativa que trabalha aquelas questões que dizem respeito à vida concreta dos participantes. Uma escola que adota o método do ver-julgar-agir, mas que, em geral, só chega ao julgar. O agir se dará posteriormente, fora dos muros dessa escola, no movimento popular, sindicatos e partidos. É uma escola que ocupa um espaço de formação de consciência social com a qual a escola tradicional não se ocupa.

O trabalho realizado pela Pastoral da Juventude não possui uma terminalidade. Não possui um ponto de chegada nela mesma. Propõe a superação da ordem estabelecida e faz a preparação de militantes para a realização de tal projeto. Ela em

si, no entanto, não se sente em condições de levá-lo a cabo. A Pastoral da Juventude é, pois, propedêutica. Prepara os indivíduos para a continuidade da luta fora e para além dela mesma.

## CONCLUSÕES

Apesar de não pretender ser conclusivo na temática focalizada, creio ser possível, ao final deste trabalho, tecer algumas considerações que no transcurso da pesquisa foram se tornando claras.

1 - Analisando o papel da religião na sociedade, considerando, especificamente, a dicotomia transformação/conservação, a bibliografia consultada sugeriu-me que ela predominantemente atuou e atua à serviço da conservação, da manutenção da estrutura social e dos valores. Isso não significa, no entanto, que a religião seja pura e simplesmente um aparelho ideológico da conservação social. Muito pelo contrário, o fato de que o discurso religioso comportar uma grande ambiguidade, significa que ele se presta para o aparecimento de distintas formas de ação, possibilitando inclusive ações revolucionárias. A ambiguidade do discurso é sobretudo significativo porque consegue aglutinar, juntar pessoas dos mais diferentes níveis intelectuais e sociais, ideológicos, políticos e econômicos, uma vez que possibilita as mais diferentes e contraditórias interpretações.

Nesse sentido, existe no contexto religioso e nas estruturas das Igrejas espaços muito interessantes para uma ação, ou melhor, para o surgimento e organização de movimentos populares que podem vir a ser deflagradores de ações que visam a mudança das relações sociais e das estruturas da sociedade pela instauração de novos valores.



2 - É justamente em função disso, dessa ambiguidade do discurso que a Igreja Católica no Brasil e, especificamente, em Santa Catarina, oferece um espaço propício para a iniciação ou para a deflagração de movimentos sociais. É um espaço excelente para a gestação e desenvolvimento dos movimentos sociais mas, ao mesmo tempo, é um espaço que impõe alguns limites. Esses limites são, fundamentalmente, de ordem moral e espiritual. Questões de origem ética ligados a valores colocados como inquestionáveis. Paralelamente vem a preocupação em manter o movimento sob o controle de hierarquia com normas e valores ditados pelo sagrado, pelas questões de fé que limitam a ação revolucionária e conduzem a uma religiosidade mais mística e menos comprometida com a mudança da realidade social.

Ao mesmo tempo em que o espaço eclesial é excelente para a iniciação, pode ser e, geralmente o é, uma barreira para avanços mais profundos na direção de mudanças mais estruturais. No discurso prega-se uma nova ordem quando na prática as ações mais comprometidas são inibidas e, em geral, não acontecem.

3 - Com relação ao processo histórico vivido pela Pastoral da Juventude é possível concluir que ela acompanhou o processo histórico recente do país muito mais como vítima, como paciente do processo do que como agente. Foi subserviente à hierarquia e ao controle dos adultos durante o período autoritário (1968-70). Absteve-se nesse período da participação política mais ativa e objetiva enquanto Pastoral da Juventude. O advento dos Novos Movimentos Sociais, o aparecimento da Teologia da Libertação contribuíram para o reflorir da ação política mais ativa principalmente na luta pela redemocratização do Estado, no início dos anos oitenta.

4 - A Pastoral da Juventude não possui um projeto político próprio. Existem concepções, diretrizes, linhas gerais de ação. Existem uma realidade que se pretende modificar. Não, há, contudo, uma clara visão do tipo de sociedade que se pretende construir. Há dúvidas inclusive, se a pastoral deve ou não ter um projeto político próprio. Existe, isto sim, e é muito positivo que assim seja, um consenso de que há um projeto que se está construindo na "caminhada" e que o papel da Pastoral da Juventude é contribuir para a construção do referido projeto. Existe também, a preocupação em se manter fiel, aos princípios, norteados provindos da fé, os "critérios cristãos". A Pastoral da Juventude não é um espaço para a realização de um projeto político próprio, ela ajuda a reproduzir a utopia ao nível de criação de uma vontade política de mudança, de criação do novo, da instauração de uma ordem e uma sociedade diferente, melhor.

5 - A Pastoral da Juventude age no sentido da difusão e generalização do discurso utópico. Esse discurso cria a consciência crítica e a propensão para a mudança, uma vez que, cria valores à nível de ideal-tipo, como a idéia do reino de Deus, do reino da justiça, da igualdade, da felicidade. Esse discurso ajuda as populações mais simples a perceber as suas carências. Percebendo as suas carências cria-se a predisposição para a ação política. Esta, por sua vez, não se dará no espaço da Pastoral ou da Igreja, mas fora dela, no movimento popular.

6 - A Pastoral da Juventude é atingida por uma série de conflitos. O conflito básico é aquele que atinge a Igreja Católica como um todo e que gira em torno da existência no meio clerical de grupos antagônicos. Internamente, os diferentes grupos de jovens seguem linhas de reflexão e de ação antagônicas:

linha de movimentos (mais mística) e a linha de Pastoral (mais comprometida com o movimento popular). O conflito maior, entretanto, é o conflito entre a Pastoral da Juventude com a hierarquia da Igreja. A reflexão crítica que a Pastoral da Juventude faz em relação aos processos históricos, sobre as estruturas sócio-político-econômicas proporciona aos seus militantes a aquisição de referenciais que os leva a questionar a própria estrutura de poder e os comprometimentos da hierarquia, bem como o papel que esta desempenhou na História. Isso provoca sérios conflitos e faz com que a hierarquia pretenda constantemente limitar o espaço de ação da Pastoral da Juventude.

7 - A Pastoral da Juventude funciona como um espaço alternativo para a formação da consciência crítica dos jovens. Um espaço de difusão da utopia da Libertação. Adota-se o método do ver-julgar-agir na interpretação da realidade. Muito mais que um espaço para a realização de um projeto político racional, é um espaço para a formação de lideranças e militantes. É um movimento que não possui terminalidade. Não possui um ponto de chegada nela mesma. É um movimento de iniciação de militantes. A Pastoral é propedêutica. Ela prepara militantes que se iniciam na Pastoral e irão militar, de fato em outros organismos da sociedade como o sindicato, partido político, ou outros movimentos populares.

Não há como negar a importância da Pastoral da Juventude muito especialmente pelo fato de ser ela, sem dúvida, um dos principais espaços de formação de quadros, de formação de militância. Grande parte das lideranças que comandam hoje o movimento popular os sindicatos e até partidos políticos são oriundos da Pastoral da Juventude. Ela é, pois, um espaço privi-

legiado de produção de consciência política e de liderança popular. Isso por si só já lhe justifica a razão de existir. Isso lhes confere um papel social significativo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01 - ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e Oposição no Brasil (1964-84). 3. ed. Petrópolis, Vozes, 1985.
- 02 - ANDERSON, Peny. Considerações sobre o Marxismo Ocidental. Porto, Ed. Apontamento, 1976.
- 03 - ANPUH. Sociedade & Cultura. Revista Brasileira de História, nº 15. São Paulo, Marco Zero, 1988.
- 04 - ANPUH. Cultura e Linguagem. Revista Brasileira de História, nº 13. São Paulo, Marco Zero, 1987.
- 05 - BISPOS DA AMÉRICA LATINA. Conclusões de Medellin. São Paulo, Paulinas, 1984.
- 06 - BOBBIO, Norberto. O Futuro da Democracia. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- 07 - BOFF, Clodovis. Comunidade Eclesial - Comunidade Política. Petrópolis, Vozes, 1978.
- 08 - BOFF, Leonardo. Igreja: Carisma e Poder. Petrópolis, Vozes, 1982.
- 09 - BOMENY, M. Bourguet. Organização Nacional da Juventude. Rio de Janeiro, CPDO C/FGV, 1981, mimeo.
- 10 - BORAN, Jorge. Juventude, o Grande Desafio. 2. ed. São Paulo, Paulinas, 1983.
- 11 - CARDOSO, F.H. e FALETTO, E. Dependência e Desenvolvimento na América Latina. 6. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- 12 - CASTORIADIS, Cornélius. A Instituição Imaginária da Sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- 13 - LEBRAP. Novos Estudos. nº 17, maio de 1987.

- 14 - CNAPJ. Os Cristãos e a Militância Política. Petrópolis, Vozes, 1988.
- 15 - COUTINHO, Carlos Nelson. Gramsci. Porto Alegre, L & PM, 1981.
- 16 - DE DECCA, Edgar. O silêncio dos Vencidos. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- 17 - DOIMO, Ana Maria. Os Rumos dos Movimentos Sociais nos Caminhos da Religiosidade. In: \_\_\_\_\_. KRISCHKE, Paulo e MAINWARING, Scott. A Igreja nas Bases em Tempo de Transição. Porto Alegre, LP & M/CEDE, 1986.
- 18 - DUSSEL, Enrique. Ética Comunitária. Petrópolis, Vozes, 1986.
- 19 - FAUSTO, Boris. Trabalho Urbano e Conflito Social. São Paulo, Difel, 1986.
- 20 - FILHO, Daniel A.R. e SÁ, Jair F. de. Imagens da Revolução. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1985.
- 21 - FREI BETO. O que é Comunidade Eclesial de Base. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- 22 - FREITAG, Bárbara. Sociedade e Consciência. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1986.
- 23 - GOODWIN, Barbara and TAYLOR, Keith. The Politics of Utopia. London, Hantolinson University Library, 1982.
- 24 - GRAMSCI, Antônio. Concepção Dialética da História. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1986.
- 25 - GUATTARI, Felix. Revolução Molecular; Pulsações Políticas do Desejo. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- 26 - GUTIERREZ, Gustavo. Teologia da Libertação. 2. ed. Petrópolis, 1976.
- 27 - HUBER, Joseph. Quem Deve Mudar Todas as Coisas. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

- 28 - KRISCHKE, Paulo e MAINHARRING, Scott. Igreja nas Bases em tempo de Transição. Porto Alegre, LP & M/CEDE, 1986.
- 29 - LASKI, H. Fé, Razão e Civilização. Rio de Janeiro, L.J. Olympio, 1946.
- 30 - LENHARO, Alcir. Sacralização da Política. 2. ed. Campinas, Papirus, 1986.
- 31 - LISBOA, Armando. Da Prática Pastoral à Militância Política. Mimeo, 1986.
- 32 - LUSTOSA, Oscar F. Política e Igreja. São Paulo, Paulinas, 1982.
- 33 - ORLANDI, E.P. O Discurso Religioso. In: \_\_\_\_\_. A Linguagem e seu funcionamento. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- 34 - MOTA, Carlos Guilherme. Ideologia da Cultura Brasileira (1933 - 1974). 5. ed. São Paulo, Ática, 1985.
- 35 - MOREIRA ALVES, Maria Helena. Estado e Oposição no Brasil (1964 - 1984). Petrópolis, Vozes, 1985.
- 36 - OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Religião e Dominação de Classe. Petrópolis, Vozes, 1985.
- 37 - PETRINI, João Carlos. CEBs: Um novo sujeito popular. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- 38 - QUEIROZ, Maria Isaura. O Messianismo no Brasil e no Mundo. 2. ed. São Paulo, Alfa-ômega, 1976.
- 39 - ROMANO, R. Brasil: Igreja contra o Estado. São Paulo, Kairós, 1979.
- 40 - SANCHIZ, Pierre. In: \_\_\_\_\_. VANILDA, Paiva (org.) Igreja e Questão Agrária. São Paulo, Loyola, 1985.
- 41 - SADER, Eder. Quando Novos Personagens entram em Cena. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- 42 - SCHERER - WARREN, Ilse. Redescobrimo a Nossa Dignidade: uma Avaliação da Utopia da Libertação na América Lati-

- na. Mimeo, 1987.
- 43 - SCHERRER-WARREN, Ilse. Movimentos Sociais. Florianópolis UFSC, 1984.
- 44 - SCHNEIDER, Atalíbio. Fenomenologia da Juventude. Mimeo, 1981.
- 45 - SILVA, J.L. Werneck da. A Deformação da História. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- 46 - SORJ, Bernardo e ALMEIDA, Maria Hermínia T. de (org.) Sociedade e Política no Brasil pós-64. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- 47 - SOUZA, Luis Alberto Gomes de. Classes Populares e Igreja nos Caminhos da História. Petrópolis, Vozes, 1982.
- 48 - SOUZA, Luis Alberto Gomes de. A Política Partidária nas CEBs. Petrópolis, Vozes.
- 49 - SOUZA, L.A. Gomes de. A JUC: Os Estudantes Católicos e a Política. Petrópolis, Vozes, 1984.
- 50 - TORRES, Camilo. Cristianismo y Revolución. México, Era, 1970.



A N E X O S

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

- 1 - O que leva você a participar do grupo de jovens?
- ( ) a amizade e o lazer
  - ( ) a ocupação do tempo vago
  - ( ) a melhoria da vida espiritual
  - ( ) acredita ajudar a melhorar o mundo
  - ( ) outro? Qual? \_\_\_\_\_
- 2 - Como você vê a Igreja (hierarquia, clero)?
- ( ) é aberta para os jovens
  - ( ) dá liberdade de ação ao grupo
  - ( ) atrapalha o grupo
  - ( ) só pensa em fazer política
  - ( ) é muito conservadora
  - ( ) outro? Qual? \_\_\_\_\_
- 3 - O que você pensa da Teologia da Libertação?
- ( ) é só política
  - ( ) a Igreja devia adotá-la como oficial
  - ( ) você concorda com o papa que quer acabar com ela
  - ( ) ela é mais concreta e está mais próxima do que Cristo queria
  - ( ) ajuda o povo a refletir sobre a sua realidade
  - ( ) é uma forma de desunir a Igreja
  - ( ) é obra dos que querem o mal da Igreja
  - ( ) outra? Qual? \_\_\_\_\_
- 4 - Você acredita que a Pastoral da Juventude deve:
- ( ) ajudar a construir uma sociedade melhor
  - ( ) deve limitar-se ao cultivo espiritual
  - ( ) deve participar da vida política
  - ( ) outra? Qual? \_\_\_\_\_
- 5 - Você acredita que os jovens:
- ( ) têm um papel importante na transformação da sociedade
  - ( ) sua contribuição é insignificante
  - ( ) devem preocupar-se apenas com a sua formação pessoal
  - ( ) devem participar de sindicatos e partidos políticos
  - ( ) outro? Qual? \_\_\_\_\_

- 6 - A participação no movimento de jovens:
- ) melhorou sua vida espiritual
  - ) lhe deu maior consciência crítica
  - ) te transformou em um militante em algum movimento social
  - ) fez de ti um revolucionário em potencial
  - ) te ajudou a compreender melhor o mundo
  - ) não ajudou em nada
- 7 - Você acredita ser possível construir o paraíso ainda aqui na terra?
- ) SIM  ) NÃO
- 8 - Você acredita que a função do seu grupo seja agir dentro dos movimentos sociais, para mudar a sociedade?
- ) SIM  ) NÃO
- 9 - Você acredita que quem muda as coisas é Deus e que cabe aos jovens purificar-se e pedir que Deus mude as coisas?
- ) SIM  ) NÃO
- 10 - Você acredita que os jovens, nos grupos, devem preocupar-se em cultivar sua espiritualidade para garantir a vida eterna?
- ) SIM  ) NÃO
- 11 - O que você pensa de líderes da Pastoral da Juventude que se candidatam a cargos políticos e militam partidos?
- ) Bom  ) Ruim  ) Indiferente
- 12 - O que você pensa dos grupos de jovens que são ativistas políticos: fazem passeatas, ajudam a organizar greves, apóiam os sem-terra, etc.
- ) Bom  ) Ruim  ) Indiferente
- 13 - O que você pensa dos grupos que apenas se preocupam com o espiritual?
- ) Bom  ) Ruim  ) Indiferente
- 14 - Você acha possível compatibilizar as duas coisas?
- ) SIM  ) NÃO
- 15 - Você trabalha?
- ) SIM  ) NÃO

16 - Em que atividade?

( ) comércio

( ) indústria

( ) serviços

( ) agricultura

( ) outro? Qual? \_\_\_\_\_

17 - Você é sindicalizado?

( ) SIM

( ) NÃO

18 - Já participou de greve?

( ) SIM

( ) NÃO

19 - Considera a greve uma bagunça?

( ) SIM

( ) NÃO

Você já participou de algum outro movimento social?

( ) SIM

( ) NÃO

( ) Qual? \_\_\_\_\_

( ) Período: \_\_\_\_\_

( ) Tipo de participação: \_\_\_\_\_

Se você tiver alguma outra observação a fazer sobre a finalidade e atuação do grupo de jovens ou da Pastoral da Juventude, aproveite o restante da página para fazê-lo.

Grato.

= ROTEIRO DE ENTREVISTA - ASSESSORES (Leigo e/ou religiosos)

- 1 - Como a Igreja vê a Pastoral da Juventude? O que pretende com ela?
- 2 - A Igreja quer fazer dos jovens militantes na política?
- 3 - Como vê a sua posição em relação ao movimento? Orientar, frear ou manter a unidade?
- 4 - Na sua opinião, a Pastoral da Juventude pode participar de maneira significativa, e, até mesmo liderar, o processo de transformação da sociedade? Por quê?
- 5 - A Pastoral da Juventude possui um projeto político?
- 6 - A mística ajuda ou atrapalha a realização desse projeto? Por quê?
- 7 - Como a Igreja vê o fato de lideranças da Pastoral da Juventude candidatarem-se a cargos políticos?

= ROTEIRO DE ENTREVISTA - LIDERANÇAS

- 1 - Por que participa da Pastoral da Juventude?
- 2 - Acredita que a Pastoral da Juventude possa mudar a sociedade?
- 3 - A Pastoral da Juventude deve centrar a sua preocupação mais no político ou mais no espiritual? Por quê?
- 4 - Vocês refletem sobre temas como luta de classes, classes sociais, revolução? Por quê?
- 5 - Quais são as atividades práticas que o grupo desenvolve? Como você as avalia?
- 6 - Como vocês se relacionam com o padre, com a hierarquia em geral?
- 7 - Você considera as pessoas do seu grupo, conscientes do seu papel social?
- 8 - Qual a origem social (classe ou categoria) da maioria dos membros do seu grupo?
- 9 - O que você pensa da Teologia da Libertação?
- 10 - Você participa de algum sindicato ou partido? Qual? Por quê? Pretende participar algum dia?
- 11 - Você considera o seu grupo importante para a comunidade? Por quê?
- 12 - A idéia da "Parusia" é um alimento para a ação da Pastoral da Juventude ou serve de elemento alienador?
- 13 - Você acredita que o paraíso deve ser construído a partir do aqui e agora?

= ROTEIRO DE ENTREVISTA - EX-LIDERANÇAS

- 1 - Quando entrou na Pastoral da Juventude?
- 2 - Quando saiu da Pastoral da Juventude?
- 3 - Ocupou algum posto na Pastoral da Juventude? Qual?
- 4 - Por que abandonou a Pastoral da Juventude?
- 5 - É militante em algum movimento popular e/ou partido?
- 6 - A Pastoral da Juventude possui um projeto político? Ele é viável?
- 7 - Os jovens possuem, de alguma forma, a capacidade de liderar e/ou influir significativamente no processo de transformação da sociedade? Por quê? Como?
- 8 - Na sua opinião, qual é o papel específico da Pastoral da Juventude? Por quê?
- 9 - De que maneira se dava o relacionamento com a hierarquia da Igreja, no seu tempo?
- 10 - Quais os limites que você vê para a Pastoral da Juventude de levar a cabo o seu projeto?
- 11 - A idéia de "Parusia" é um alimento para a ação da Pastoral da Juventude ou serve de elemento alienador?
- 12 - Você considera importante a reflexão de temas como classes sociais, lutas de classes na Pastoral da Juventude? Como a Igreja aceita isso?
- 13 - Você considera a Pastoral da Juventude como um momento transitório na vida ou algo de certa forma definitivo e capaz de realizar um projeto? Por quê?
- 14 - Você acredita que o paraíso deve ser construído a partir do aqui e agora?